Título: Teologia Orante na Liturgia do Oriente

Capa e Edição por Gustavo Galdini

Sumário

Biografia 1

1 Apresentação **2**
Prefácio 5

2 Primeira Parte **6**
Liturgia 7
Santíssima Trindade na liturgia bizantina 7
Início da liturgia 8
Cristo, razão de ser da liturgia 12
Iconostase 13
Altar 14
Liturgia 15
Espírito Santo, alma dos ofícios litúrgicos 23
Sacramentos 23
Divina liturgia 24
Conclusão 26
Virgem Maria na liturgia bizantina 28
Virgem Maria em si mesma 29
Virgem Maria em relação a nós 29
Maria em relação a Deus 30
Cheia de graça ("Kekharitômémé") 34
Vela acesa 37
Símbolo de consumação 37
Símbolo de Cristo, Luz do mundo 38
Procissão 40

3 Segunda Parte **42**

Iconografia bizantina: Santificação pela vista 43
Virgem Maria na iconografia bizantina 47
Ícone da Virgem Orante 49
Ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro 51
Virgem Maria no Antimensio 54

4 Terceira Parte 58
Sacramentos 59
Batismo, admissão dos catecúmenos 59
Introdução à Casa de Deus e inscrição no livro da vida . . 59
Renúncia a satanás e adesão a Cristo 60
Exorcismo 61
Sinal-da-cruz, imposição das mãos, bênção do óleo 62
Administração do batismo 65
A veste branca 65
Velas - Iluminação 67
Filhos da Luz 69
Crisma ou Confirmação 72
Eucaristia 75
A eucaristia é "fonte de perdão" 76
Eucaristia, sacramento e sacrifício 78
Penitência: segunda tábua de salvação 79
Penitência e misericórdia de Deus 82
Penitência, ato comunitário 86
Matrimônio 89
Não é bom que o homem esteja só 90
O amor, fundamento do matrimônio perfeito 91
Características do amor matrimonial 92
Matrimônio sacramento 92
Ritual do matrimônio 93
Unção dos enfermos, sacramento do conforto 95

Atitude de Cristo para com a doença e os doentes 95
Promulgação do sacramento da unção dos enfermos . . . 96
Finalidade da unção dos enfermos 98
Ritual da unção dos enfermos 98
Sacerdócio 99
Instituição do sacramento 100
Graus na ordem sacerdotal 102
O Leitorado 103
Rito 103
Subdiaconato 104
Rito 105
Três cerimônias 105
Diaconato 106
Rito 106
Ordenação sacerdotal 111
1. Proclamação da Ordenação 111
2. Procissão em volta do altar 111
3. Colação do sacerdócio 112
4. Imposição dos paramentos 114
5. Entrega do depósito 115

5 Conclusão **116**
Amor louco de Deus 117

Teologia Orante na Liturgia do Oriente

Monsenhor Pedro Arbex

Biografia

Monsenhor Pedro Arbex nasceu na cidade de Yabroud (Siria), no dia 11 de abril de 1916. Aos nove anos de idade ingressou no Seminário Melquita de Sant'Ana, em Jerusalém. Aos 24 anos de idade foi ordenado sacerdote. Ministrou aulas de língua árabe no próprio seminário, durante quatro anos. Retornou à Siria em 1942, a fim de tomar conta de várias paróquias vizinhas à cidade de Homs.

Em 1948 veio ao Brasil, instalando-se em Juiz de Fora, MG. A princípio, sem intenção de permanecer no país, mas por insistência dos familiares e do bispo local, acabou ficando até 1962, na Igreja Nossa Senhora do Rosário daquela cidade. Lecionou várias matérias como francês e grego (língua e literatura) em vários locais. Em 1954 passou a desempenhar o cargo de "Pároco dos Melquitas" e, em 1958, começou a providenciar a construção da Igreja de São Jorge.

Tendo sido criado pela Santa Sé o "Ordinariato dos Católicos Orientais no Brasil", em 1955, desligou-se de sua Diocese de Oriente, encardinando-se no recém-criado Ordinariato, substituído, em 1972, pela Eparquia Melquita no Brasil.

Em dezembro de 1969, recebeu as honras de Monsenhor por sua Beatitude o Patriarca Maximus V. Além de pároco da Igreja Melquita de São Jorge, ocupava-se em escrever. Faleceu no dia 10 de setembro de 1980, com 64 anos de idade.

Capítulo 1

Apresentação

Teologia Orante na Liturgia do Oriente

Com a finalidade de tornar conhecidas e compreendidas as riquezas espirituais do Oriente cristão, aqui vão ensaios referentes mais à liturgia, no sentido amplo da palavra. Ficou comprovado historicamente que, graças à liturgia, a fé foi conservada nas almas dos fiéis, apesar das perseguições e dos entraves que, no decorrer dos séculos, foram usados para impedir ou dificultar a instrução religiosa das novas gerações. O fenômeno, aliás, repete-se em nossos dias, nos países onde a religião é combatida: a fé continua viva na alma do povo, graças, pode-se dizer, às cerimônias litúrgicas, malgrado os obstáculos de toda espécie que os governantes ateus interpõem em seu caminho.

A liturgia, e nessa palavra incluímos não somente o sacrifício eucarístico, mas também os ofícios de cada dia, assim como das festas e a administração dos sacramentos, é a teologia em forma de oração. Durante o ano quase todas as verdades da fé apresentam-se à meditação dos fiéis de modo acessível e, frequentemente, poético. Por isso pode-se dizer que a liturgia é "a teologia orante".

Os Santos Padres diziam: teólogo é "aquele que sabe rezar". A verdadeira teologia é sempre uma forma de oração, traduz em termos teológicos a experiência direta de Deus, geradora de piedade e de amor. Por isso os Padres liam a Bíblia, como consumavam a eucaristia, procuravam antes de tudo a presença de Cristo e sua comunhão. A teologia prega-se, mas também reza-se e vive-se nos ofícios. Não é um sistema de referências, mas a aquisição do espírito patrístico e, por meio deste, do espírito apostólico.

Diz Evdokimov:

> O Oriente nunca teve simpatia para com as "Sumas teológicas" nem para com os sistemas escolásticos. Toda formulação ou definição excessiva provoca desconfiança espontânea. É convicção inata, que vem dos Padres da Igreja, que não é bom especular sobre os mistérios; vale mais contemplá-los e deixar-se iluminar, penetrar por sua luz. Não racionalizado, o mistério torna-se iluminador. Donde um tipo de espiritualidade muito mais litúrgica e iconográfica que discursiva e

> doutrinária. Por isso, o estrito necessário dos dogmas nunca é separado da liturgia nem a palavra, da vida. Os concílios formularam os dogmas como um canto de louvor, com forma de doxologia, para que possam entrar facilmente na própria trama da liturgia. Assim a "Trindade consubstancial e indivisível", o hino do "Filho Unigênito", o credo; ao mesmo tempo, os dogmas, erguem-se em contemplação sobre os ícones das festas litúrgicas. A Igreja santifica e reza mais do que ensina e formula (Cristo, no pensamento russo).

Queremos ressaltar que esses ensaios são estudos simples ao alcance do comum dos fiéis e não explanação de teses teológicas para especialistas.

Deus permita que deles resulte algum bem moral e espiritual!

Prefácio

Neste tempo de miséria espiritual, quantos "teólogos" e quantas "teologias" que nada têm a ver com a teologia! A teologia do Oriente não é apenas uma ciência como as outras. Pelo contrário, ela nos chama a ultrapassar a suficiência de uma ciência puramente acadêmica, erudita, enciclopédica. Ela se recusa a tudo, sobretudo a muito dogmatizar. "Ela não tem necessidade de formular; ela tem antes necessidade de não formular, com o objetivo de deixar grande margem e grande liberdade às opiniões múltiplas dos teólogos".

Para falar de Deus, os Pais da Igreja do Oriente não desprezam a teologia catafática, ou seja, positiva. Mas eles apenas lhe dão o valor "simbólico". A teologia do Oriente é essencialmente apofática, negativa. Mas a via negativa, como observa Henri de Lubac, não é negadora, pois negatividade não é negação. Ela é um apelo para transpor os conceitos: "Os conceitos criam os ídolos de Deus, diz São Gregório de Nissa; só a admiração apreende alguma coisa". A teologia verdadeira é fundamentalmente contemplação, oração, adoração.

A formação teológica do clero do Oriente nunca se contentava com o estudo de manuais escolásticos. A melhor escola de teologia sempre era, e ainda é, a oração litúrgica, esta mistagogia que conduz à experiência de Deus, à vida com Deus, em Deus: "Se tu rezas verdadeiramente, tu és teólogo, e se tu és teólogo, rezarás em verdade", dizia Evágrio do Pôntico.

Descobrir esta via rumo a Deus, experimentar esta união com Deus é precisamente o objeto deste livro, que hoje temos o prazer de apresentar ao público brasileiro. É uma grande alegria para nós ver com que entusiasmo e amor o leitor brasileiro já acolheu os trinta e dois livros que fizemos publicar nestes três últimos anos sobre o patrimônio oriental bizantino: teologia, iconografia, liturgia, história, espiritualidade, etc. Nesta lista de publicações o livro Teologia orante na liturgia do Oriente não terá o último lugar pelo grande impacto que certamente produzirá.

– Dom Pierre Mouallem, *Eparca Metropolita do Brasil*

Capítulo 2

Primeira Parte

Liturgia

Santíssima Trindade na liturgia bizantina

A Santíssima Trindade paira sobre a liturgia do começo ao fim. Todo o esplendor da salvação divina emana da Trindade Santa, que é a fonte de toda vida e de todo crescimento espiritual.

A criação do mundo acha-se no termo do movimento descendente dos atos de Deus: do Pai pelo Filho no Espírito Santo; enquanto a ascensão do homem, a economia da salvação, segue a ordem inversa: do Espírito Santo (que nos é mais íntimo que nós mesmos) pelo Filho em direção ao Pai... Se não há acesso ao Pai, senão pelo Filho, assim também não há acesso ao Filho, senão pelo Espírito Santo.

Qualquer oração, secreta ou não, conclui-se por uma doxologia ao Pai, Filho e Espírito Santo, porque a eles pertencem toda glória, honra, adoração, poder e realeza; porque são santos, etc.

Entrando no templo para celebrar a divina liturgia, o sacerdote diante da porta santa e dos ícones do iconostase pede a vinda do Espírito Santo para estar com ele no cumprimento desse ato tão sublime:

> Rei celeste, consolador, Espírito da Verdade, presente em toda parte e ocupando todo lugar, tesouro dos bens e dispensador da vida, vinde e habitai em nós, purificai-nos de toda mancha e salvai nossas almas, vós que sois bom.

Em seguida implora à Santíssima Trindade o perdão de seus pecados:

> Santíssima Trindade, tende piedade de nós; Senhor (Pai), remi nossos pecados; Mestre (Filho) soberano, perdoai nossas ofensas; ó Santo (Espírito Santo), olhai e curai nossas doenças, por amor de vosso nome.

Após ter preparado as oblatas no altarzinho da Protese, o sacerdote reza sobre elas a oração da oferenda na qual implora a bênção da Santíssima Trindade para as oferendas, para os que as ofereceram e para aqueles pelos quais foram oferecidas "porque santificado e glorificado foi vosso nome digno de toda honra e majestade, Pai, Filho e Espírito Santo, agora..."

Início da liturgia

Os braços levantados, o sacerdote invoca de novo o Espírito Santo "Rei celeste, consolador..." para poder abrir os lábios e publicar os louvores do Senhor. E, fazendo com o evangelho o sinal-da-cruz em cima do altar, exclama: "Bendito seja o reino do Pai, do Filho e do Espírito Santo, agora..."

> É a bênção trinitária mais solene entre as fórmulas litúrgicas. O Santo de Deus entra aqui e agora, eliminando o tempo e o espaço profanados. A assembleia acha-se retirada da condição da existência decaída e introduzida no reino da Trindade Santa: o reino vem e está já aí.

Monogenis – Canto de louvor à glória do Verbo feito homem; une à clareza da visão dogmática a riqueza lírica da expressão poética. Nele, o Filho Unigênito (monogenis), o Verbo de Deus, a segunda pessoa da Trindade Santa é glorificado com o Pai e o Espírito Santo. Proclama-se nele também o mistério da encarnação, da redenção, a ressurreição de Cristo e a maternidade e virgindade perpétua de Maria.

A respeito desse hino, observa Evdokimov que se deve notar o paralelismo entre a liturgia dos catecúmenos (da palavra) e a liturgia dos fiéis (da eucaristia): nessa última, o credo precede a eucaristia; aqui, precede a leitura da palavra. Por isso, ele chama esse hino de o credo dos catecúmenos.

Trisagion – Louvor a Deus três vezes santo.

A santidade de Deus nos ultrapassa totalmente, sem nenhuma medida nem correspondência possível. O amor, o poder, a sabedoria, podem ser sugeridos por

algumas analogias nas coisas humanas, mas a santidade é atributo próprio só a Deus. Deus aceita a adoração e concede a todos o dom de "se tornarem participantes de sua santidade".

A oração secreta do trisagion nos transporta a um ambiente de apocalipse:

> Deus santo, que repousais nos santos e sois louvado pelos serafins com um cântico três vezes santo; que sois glorificado pelos Querubins e adorado por todos os poderes celestes...

e nos faz pedir a graça de cantar a sua santidade: "Vós, Senhor, aceitai de nossa boca, nós pecadores, o hino três vezes santo".

Enquanto o sacerdote reza essa oração o coro canta o trisagion: "Santo Deus, Santo Poderoso, Santo Imortal".

Esse hino que, segundo alguns, corresponde ao "Santo, Santo, Santo..." da liturgia dos fiéis, foi sempre considerado como dirigido à Santíssima Trindade, e cada uma das partes refere-se a uma das três pessoas divinas:

Santo Deus, Pai eterno, Santo por excelência, fonte da santidade.

Santo Poderoso, seu Filho que é sua força e seu Verbo Criador; o Forte que triunfou até da morte:

Santo Imortal, seu Espírito Santo, isto é, seu amor que não morre e sua vontade sempre viva e vivificante.

Essa atribuição é claramente expressa no hino seguinte das grandes Vésperas de Pentecostes:

> Vinde, povo, adoremos a divindade em três pessoas: o Pai no Filho com o Espírito Santo. Porque o Pai, de toda eternidade, gera um Verbo coeterno e co-reinante; e o Espírito Santo está no Pai, glorificado com o Filho; poder único, única essência, única divindade; é ela que adoramos quando dizemos: Santo Deus, que criou tudo pelo Filho com a

> colaboração do Espírito Santo; Santo Poderoso, por quem conhecemos o Pai e por quem o Espírito Santo veio ao mundo; Santo Imortal, Espírito Consolador que procede do Pai e repousa no Filho. Trindade Santa, glória a vós.

Cheruvicon – O sentido do hino do Cheruvicon, pelo qual se inicia a liturgia eucarística, é muito profundo. Por ele ficamos sabendo que a existência humana é uma existência celeste, pela qual nos encontramos já além das dimensões do tempo e do espaço. Como na visão do Apocalipse domina-a o poder transcendente da Trindade e do Cordeiro.

> Nós, que misticamente representamos os querubins e cantamos à Trindade vivificadora o hino três vezes santo, ponhamos de lado toda preocupação temporal para que possamos acolher o Rei do universo, que as legiões dos anjos acompanham, invisivelmente.

Não estamos mais na terra; a Igreja vai se transformar em céu, onde preside a Trindade Santa; nós, fiéis, representamos como ícones (iconizontes) os querubins e cantamos à Trindade vivificadora o hino três vezes santo, que os anjos não param de cantar. Vamos acolher solenemente o Rei do universo, o Verbo feito homem que é levado no cálice e na patena pelo sacerdote e acompanhado invisivelmente pelas legiões dos anjos, para se oferecer como vítima de propiciação a essa mesma Trindade, em favor dos homens pecadores que somos. Por isso devemos, diante de um ato tão sublime e de uma finalidade tão santa, pôr de lado toda preocupação temporal.

Credo – Em cada celebração litúrgica, imediatamente antes da anáfora, a assembleia, atendendo ao apelo do celebrante, confessa, em união de espírito: "O Pai, o Filho e o Espírito Santo, Trindade consubstancial e indivisível".

E logo depois reza a profissão de fé formulada pelos Concílios Ecumênicos de Nicéia e Constantinopla (o credo) na qual proclama publicamente sua fé no mistério da Santíssima Trindade:

> Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso...; creio em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho unigênito de Deus...; creio no Espírito Santo..., que procede do Pai e do Filho.

Anáfora – A anáfora inicia-se pela prece do apóstolo Paulo, pedindo que "a graça do Senhor Jesus, o amor de Deus Pai e a comunhão do Espírito Santo" estejam com aqueles aos quais escreve.

Depois vem a oração eucarística propriamente dita ou oração de ações de graças que é dirigida, ora a uma pessoa da Santíssima Trindade, ora a outra, mas sempre mencionando as duas outras.

A primeira parte é para o Pai:

> É digno e justo celebrar-vos, bendizer-vos, louvar-vos, dar-vos graças, adorar-vos em todo lugar de vossa dominação, vós, vosso Filho Unigênito e vosso Espírito Santo...

Lembrando-nos que nos tirou do nada para a existência e, após a nossa queda, levantou-nos e nos deu o seu futuro reino, acrescenta: "Por isso vos damos graças, assim como a vosso Filho Unigênito e vosso Espírito Santo".

Após o canto dos anjos: "Santo, Santo, Santo", o sacerdote continua:

> "Nós, também, amigo dos homens, clamamos: sois santo e santíssimo, vós, vosso Filho Unigênito e vosso Espírito Santo"

e dizendo: "Vós amastes tanto o mundo que lhe destes o vosso Filho Unigênito", o celebrante narra em resumo o que o Filho fez na última ceia, instituindo a eucaristia e termina pelas palavras da consagração: "Isto é meu corpo... isto é meu sangue".

A anamnese nos recorda o mandamento do Senhor e tudo o que realizou por nós: a cruz, o túmulo, a ressurreição, a ascensão ao céu, a entronização à direita do Pai e a parusia ou segunda vinda.

Depois do Filho é a vez do Espírito Santo. O sacerdote insiste na epiclese, pedindo o envio do Espírito Santo sobre nós e sobre os dons aqui presentes:

> Nós vos imploramos, rogamos, suplicamos, para que façais este pão, o corpo precioso, e este cálice, o sangue precioso de vosso Cristo, transformando-os pelo vosso Espírito Santo.

A tradição patrística, unânime do Oriente, atribui o poder operativo em todos os ritos sacros, a intervenção da terceira pessoa da Trindade: ao Espírito Santo procedente do Pai e enviado pelo Filho para o acabamento universal da economia da salvação. Criador da vida, o Espírito é o órgão direto da vida espiritual, o agente supremo de todas as encarnações do celeste, a fonte da graça e das energias divinas no seio da Igreja. Cada sacramento tem seu próprio pentecostes, sua epiclese, que é a oração dirigida ao Pai, para que envie o Espírito Santo. Assim a epiclese é uma confissão litúrgica do dogma, a aplicação orante da teologia do Espírito Santo. Aliás, a divina liturgia é uma teologia orante na qual se professam todas as verdades reveladas. Por isso, antes de encerrá-la, na hora da comunhão a assembleia exclama:

> Vimos a verdadeira luz, recebemos o Espírito Celeste, encontramos a fé verdadeira, adorando a Trindade indivisível, porque ela nos salvou.

Cristo, razão de ser da liturgia

Num parágrafo (15) admiravelmente denso e preciso, o Decreto do Vaticano II sobre o ecumenismo chama com insistência a atenção de todos os católicos sobre as riquezas da tradição litúrgica e espiritual, dos orientais. Referindo-se à liturgia, diz o Decreto:

> É conhecido de todos com quanto amor os cristãos orientais realizam as cerimônias litúrgicas, principalmente a celebração eucarística, fonte

> da vida da Igreja e penhor da futura glória, pela qual os fiéis unidos ao bispo têm acesso a Deus Pai mediante o Filho, o Verbo encarnado, morto e glorificado, na efusão do Espírito Santo, conseguem a comunhão com a Santíssima Trindade, feitos "participantes da natureza divina..."

Na liturgia, segundo a expressão de um teólogo russo, sente-se a vinda do "céu sobre a terra". Esta era já, conforme consta na crônica de Nestor, a impressão sentida, em Constantinopla, durante um pontifical patriarcal, pelos emissários do Príncipe de Kiev Vladimiro, que devia decidir da tradição religiosa que a Rússia seguiria: "Pensávamos estar no céu".

Falar de Cristo na liturgia é falar da razão de ser desta última; a liturgia, ou melhor, a divina liturgia celebra-se em função de Cristo; é a reprodução do sacrifício incruento na última ceia e do sacrifício cruente de Cristo na cruz. Na liturgia se oferece um sacrifício e se administra um sacramento.

Iconostase

Disseram que Deus encarnou-se para que o homem pudesse contemplar sua face. Donde a importância dos ícones. Por isso o que chama logo a atenção de quem entra numa igreja bizantina é o iconostase, lugar dos ícones, que separa o santuário da nave. Nele há três portas. A porta do centro, a maior, chamada porta real ou porta santa, leva diretamente ao altar e, por meio dela, o celebrante comunica-se com a assembleia. Ladeiam-na dois grandes ícones: à direita, primeiro lugar de honra, o ícone de Cristo Pantocrator, (todo-poderoso) segurando, às vezes, na mão esquerda, o globo terrestre e, com a direita, abençoando. Cristo Pantocrator pode ser substituído pelo Cristo Mestre com o livro dos evangelhos aberto na mão esquerda. No segundo lugar de honra, à esquerda da porta santa, o ícone da Virgem Mãe de Deus (a Theotókos). Em seguida vêm os apóstolos, os profetas, os santos, rodeando, por assim dizer, seu Senhor e Mestre e dando ideia de como deve ser o céu, morada

de Deus e de seus anjos e santos.

Nos momentos de incensação os dois grandes ícones são os primeiros, após o altar, a serem incensados, primeiro Cristo, depois a sua mãe, como donos da casa; em seguida a assembleia dos fiéis, a quem o sacerdote (ou o diácono) dá as boas-vindas com perfume, conforme costumavam receber outrora os hóspedes.

Altar

O altar é, ao mesmo tempo, o trono do Senhor, a mesa da ceia e o calvário do sacrifício.

Pode ser uma só peça maciça ou uma peça de mármore sustentada por cinco colunas: uma no meio (a maior) e quatro menores nos lados. A maior simboliza Cristo sustentando a sua Igreja. "A pedra que foi rejeitada pelos construtores tornou-se a cabeça do ângulo" (Mt 21,42). As quatro pequenas são figuras dos quatro evangelistas que transmitiram ao mundo os ensinamentos do Mestre.

Como trono do Senhor, permanece dia e noite, em cima dele, o livro dos evangelhos, o Verbo do Deus escrito, lugar que só cede, na liturgia eucarística, ao cálice e patena que contêm a matéria do sacrifício que o celebrante translada do pequeno altar da preparação, na grande entrada. O Verbo de Deus escrito fica de lado, enquanto permanecer no altar o Verbo de Deus vivo sob as espécies do pão e do vinho; terminada a celebração, o evangelho volta a seu lugar. O trono nunca fica sem seu dono, a não ser na sexta-feira santa e no sábado seguinte, pois, estando Cristo morto e sepultado, o altar fica vazio de tudo.

O altar simboliza a mesa da ceia e o calvário, porque nele se renova a última ceia pela consagração do pão e do vinho, e se repete o sacrifício, desta vez inocruento, oferecido uma vez por todas no Calvário para a salvação da humanidade.

Iconostase e altar estão, portanto, dominados pela figura de Cristo, Senhor e Salvador.

Liturgia

Em seu conjunto a liturgia é a representação dos acontecimentos da existência histórica de Cristo.

> Os que exercem o sacerdócio sabem que o que se faz na liturgia é a figura dos episódios da vida do Salvador e da economia da salvação.

Com efeito, desde o início até o fim, a liturgia lembra-nos as quatro fases da vida de Cristo: a vida oculta, a vida pública, a vida dolorosa e a vida gloriosa.

Vida oculta – É simbolizada pela "Protese, ou "Proscomidia": preparação das oblatas (pão e vinho) que se realiza, em voz baixa, num altar lateral pequeno, próprio para isso. Vida oculta que se passa em função do sacrifício final. Cristo nasceu para morrer na cruz e salvar assim os homens. A protese é, pois, a "natividade da vítima". Por isso, as orações do celebrante lembram o nascimento e a morte de Cristo.

Sobre o Cordeiro (a hóstia) colocada na patena diz:

> Em memória de nosso Senhor, Deus e Salvador Jesus Cristo. Como uma ovelha foi levado ao matadouro; e, como um cordeiro sem mancha diante do que o tosquia; não abriu sequer a sua boca. Na sua humildade o seu julgamento foi exaltado. Quem contará a sua geração, por que a sua vida foi tirada da terra? (Isaías 53,7-8).
>
> É imolado o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo para a vida e a salvação do mundo.
>
> E um dos soldados abriu-lhe o lado com uma lança e imediatamente saiu sangue e água. Aquele que viu deu testemunho e seu testemunho é verdadeiro (Jo 19,34-35).

E logo derrama no cálice vinho e água.

Em seguida coloca ao redor do cordeiro, na patena, as partículas representando a Mãe de Deus "A Rainha pôs-se à vossa direita", os anjos, os apóstolos, os profetas, os mártires, etc., os vivos e os mortos.

> Cristo é assim a figura perfeita da Igreja, que engloba o céu e a terra, abrange os ausentes e os mortos, reúne o universo de Deus num todo vivo.

A patena, assim cheia, simboliza a comunhão dos santos unidos a seu Salvador e Deus Jesus Cristo, o Cordeiro que vai ser imolado.

Além do tempo, antes da história, no Cordeiro, o fim encontra-se com o começo. O simbolismo da protese eleva-nos até o prólogo celeste do qual fala o Apocalipse. "O Cordeiro imolado desde a fundação do mundo". Da eternidade, em que se imola o amor indizível de Deus, a ação litúrgica nos faz descer agora na história. O Cordeiro imolado no coração da Trindade entra na história dos homens, toma a forma de criancinha recém-nascida em Belém de Judá. Colocando em cima da patena o asterisco (dois arcos cruzados no meio dos quais é pendurado um asterisco lembrando a estrela dos magos), o sacerdote diz: "E a estrela foi e parou sobre o lugar onde estava o menino."

Vida pública – Quando Jesus, depois de seu batismo por João, iniciou sua vida pública, iniciou-a "pregando que o reino de Deus está próximo." O sacerdote, também no início da parte da liturgia, que simboliza a vida pública de Jesus, exclama, bendizendo "o Reino do Pai, do Filho e do Espírito Santo".

A glorificação, explica Cabasilas, é realmente o começo de toda a função sacerdotal, pois implica uma síntese de todos os elementos: ação de graças, profissão de fé e súplica, que compõem nosso colóquio com Deus.

O celebrante, representando Cristo, não se limita a representá-lo como presidente da mesa na última ceia, mas, também, como o guia, o introdutor dos fiéis ao banquete do Senhor, como seu porta-voz na sua audiência com Deus; como o pastor que "caminha diante do rebanho" para conduzi-lo às fontes da graça da

salvação; e sobretudo como o sacrificador e a vítima que caminhava adiante de seus discípulos, quando subia a Jerusalém ao encontro da sua paixão e morte, conforme nos diz São Marcos (Mc10,32), que vai renovar misticamente. Por isso, não permanece unicamente de frente para os fiéis, mas, a maior parte do tempo, de frente para o altar. Nem por isso deixa de virar-se para a assembleia, a fim de transmitir-lhe os ensinamentos do Mestre, primeiro ouvindo a leitura da epístola, feita por um membro da assembleia, depois lendo o evangelho e explicando-o pela homilia.

Duas vezes mistura-se com os presentes, como Cristo fazia com as multidões. Uma primeira vez, na pequena entrada, que é uma procissão feita com o santo evangelho na qual passa pelo meio do povo para de novo subir ao altar. Uma segunda vez, na grande entrada, procissão com o cálice e a patena que contêm as oblatas que translada do altar da preparação para o altar-mor, passando também pelo meio do povo.

Nessa parte, chamada liturgia dos catecúmenos ou liturgia da palavra, destacam-se dois hinos, cantados pelo coro, e de grande significação.

O primeiro é o hino do Monoghenis ou Unigênito que, para os catecúmenos, corresponde ao credo da liturgia dos fiéis. Canta-se antes da procissão do evangelho e das leituras do Novo Testamento. Nele se confessam os três mistérios fundamentais do cristianismo: a Santíssima Trindade, a Encarnação do Filho Unigênito e a Redenção; além da Virgindade perpétua da Mãe de Deus, da vitória de Cristo sobre a morte e da sua glorificação junto do Pai e do Espírito Santo.

O segundo é o Trisagion: "Santo Deus, Santo Poderoso, Santo Imortal, tende piedade de nós." O Pai, fonte da santidade, o Santo; o Filho, o Forte, o Poderoso, que triunfou da morte; o Espírito Santo, o Vivificante, o Sopro da vida eterna. A eles pedimos que tenham piedade de nós.

Deus quis que Cristo formassem o corpo no qual suas palavras ressoassem como palavras de vida; Deus quis que a Igreja fosse esse lugar em que Cristo fala e comenta suas próprias palavras, mediante todos os elementos da tradição. É, pois, nele, Cristo, e na Igreja que se deve ler e ouvir. Só a Igreja guarda a palavra e a chave para abri-la,

porque ela ouve o Espírito que a ditou.

Assim, colocando a leitura da palavra no coração da liturgia dos catecúmenos, a Igreja quis sugerir, por analogia com a eucaristia, que toda leitura durante o culto conduz à presença real, ao encontro do Verbo, à comunhão, consumação substancial da palavra. Por isso, o chamado do sacerdote ou do diácono: "A sabedoria! Fiquemos atentos!"

Vida dolorosa – Tem início com a grande entrada ou procissão do ofertório. É uma encenação litúrgica da chegada de Cristo, vindo de Betânia a Jerusalém. Os fiéis figuram o cortejo do Cristo Rei, sacerdote e vítima, que passa pelo meio deles.

Antes da procissão, enquanto o sacerdote faz o grande incensamento, o coro canta o hino dito do Cheruvicon pelo qual convida os fiéis, que representam misticamente os querubins, a deixar de lado toda preocupação temporal, para acolher o Rei do Universo, acompanhado invisivelmente pelas legiões angélicas. A Igreja vai se transformar daqui a pouco em céu, pois nela vai descer realmente o Filho de Deus invisível, sob as espécies do pão e do vinho.

O canto do sábado santo, que substitui o Cheruvicon de todos os dias, é mais expressivo ainda:

Que toda carne mortal emudeça e se levante temerosa, e não pense em nada de terrestre, porque o Rei dos reis e Senhor dos senhores se aproxima para ser sacrificado e ser dado como alimento dos fiéis. Precedem-no os coros dos arcanjos e todas as potestades e poderes, os querubins de múltiplos olhos e os serafins, de seis asas, cobrindo seus rostos e clamando: Aleluia!

Existe um estreito paralelismo entre as duas entradas: como a grande entrada da liturgia dos fiéis transfere as oblatas e precede a consagração e a comunhão eucarística, assim também a pequena entrada transporta o evangelho e precede o que para os catecúmenos substitui a eucaristia: a consumação da palavra. Com efeito, Cristo disse: "Quem comer minha carne e beber meu sangue tem a vida eterna"; disse também: "Quem ouve minha palavra... tem a vida eterna."

O sacerdote coloca o cálice e a patena sobre o altar e cobre-os com o véu maior,

incensando-o e dizendo:

> O nobre José desceu do madeiro o vosso corpo imaculado, envolveu-o num lençol puro, cobriu-o de aromas e o depositou com cuidado num túmulo novo.

É a representação simbólica da paixão e da morte do Senhor. O véu maior cobre as oblatas como o lençol cobriu o corpo de Jesus morto e o incenso lembra os aromas com os quais foi embalsamado por Nicodemos e José de Arimatéia.

O ponto central da sinaxe eucarística está se aproximando. O sacerdote procura levar os fiéis a uma preparação mais imediata e mais profunda para esse ato sublime, principal motivo da sua presença no templo. A isso visam suas proclamações e exortações sucessivas, anunciando o ósculo da paz com seu sentido de concórdia e de caridade; o credo, manifestação pública da sua fé; e o início da anáfora, exigindo respeito e recolhimento.

O divino Mestre, no decorrer da última ceia disse a seus discípulos: "Eu vos deixo a paz. Eu vos dou a minha paz". O sacerdote, em nome desse mesmo mestre, saúda os fiéis, desejando-lhes essa paz do Senhor: "Paz a todos". Os fiéis retribuem a saudação: "E a teu espírito". A paz consigo mesmo, com o próximo e com Deus é condição indispensável para tirar proveito do sacrifício do Salvador.

Na última ceia Jesus deu também a seus discípulos um mandamento novo:

> Eu vos dou um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros. Assim como eu vos amei, vós vos deveis amar uns aos outros. Por este sinal, todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros (Jo 13,34).

Por isso o sacerdote exorta os fiéis a se amarem mutuamente: "Amemo-nos uns aos outros". E, como demonstração desse amor mútuo, realiza-se a cerimônia do

ósculo da paz. No Oriente foi sempre colocado antes da anáfora como preparação para a consagração; no Ocidente transferiram-no para antes da comunhão.

Atualmente, no rito bizantino, somente nas misas pontifciais, o bispo, os sacerdotes concelebrantes e os diáconos se dão o ósculo da paz do modo seguinte: cada sacerdote beija o altar e depois o ombro direito do bispo, dizendo: "Cristo está no meio de nós". O bispo responde: "Está e estará". E fazem o mesmo entre si.

Depois que se deram, se não exteriormente, pelo menos mentalmente, o ósculo da paz, sinal do amor que Cristo exigiu como condição primeira e indispensável para o direito de participar de sua oblação pura, os fiéis são agora convidados a confessar publicamente sua fé, como demonstração da adesão de sua inteligência à revelação divina e da aceitação de todas as verdades ensinadas por Cristo e resumidas por sua Igreja no símbolo da fé, no credo.

Depois o sacerdote reza a oração eucarística dirigida à Santíssima Trindade, no meio da qual o coro canta o hino dos anjos: "Santo, Santo, Santo..." Esse hino compreende a seguinte aclamação: "Bendito seja o que vem em nome do Senhor" feita outrora a Cristo, entrando triunfalmente em Jerusalém para, alguns dias mais tarde, subir o Calvário e ser pregado na cruz. Nesse momento, louva-se por ela o cordeiro indo para sua imolação eucarística, que "na noite em que foi entregue, ou melhor, em que se entregou a si mesmo para a vida do mundo", nos deu seu corpo como comida e seu sangue como bebida; recomendando depois a seus apóstolos e seus sucessores fazerem o mesmo em memória dele.

Realizada a consagração do pão e do vinho, ponto culminante e razão de ser de toda a liturgia, o sacerdote, pela anamnese, rememora:

> ...este mandamento do Senhor, e tudo o que se realizou por nós: a cruz, o túmulo, a ressurreição ao terceiro dia, a ascensão ao céu, a entronização à direita do Pai, a segunda e gloriosa vinda (a parusia).

E conclui: "O que é vosso do que é vosso, nós vos oferecemos em tudo e por tudo".

Já na oração secreta do ofertório, o sacerdote usou quase a mesma fórmula: "Sois vós quem oferece, e sois oferecido, quem recebe e sois distribuído, ó Cristo, nosso Deus." Cristo é sacerdote e vítima, ao mesmo tempo, é o Cordeiro imolado antes do tempo, e o Cristo crucificado na história. Seu sacrifício foi oferecido uma vez por todas e todas as liturgias com "o sacrifício incruento" o dizem sobre todos os altares do mundo.

Os fiéis manifestaram já "a unidade da fé", rezando o credo; atenderam ao apelo "amemo-nos uns aos outros" dando-se o ósculo da paz; podem agora todos, com confiança, ter a ousadia de proclamar sua divina filiação pela recitação do "pai-nosso" que o próprio Cristo ensinou. O lugar litúrgico da oração dominical imediatamente antes da "refeição" mostra que o pão de cada dia, "o pão de amanhã", "o pão que vem", "o pão do Reino", dado hoje, é a eucaristia.

Elevando o Cordeiro, Pão da vida, o sacerdote clama: "As coisas santas aos santos". O sentimento profundo da sua indignidade, o tremor diante do sagrado, percorre a assembleia e cada um confessa: "Um só santo, um só Senhor, Jesus Cristo, para a glória do Pai".

O celebrante parte o pão, o Cordeiro, em quatro pedaços, dizendo:

> "É partido e fracionado o Cordeiro de Deus, que é partido sem ser dividido, que é sempre comido e nunca consumido".

Essas breves palavras são uma confissão de fé eucarística. O Cordeiro não é limitado nem pelo espaço, nem pelo tempo, nem por sua própria e continua oblação. Todos os dias, sobre todos os altares, o Cordeiro é partido e fracionado, mas jamais consumido, e cada partícula oferece o Cristo total.

A comunhão eucarística opera uma participação substancial ao Cristo total, e essa obra, de união por excelência, faz dos comungantes, segundo Santo Atanásio, "seres verbofificados", cristoficados.

A comunhão torna quem a recebe "concorporal" e "consanguíneo" de Cristo, conforme diz a oração após a comunhão:

> Senhor... penetrai até os ligamentos dos meus membros, em todas as minhas articulações, em meus rins e no meu coração... Santificai minha inteligência, firmai meus nervos e meus ossos, iluminai meus cinco sentidos e pregai-me inteiro em vosso temor... Fazei de mim a morada exclusiva de vosso Espírito.

"A lama que recebe a dignidade real não é mais lama, mas se transforma na substância do Rei", diz N. Cabasilas. Recebe-se a comunhão por último, porque não se pode ir mais longe, nem nada acrescentar.

Vida gloriosa – A elevação do cálice após a comunhão e a trasladação dos dons sagrados até o altar da preparação simbolizam a ascensão de Jesus ao céu.

No Apocalipse, São João descreve várias visões que teve quando foi arrebatado em espírito ao céu. Em quase todas ouve os anjos e os santos renderem glória e ação de graças àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro imolado.

> O Cordeiro que foi imolado é digno de receber poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor (Ap 5,12).
>
> Nós vos damos graças, Senhor onipotente, que sois e que éreis, porque assumistes vosso grande poder e tomastes posse do reino" (Ap 11,17).

É isso que a Igreja conclama os fiéis a fazer após a comunhão:

> Ficai de pé, vós que recebestes os mistérios de Cristo... para darmos ao Senhor dignas ações de graças.
>
> Nós vos rendemos graças, Senhor amigo dos homens e benfeitor de nossas almas, porque nos tornastes dignos, neste dia também, dos vossos mistérios celestes e imortais.
>
> Sejam nossas bocas, Senhor, cheias de vossos louvores... para cantar vossa glória e proclamar vossa justiça o dia inteiro.
>
> Nós vos rendemos glória, ação de graças e adoração...

Como se vê, a liturgia termina, pedindo a Cristo: "para encher nossos corações de alegria e de felicidade" e convidando os fiéis a fazer desde já o que hão de fazer continuamente no céu: contemplar, glorificar e dar graças a Deus e a seu Cristo glorificado; quer que desde já vivamos o que Santo Agostinho resumiu em termos admiráveis, falando da vida futura: "Descansaremos e veremos; veremos e amaremos, amaremos e louvaremos".

Espírito Santo, alma dos ofícios litúrgicos

A unânime tradição patrística do Oriente atribui o poder operativo, em todos os "ritos sacros", à intervenção da terceira pessoa da Trindade Santa: ao Espírito Santo, procedente do Pai e enviado pelo Filho para a complementação universal da economia da salvação. Doador de vida, o Espírito é o órgão direto da vida espiritual, o agente supremo de toda encarnação celeste, fonte da graça e das energias divinas no seio da Igreja. É ele que, como Paráclito e fogo celeste, desce sobre toda carne, santifica-a e consagra-a.

O Pai é considerado como Criador e Providência; o Filho, como Salvador e Redentor; o Espírito Santo, como santificador e vivificante. Mas todas essas propriedades, atribuídas separadamente por nossa razão humana limitada a cada uma das três Pessoas divinas, são, na realidade, próprias da única e indivisível Trindade Santa.

O Espírito Santo, juntamente com o Pai e o Filho, é a alma de todos os ofícios litúrgicos. Todos, inclusive a divina liturgia (missa), iniciam-se por uma invocação ao "Rei Celeste, Consolador, Espírito da Verdade" para que "venha e habite em nós e nos purifique de toda mancha."

Sacramentos

A epiclese é uma oração dirigida ao Pai, para que envie o Espírito Santo. Cada sacramento tem sua epiclese pela qual se pede o envio do Espírito Santo sobre aquele que vai recebê-lo e sobre a matéria por meio da qual vai ser administrado.

No batismo somos "regenerados pela água e pelo Espírito Santo". O sacerdote pede a Deus que santifique a água e o óleo pela "virtude, ação e vinda do Espírito Santo"; pede-lhe também para "encher o candidato ao batismo da força do Espírito Santo", e o "ilumine pela luz do conhecimento, e da piedade provenientes da vinda do Espírito Santo".

Na confirmação pede-se para o recém-batizado "o selo do dom do Espírito Santo todo-poderoso e adorável". E, ao ungi-lo com o óleo da crisma, o ministro usa a seguinte fórmula: "O selo do dom do Espírito Santo."

Na ordem o bispo pede a Deus: "para encher o futuro sacerdote da grande graça de seu Espírito Santo".

Na penitência o confessor absolve em virtude do poder recebido do Salvador, quando, depois da sua ressurreição, soprou sobre os apóstolos e lhes disse:

> "Recebei o Espírito Santo; os pecados serão perdoados àqueles a quem os perdoardes e serão retidos àqueles a quem os retiverdes.

No matrimônio é a graça do Espírito Santo que une os nubentes por um vínculo de amor que só a morte pode desatar.

Na unção dos enfermos pede-se que sobre o enfermo "desça a graça do Espírito Santo". Benze-se o azeite, implorando a Deus que "envie seu Espírito Santo e o santifique".

Na eucaristia a ação do Espírito Santo é mais destacada ainda: É ele que, por sua descida sobre os dons sagrados, torna-os fonte de graça e de santificação e transforma-os no corpo e sangue de Cristo.

Divina liturgia

Antes da epiclese:

> Enviai o vosso Espírito Santo sobre nós e sobre estes dons aqui presentes... transformando-os pelo vosso Espírito Santo

a liturgia apresenta, desde o início, epícleses prévias que vai explicitando gradualmente.

Com efeito, diante da porta santa, o celebrante inicia as orações preparatórias pela invocação do Espírito Santo: "Rei celeste, consolador... vinde e habitai em nós". Repete a mesma invocação no limiar da liturgia da palavra, diante do altar.

Na oração secreta do Cheruvicon o sacerdote pede para si ao Pai:

> ...pela virtude de vosso Espírito Santo, tornai-me apto, a mim que estou revestido da graça do sacerdócio, para comparecer diante deste vosso altar santo e consagrar vosso corpo santo e puro e vosso sangue precioso.

Na segunda oração da oferenda:

> Fazei-nos dignos de achar graça diante de vós, para que o nosso sacrifício vos seja agradável e que o bom Espírito de vossa graça desça sobre nós, sobre estes dons oferecidos e sobre todo o vosso povo.

Depois da consagração, a epiclese propriamente dita, pela qual o celebrante "implora, roga e suplica" o envio do Espírito Santo para transformar os dons no corpo e sangue de Cristo. Na liturgia de São Basílio, a fórmula da epiclese é mais explícita:

> Nós vos rogamos, vos suplicamos, ó Santo dos Santos: apraz a vossa bondade que venha vosso Espírito Santo sobre nós e sobre esses dons aqui oferecidos; que os abençoe, santifique-os e manifeste este pão como o venerável e próprio corpo de Nosso Senhor, Deus e Salvador,

> Jesus Cristo; e este cálice como o venerável e próprio sangue de Nosso Senhor, Deus e Salvador, Jesus Cristo.

Na ectenia dos dons sagrados, ora-se a Deus "que se dignou recebê-los sobre o seu altar santo, celeste e imaterial" para que "nos envie em troca a graça divina e o dom do Espírito Santo."

Na secreta antes do pai-nosso, o celebrante implora, roga e suplica de novo:

> O Senhor, amigo dos homens, torne-nos dignos de receber os mistérios celestes para a remissão dos pecados e a comunhão do Espírito Santo.

São, portanto, numerosos, na divina liturgia, os pedidos de envio do Espírito Santo sobre o celebrante, os fiéis e sobretudo sobre os dons oferecidos e consagrados.

Conclusão

São Basílio definiu claramente a missão santificadora do Espírito Santo: "A criatura não possui nenhum dom que não venha do Espírito. Ele é o santificador que nos une a Deus".

E o papa Paulo VI exclamou numa das suas recentes alocuções:

> Qual é a primeira e última necessidade que percebemos para esta nossa Igreja bendita e dileta? Devemos dizê-lo: O Espírito Santo, animador e santificador da Igreja, sua respiração divina, o vento de suas velas, seu princípio unificador, sua fonte interior de luz e de força, seu apoio e seu consolador, sua fonte de carismas e de cantos, sua paz e sua alegria, seu penhor e prelúdio de vida bem-aventurada e eterna. A Igreja tem necessidade de seu perene Pentecostes... Tem necessidade do Espírito Santo em nós, em cada um de nós, em nós todos juntos, em nós-Igreja.

Assim foi desde os tempos apostólicos e assim será até a consumação dos séculos. São Pedro, em seu primeiro discurso ao mundo na qualidade de chefe do Colégio Apostólico, disse:

> Convertei-vos e seja batizado cada um de vós em nome de Jesus Cristo, para remissão de vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo. Esta promessa é para vós, para vossos filhos e para todos aqueles que, embora estando longe, foram chamados pelo Senhor, nosso Deus (At 2,38-39).

Virgem Maria na liturgia bizantina

Sendo a divina liturgia, isto é, a santa missa, o ato por excelência do culto cristão e a renovação do sacrifício do Calvário, convinha que Maria ocupasse nela um lugar igual àquele que foi dela ao pé da cruz. A Igreja bizantina sempre reconheceu esse lugar à Theotókos (Mãe de Deus) em suas duas liturgias – a de São João Crisóstomo e a de São Basílio – assim como em todos os outros ofícios litúrgicos, Maria é venerada, antes de tudo, como a Mãe de Deus; todo louvor, toda honra, toda prerrogativa a ela prestados decorrem dessa realidade sublime:

> É verdadeiramente justo glorificar-vos, ó Mãe de Deus, que sois bem-aventurada para sempre, isenta de todo pecado e Mãe de nosso Deus.

canta a liturgia; e São João Damasceno dizia: "O nome só da Theotókos, Mãe de Deus, contém todo mistério da economia da salvação".

Desde o Concílio Ecumênico de Calcedônia em 451, os bizantinos começaram a recorrer publicamente à intercessão da Virgem Maria em suas orações litúrgicas. Numerosas preces lhe foram dirigidas, proclamando de várias maneiras as suas glórias. Uma delas é a seguinte:

> Comemorando nossa santíssima, puríssima, bendita e gloriosa senhora, Mãe de Deus e sempre Virgem Maria e todos os santos, recomendemo-nos, nós mesmos, uns e outros, e toda nossa vida a Cristo, nosso Deus.

Essa invocação de sentido teológico riquíssimo baseia-se em sete atributos dados a Maria, considerada em si mesma (santíssima, puríssima, bendita e gloriosa), em relação a nós (Nossa Senhora) e em relação a Deus (Mãe de Deus, sempre virgem).

Virgem Maria em si mesma

Maria é a Santa por excelência, sem restrição. Para exprimir essa totalidade na santidade, a língua grega formou a palavra pan-aghia, ou seja, toda santa, composta de pan, "todo" e aghia, "santa", dificilmente traduzível numa só palavra para outras línguas. Maria é a santa: quanto à perfeição da santidade e quanto à sua extensão em sua alma e em seu corpo. A palavra pan, "todo", não admite limites nem redução. Dentro desse admirável título, podemos remontar a antes da anunciação e da encarnação do Verbo nela, até o instante da sua criação, conforme se conclui da saudação que lhe dirigi o anjo Gabriel. Ela é "cheia de graça" antes da aparição do anjo e da descida do Verbo de Deus para tomar corpo em seu ventre. Cheia de graça, desde que foi concebida no seio de sua mãe.

É isso que a Igreja católica promulgou explicitamente na doutrina da Imaculada Conceição. Essa doutrina é contida no título pan-aghia, repetido, com frequência, na liturgia bizantina, assim como neste outro: hiper-aghia, ou seja, supersanta, não menos usado.

A esse título de pan-aghia – "toda santa" juntam-se três outros, como para esclarecê-lo e reforçá-lo. Maria é "sem mancha, puríssima". Por isso ela é, aos olhos de Deus e na invocação da Igreja, a "bendita" acima de todos os santos, a "superbendita" e a "gloriosa" entre todos os santos, no céu e na terra.

> Sois mais venerável que os querubins, incomparavelmente mais gloriosa que os serafins, vós que gerastes o Verbo Deus sem deixar de ser virgem. Gerastes o Filho sem Pai, este Filho que tinha sido gerado do Pai sem Mãe.

Virgem Maria em relação a nós

Maria é Nossa Senhora como seu filho é Nosso Senhor Jesus Cristo. Nos Impérios Romano e Bizantino esses dois títulos davam-se ao imperador e à imperatriz, respec-

tivamente, ao rei e à rainha. Não eram simples títulos honoríficos, mas significavam o poder absoluto, a soberania total: "déspota", ou seja, soberano, senhor absoluto, dono; déspoina: senhora, soberana.

O termo português déspota não exprime mais o sentido que deveria ter, de acordo com seu uso nos meios gregos antigos. Maria é Nossa Senhora e nós somos seus servos, seus escravos:

> "Suplicai, ó Mãe de Deus, ao Vosso Filho, para que inscreva os nomes de vossos servos no livro da vida (Acatistos, 7º, 4).

Nas suas igrejas, os bizantinos manifestam, também, de modo visível sua fé na soberania absoluta de Maria sobre os cristãos, sobre todos os homens e sobre o universo. No iconostase (lugar dos ícones), o ícone de Maria ocupa um lugar de destaque, o segundo na chamada porta santa que dá acesso ao santuário; o primeiro é o de Cristo Deus. Com efeito, no lado direito se coloca sempre o ícone de Cristo todo-poderoso e no lado esquerdo, o ícone da Virgem Mãe de Deus, a Theotókos. Seguem, ladeando-os, os ícones dos apóstolos, dos profetas e demais santos.

Seu título de Nossa Senhora, assim como o lugar reservado a seu ícone, nas igrejas, imediatamente após Cristo Deus, exprimem bem a relação existente entre o Senhor e a Senhora acima de todos os santos, e sua qualidade de "superbendita" e de "gloriosa sobre todas as criaturas, mesmo angélicas".

> "Salve, Senhora do mundo; salve, Maria, Nossa Senhora a nós todos; salve, ó única imaculada e bela entre as mulheres" (Acatistos, 9).

Maria em relação a Deus

Maria é a Mãe de Deus, sempre virgem. O título mais elevado de Maria, fonte de todos os outros, é ser ela a Mãe de Deus. Mãe de Deus, exprime-se, em grego, de duas maneiras: Theotókos e Méter Théu. O termo usado aqui é o primeiro, de acordo

com os Concílios de Éfeso e de Calcedônia. Theotókos = (Theos, Deus; tókos, de "ticto", gerar) seria literalmente "genitora de Deus", Dei Genitrix. Isso não significa, é claro, que Maria gerou Deus, como se ela fosse Deusa – o que seria incompatível com o espírito cristão – mas que, tendo dado à luz Cristo Deus, Verbo de Deus, homem Deus, ela é, logicamente, Mãe de Cristo e Mãe de Deus, genitora de Cristo e genitora de Deus.

O título "Genitora de Deus" é reforçado por este outro: "Sempre Virgem". Chamamos Maria "A Virgem" por excelência, no pleno sentido da palavra, sem restrições nem limitações de tempo. Numerosos são os hinos que cantam a virgindade perpétua de Maria. Eis alguns entre outros:

> Vós que sois o tesouro da nossa ressurreição, ó digna de todo louvor, tirai do fundo do poço das iniquidades os que confiam em vós; pois, ao dar à luz a Salvação, salvastes os portadores dos efeitos do pecado, Vós que sois virgem antes do parto, virgem no parto e virgem também após o parto (Apolitiquia da ressurreição, 7º tom, theotoquion).
>
> Assim como a sarça ardente não se consumia, assim também destes à luz sendo virgem e permanecendo virgem (cf. Mercenier, Segunda-feira de Páscoa, II, p. 290).
>
> Neste dia (da apresentação de Maria no Templo) aquela, que era virgem antes do parto e que permaneceu virgem depois, é apresentada ao templo... (cf. Mercenier, II, I, p. 150).
>
> A virgindade é impossível às mães e a maternidade alheia às virgens, mas uma e outra aliararam-se em vós, ó Mãe de Deus (cf. Liturgicon – Hirmos da Natividade de Nossa Senhora, p. 94).

Assim a liturgia bizantina canta as glórias de Maria, recordando, no decorrer do ano, a doutrina cristã a respeito da Mãe de Deus, a mariologia. Glorificando-a, a liturgia apresenta Maria também como "a glória" do gênero humano, o ornamento da nossa raça. Num dos hinos do Natal ela exclama:

> Qual é o presente que podemos vos oferecer ó Cristo que vos fizestes homem por causa de nós? Cada uma das vossas criaturas vos traz o seu testemunho de gratidão: os anjos, seus louvores; os céus, suas estrelas; os magos, seus tesouros; os pastores, sua admiração; a terra, sua gruta; os animais, sua manjedoura; quanto a nós, vos oferecemos uma Mãe Virgem. Ó Deus de antes dos séculos, tende piedade de nós. (Cf. Mercenier, Natal, Vésperas, II, I p. 201).

No dia da Natividade de Nossa Senhora, São João Damasceno felicita Joaquim e Ana nestes termos:

> Bem-aventurado casal! A criação toda vos é grata, pois, por vosso intermédio, pode ela oferecer ao Criador um presente acima de todos os presentes, uma Mãe-Virgem, a única digna dele. Alegra-te, Joaquim, porque o Filho nos foi dado, nascido de tua Filha.

Igrejas ortodoxas e Igrejas católicas, ambas oriundas de Bizâncio, multiplicam as representações mariais em suas cúpulas, seus iconostases e suas paredes. Nuvens diáfanas de incenso e suave luz de velas envolvem-nas continuamente, atestando uma devoção profunda e um amor filial para com uma mesma Mãe. Preces litúrgicas, expressando toda a teologia marial: maternidade divina, virgindade perpétua, santidade excelsa, realeza universal, mediação sempre atendida, etc., são rezadas tanto pelo sacerdote católico quanto pelo sacerdote ortodoxo. Cada um dos celebrantes, na hora do santo sacrifício, abre sobre o altar, para receber a patena e o cálice que contêm o corpo e o sangue do Salvador, o mesmo antimensio no qual estão desenhados os mistérios da nossa redenção em volta da Maria Virgem segurando nos braços o corpo de seu Filho descido da cruz.

Possa essa unidade no amor de uma mesma Mãe "Medianeira" dos cristãos nunca repelida, que intercede continuamente junto do "Criador", ser o fermento da união dos corações e a argamassa da unidade da fé.

Nossos votos vão mais longe ainda: a Virgem Maria, "Nossa Senhora", é objeto de grande veneração por parte de adeptos de uma religião que não é de Cristo: cerca de 400 milhões de muçulmanos acreditam que todo filho recém-nascido de Adão é "tocado por satanás, exceto o Filho de Maria e sua Mãe". O próprio "profeta" dirigiu-se a ela no Alcorão nestes termos: "Ó Maria, Deus te escolheu, te purificou e te exaltou acima de todas as mulheres".

Que Nossa Senhora de Fátima, que quis aparecer numa cidade com o nome da filha do "profeta", seja a ponte mística que leva todos os homens a seu Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo.

Cheia de graça ("Kekharitômémne")

Desde os primórdios do cristianismo, os cristãos deram a Maria uma denominação que passou a servir-lhe de quase nome próprio: "é Aghia Parthenos, a Santa Virgem".

Os fiéis tiraram esse nome do âmago da revelação divina, pois a saudação do anjo "Ave, cheia de graça, (Khaire Kekharitômémne), o Senhor é contigo", exprime claramente o estado de santidade da virgem pura. Orígenes observa que essa saudação nova é única, em seu gênero, nos livros da Sagrada Escritura; nunca foi dirigida a criatura alguma, a não ser a Maria (p. 13, 1815).

Observemos de passagem que a saudação do anjo é grega: deseja a alegria, enquanto os orientais desejam a paz ("Salam" em árabe e "chalôm", em hebraico) e os latinos, a saúde.

De acordo com o uso bíblico, a expressão "O Senhor é contigo" significa uma proteção particular, concedida por Deus no cumprimento duma missão. Não é aqui um desejo, mas a afirmação de um fato.

Como, porém, se deve traduzir a qualificação Kekharitômémne que o anjo usou na sua saudação à Virgem? Qual é o seu sentido exato?

Foi traduzida para o latim nestas duas palavras: gratia plena = "cheia de graça". Parece, porém, que a maneira latina de se expressar não deu exatamente o sentido desejado diretamente nem o sentido em toda a sua amplitude e força.

O sentido exato do termo Kháris é "a graça que torna aquele que a possui completamente agradável aos olhos de Deus". Este é o sentido da expressão: gratia plena, visto que a graça, que torna Maria completamente agradável a Deus, só pode ser a graça da justiça, que os orientais chamam "divinização". Não pode ser uma graça física, mas sim uma graça moral, como o esclarecem as palavras seguintes: "O Senhor é contigo". O Senhor é com ela porque é cheia de perfeição moral, o que não quer dizer que ela não possa progredir, aumentar essa graça por atos cotidianos de virtude.

Essa graça que enche a Virgem é aquela da qual fala São Paulo na Epístola aos Efésios (Ef 1,16)

> Bendito seja Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo... que nos predestinou para sermos seus filhos adotivos, por Jesus Cristo, por desígnio de sua vontade, para louvor da glória de sua graça (tês Kharitos autu), pela qual nos fez agradáveis (ekharitôssen) a si em seu amado (Filho).

A tradução latina, porém, não dá o sentido do termo Kekharitômémene em toda a sua extensão e em toda a sua força, porque gratia plena não indica forçosamente a permanência, a perpetuidade independentemente do tempo e de seus limites, ao passo que o termo grego indica isso claramente: o particípio perfeito não significa que a ação foi feita a um tempo determinado do passado e continua a ser feita, nem que foi feita num tempo passado e deixou de ser feita, mas que essa qualidade, essa perfeição, esse estado atual resultam de uma ação passada, existe na pessoa a quem é atribuída de modo permanente, independentemente do tempo e do lugar e de suas limitações. Conclui-se disso que o anjo, falando em nome de Deus, atribui a Maria a plenitude da graça, a santidade, de modo permanente, isto é, que Maria possui essa qualidade independentemente do tempo e do lugar e de suas limitações; em outros termos, que a Virgem Maria é santa e cheia de graça todos os dias da sua vida: foi santificada por Deus antes da anunciação e continua no estado de santidade plena.

Se o evangelho quisesse dizer que a Virgem Maria se tornou santa quando o anjo a saudou, sem ter sido santa antes, teria usado Karitûmene, que é o particípio presente; e se quisesse indicar que Maria foi santificada num dos dias passados da sua vida, sem se preocupar com seu estado atual, teria usado o particípio aoristo passivo Kharitothéissa. Mas o emprego do particípio perfeito passivo, que indica a permanência da qualidade em seu dono, independentemente do tempo e do lugar, Kekharitômene, foi para significar que a Virgem pura é totalmente e sempre cheia de graça, santa. Mas o início da sua santidade total não pode ser determinado com certeza pelo termo kekharitômémene. O certo, o indiscutível é que essa palavra indica

que a Virgem pura era, antes da saudação do anjo e, portanto, antes da encarnação do Verbo, totalmente justa e santa; não foi santificada somente naquele instante, mas que era já santa e "toda santa" panaghía, como a qualificam os bizantinos.

Por isso Pio IX, na bula Ineffabilis pôde tirar dessas palavras do anjo um argumento em favor da Imaculada Conceição.

O Ofício do Acatistos conclui-se com este hino de Romanos:

> Ó Mãe de Deus, Gabriel, impressionado pela beleza de vossa virgindade e pelo brilho resplandecente de vossa pureza, exclamou: Que elogio digno de vós vos ofereceria? Como vos chamarei? Estou perplexo e fora de mim. Por isso, conforme a ordem que recebi, eu vos clamo: Salve, cheia de graça!

Vela acesa

Por que se acende uma vela a Deus ou a um santo? Para comprá-los a fim de alcançar uma graça? Ou para apaziguá-los a fim de ficarmos livres de um mal que nos atormenta ou de uma desgraça que nos ameaça? Nem um nem outro. O sentido da vela acesa é muito mais nobre e mais profundo.

Símbolo de consumação

Deus é nosso Criador e nós, suas criaturas; quer dizer que tudo o que somos e tudo o que temos nos foi dado de graça por Deus. Por conseguinte, seu poder sobre nós é absoluto e seus direitos ilimitados. Pode até exigir a nossa própria vida em sacrifício.

Os povos pagãos reconheciam esse direito a seus deuses. Por isso ofereciam-lhe sacrifícios humanos (crianças, geralmente, por causa de sua inocência), para acalmar a sua ira ou conseguir o que desejavam.

A Bíblia nos diz também que o Deus verdadeiro exigiu uma vez um sacrifício humano; pediu a Abraão que lhe sacrificasse seu filho único Isaac. Abraão obedeceu. Mas no instante em que segurava a faca para matar o filho em cima da fogueira, Deus enviou seu anjo que reteve a mão do pai e substituiu o filho por um carneiro (Gn 22). Deus mostrava, assim, que os sacrifícios humanos não são agradáveis a seus olhos e que só quis pôr à prova a fidelidade e a obediência de seu servo.

Na história da humanidade houve um só sacrifício de seu próprio Filho feito homem, nosso Senhor Jesus Cristo, na cruz, para a salvação e a redenção do gênero humano. Esse sacrifício continua renovando-se misticamente, de modo incruento, onde houver um sacerdote e um altar.

Que relação pode haver entre um sacrifício e uma vela acesa? A vela acesa substitui diante de Deus a pessoa que a acende: Fica se consumindo, como se fosse um holocausto oferecido a Deus. O holocausto era, na Antiguidade e na lei mosaica, o sacrifício mais perfeito, porque por ele a vítima era oferecida a Deus e queimada

por inteiro em reconhecimento a seu poder e direito absolutos sobre quem a oferecia. A vela acesa é um holocausto em miniatura. A pessoa compra a vela que passa a lhe pertencer, a ser sua. Acende-a para ser consumida em seu lugar.

Uma vela acesa a Deus simboliza, portanto, a adoração e a entrega total de quem a acende ao Deus todo-poderoso, Senhor e Criador de todos os seres. Uma vela acesa a um santo tem o mesmo simbolismo, só que este sacrifício é oferecido a Deus por intermédio deste ou daquele santo.

É claro que está longe de ter o mesmo valor do sacrifício eucarístico, cujo valor é infinito, visto que por ele é o próprio Homem-Deus que se oferece a seu Pai. Mas nem por isso deve ser desprezado ou abolido.

Deve-se, sim, evitar a má interpretação e o exagero, isto é, evitar dar-lhe maior valor do que ele tem. Vela acesa é, pois, símbolo de consumação.

Símbolo de Cristo, Luz do mundo

A vela acesa tem também outro simbolismo. Irradiando luz iluminadora, simboliza Cristo "Luz do mundo", conforme ele próprio se qualificou. Por isso, nos ofícios litúrgicos, usam-se frequentemente velas acesas, sobretudo durante a semana santa e o tempo pascal. Mas o dia da luz é o sábado santo, de noite, Vigília da Páscoa (os fiéis aliás chamam este dia de Sábado da Luz). Nele, antes da divina liturgia, procede-se à bênção solene da luz: o sacerdote benze, atrás do altar, uma vela acesa e, depois, de frente para os fiéis, convida-os a acender dessa vela benta, suas velas, dizendo:

> A luz de Cristo ilumina a todos!... Bendito seja o Pai, o Filho e o Espírito Santo, que ilumina e santifica nossas almas.

E com as velas acesas faz-se uma procissão dentro da igreja ao canto do Salmo 147.

No domingo da Páscoa, ao iniciar a cerimônia da entrada triunfal de Cristo que precede a liturgia da ressurreição, o sacerdote, segurando o círio pascal aceso,

convida os presentes a acender dele os seus círios, dizendo: "Vinde, tomai luz da Luz sem ocaso e glorificai o Cristo que ressuscita dos mortos". E todos saem da igreja em procissão com velas acesas, para o anúncio da ressurreição de Cristo, pela leitura do evangelho próprio e o canto, várias vezes repetido, do hino da ressurreição:

"Cristo ressuscitou dos mortos; pela morte venceu a morte e deu a vida aos que estão nos túmulos." Depois, o celebrante bate na porta fechada, exigindo sua abertura e entra primeiro, seguido dos fiéis, sempre com velas acesas, ao canto do cânon da ressurreição. É claro o simbolismo das velas acesas: Cristo ressuscitado, luz sem ocaso.

Esse simbolismo, encontramo-lo também no sacramento do batismo, chamado também sacramento da iluminação. Depois de batizar a criança, que passa, assim, das trevas do pecado para a luz da graça, o sacerdote manda acender as velas que os presentes seguram na mão e proclama: "Bendito seja Deus que ilumina e santifica todo homem que vem a este mundo".

Em qualquer cerimônia litúrgica, em especial na "divina liturgia", acendem-se velas no altar para simbolizar de um lado a consumação da criatura diante do Criador, o sacrifício de Cristo em substituição à humanidade; e de outro lado porque é Cristo que está se sacrificando, ele que é a "Luz do mundo".

A exemplo de seu fundador, que usou coisas materiais (pão, vinho, água, óleo) para significar coisas imateriais e até para transformá-las em seu corpo e sangue, a Igreja usa também o material para esse fim (velas, incenso, ícones, imagens, etc.); nossa natureza, que é um misto de matéria e de espírito, o requer. Não sendo o "homem nem anjo nem simples animal" só pode alcançar o espiritual e o sobrenatural por intermédio do sensível e do natural. Sejamos humildes e aceitemos nossa natureza como ela é.

Procissão

O homem gosta de ser exaltado, durante a vida e após a morte. Reis e generais vencedores de batalhas eram recebidos em triunfo, quando voltavam depois das suas conquistas. Grandes cortejos os precediam em meio a cantos e aclamações.

O mesmo cortejo, dessa vez triste e com lamentações, levava os mortos ilustres à sua última morada. Quanto mais ilustre for o defunto, maior o cortejo.

O que os antigos faziam a seu modo e com os meios a seu alcance, os modernos não aboliram, só que o fazem de outro modo e com outros meios aperfeiçoados pelas descobertas científicas. Não foram, porém, dispensados os cortejos de pedestres, carros ou carruagens.

O cristianismo adotou muitos dos costumes puramente humanos e até pagãos, dando-lhes um sentido espiritual e um valor sobrenatural. Um desses costumes é a procissão que, apesar de não se constituir em elemento essencial da vida religiosa, não deixa de ser um incentivo para a piedade.

O próprio Cristo não hesitou em recorrer a ela: aceitou e, talvez pudéssemos dizer, provocou a sua entrada triunfal em Jerusalém, uma semana antes da sua morte, montado num jumentinho e precedido e seguido por imensa multidão que segurava palmas e ramos de oliveira e gritava:

> Hosana! Bendito seja o que vem em nome do Senhor! Logo que entrou em Jerusalém, toda a cidade se pôs em alvoroço (Mt 21,10).

Há procissões triunfais, procissões fúnebres e procissões penitenciais. Há procissões litúrgicas, isto é, que fazem parte dos ofícios litúrgicos, como as duas procissões da missa: a da pequena entrada feita com o santo evangelho e a da grande entrada, ou ofertório, feita com o cálice e a patena, que contêm as oferendas que vão ser consagradas. Temos também a procissão do enterro de Cristo na sexta-feira santa; e as procissões do fogo sagrado no sábado santo, etc.

Há procissões de devoções particulares como a procissão com a imagem do Padroeiro da Igreja paroquial no dia da sua festa e outras. As procissões, até de devoções particulares, têm geralmente um efeito benéfico, sobre a fé dos fiéis. Eis um exemplo tocante a esse respeito: durante a última guerra mundial, quando, na Grécia, Atenas foi libertada da ocupação inimiga, o povo, civis e militares, governantes e governadores, entraram na capital do país em procissão triunfal, seguidos pelo arcebispo metropolitano, segurando o ícone da Mãe de Deus, a Theotókos, e todos cantando à Virgem Maria o seguinte hino litúrgico:

> "Nós, vossos servos, ó Mãe de Deus, vos registramos os lauréis da vitória, penhor da nossa gratidão, como a um general que combateu por nós e nos salvou de terríveis calamidades. E, como tendes um poder invencível, livrai-nos dos perigos de toda espécie, para que vos clamemos: Salve, Esposa sempre Virgem!"

A história da Igreja, no Oriente, como no Ocidente, registra muitas dessas procissões de agradecimento a Cristo e à sua Mãe por vitórias ganhas ou calamidades afastadas. Registra também procissões penitenciais para implorar a misericórdia de Deus, a fim de que envie chuva, depois de longa seca, para livrar de uma epidemia, alastrando-se e fazendo vítimas, etc.

Pastoralmente tais procissões produzem um efeito salutar, maior, talvez, que o melhor sermão, pronunciado pelo melhor dos pregadores. O efeito é ainda maior quando se unem os dois: procissão e pregação. Por isso, nas missões promovidas nas paróquias, por ocasião de acontecimentos importantes, os missionários não dispensam nos programas uma ou mais procissões.

Não se pode negar que as procissões, como qualquer ato humano, podem dar margem a abusos ou talvez ser consideradas por alguns (geralmente sem fé ou com fé adormecida) como promoções folclóricas, mas isso não constitui motivo para serem desprezadas ou suprimidas. Pelo contrário, deve-se esclarecer a sua finalidade e, por meio delas, despertar a fé, sacudindo-a de seu torpor.

Capítulo 3

Segunda Parte

Iconografia bizantina: Santificação pela vista

No primeiro domingo da Quaresma, a Igreja bizantina celebra a festa da fé verdadeira ou ortodoxa, festa consagrada à comemoração da vitória sobre os iconoclastas. Essa vitória pode ser considerada, de certo modo, o fecho do desenvolvimento cristológico e soteriológico no Oriente. Para compreender até que ponto a realidade cristológica transparece na proclamação dogmática pelo VII Concílio Ecumênico, é preciso colocar-se na atmosfera dessa festa, que, talvez, na época, teria tido o mesmo valor que a festa do "Corpo de Deus", na Igreja latina. É preciso também entender o que significa um ícone para um oriental, especialmente do rito bizantino.

Antes ou depois da liturgia eucarística, naquele dia, faz-se uma procissão solene com os ícones de Cristo, da Theotókos (Mãe de Deus) e dos santos, que são em seguida depositados em cima de uma mesa especial, diante do iconostase. Cantam-se, então, hinos que exprimem o sentido exato da veneração dos ícones, como, por exemplo, este:

> O Verbo infinito do Pai recebeu uma limitação, fazendo-se homem, e reunificou a imagem do homem decaído com a beleza divina, restituindo-lhe o seu estado primitivo.

O VIII Concílio Ecumênico, em 869, esclareceu o sentido fundamental e profundo da mensagem transmitida pelo ícone, quando declarou em seu 3º cânon:

> Prescrevemos que se venere a santa imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo, que lhe sejam dadas as mesmas honras tributadas aos livros dos santos evangelhos. Porque, do mesmo modo que todos chegam à salvação pela palavra do evangelho, assim também, todos, sábios e ignorantes, conseguem um bem espiritual pela ação representada em cores, e todos são capazes disso. Pela disposição das cores, a pintura anuncia o mesmo que a palavra pelas letras do alfabeto. Por conse-

> guinte, se alguém não honra o ícone do Salvador, não é tampouco capaz de contemplar sua face no último dia.

O ícone está aqui colocado ao lado da Sagrada Escritura; todos os dois são salutares e abrem os olhos sobre o mundo transcendental. Mas, pergunta São João Damasceno, como se pode fazer um ícone do invisível? Como representar as feições daquele que não é igual a nenhum outro? Como representar aquele que não tem nem quantidade, nem tamanho, nem limites? E ele mesmo responde: Se compreendeste que o incorpóreo fez-se homem para ti, então, é evidente, podes executar a sua imagem humana. Porque o invisível tornou-se visível, tomando carne, podes executar a imagem daquele que foi visto. Porque reduziu-se à quantidade e à qualidade e revestiu-se das feições humanas, pode ser gravado na madeira e apresentado à contemplação aquele que quis tornar-se visível.

No uso cristão bizantino, o ícone (termo grego que significa semelhança) é uma imagem móvel de um santo ou de uma cena sacra, pintada sobre madeira, segundo uma técnica própria e tradições especiais, no intuito de mostrar o estado de alma dos amigos de Deus. Isso requer da parte do artista iconógrafo um conhecimento profundo da Sagrada Escritura, da vida do santo que ele quer representar e um procedimento irrepreensível. Com efeito, todos aqueles que se dedicaram a essa arte eram grandes crentes, grandes ascetas e grandes cristãos. Requeria-se até de todo iconógrafo autêntico, antes de pintar qualquer protótipo, praticar um jejum de três dias, acompanhado de longas orações e meditações sobre o mistério religioso que pretendia pintar. Assim, o ícone achava-se, antes de tudo, gravado na fé do iconógrafo, no mais íntimo de seu ser. E só então, porque viu aquele em que crê, podia expressar-se de uma maneira estética, dando por sua arte, a outros, a ocasião de venerar aquilo que seus "olhos espirituais" viram.

De acordo com essa definição, não se pode considerar ícone qualquer imagem. As imagens de papel ou pintadas sobre zinco não são ícones. Mais ainda, a pintura dos ícones tem uma técnica própria, consagrada pelo ensinamento dos Padres da Igreja e por tradições especiais às quais o artista deve se limitar para salvaguardar

a significação e a personalidade estável do ícone, independentemente do assunto tratado. Essa personalidade consiste em exprimir o sentimento, o pensamento e a doutrina de todos aqueles que professam os mesmos princípios religiosos, isto é, a Igreja.

É a arte em sua mais alta significação. O ícone, ainda que obra do pintor, não depende da sua livre vontade nem das modificações dos costumes e dos tempos. Não é, pois, criação sua nem a expressão do seu sentimento pessoal, mas, sim, a expressão em cores do pensamento doutrinal da Igreja. Por isso os ícones não levavam, outrora, assinaturas. O costume de pôr o nome do iconógrafo embaixo é recente. O pintor deve permanecer anônimo e submeter-se inteiramente, se não ao dogma da Igreja, pelo menos a seu ideal artístico, transmitido pela tradição. O ícone só pode merecer seu nome sob a condição de exprimir, por suas linhas e suas cores, um sentido religioso e divino. A iconografia permanece estritamente subordinada às ideias teológicas e litúrgicas. "O ícone é o espelho, no qual se reflete o mundo invisível", o dogma e a tradição da Igreja. "O que a palavra comunica pelo ouvido, diz São Basílio, a pintura mostra silenciosamente pela representação."

A arte dos ícones, segundo esse ideal da Igreja, não é naturalista, não procura reproduzir as realidades da natureza, as coisas e as pessoas tais como são, com suas qualidades e seus defeitos. É uma arte puramente espiritualista que exprime uma ideia teológica ou mostra o homem deificado, transfigurado, impregnado do Espírito de Deus e revela seu estado de alma; não há, pois, procura do relevo, da profundidade ou da perspectiva, mas procura do essencial. O ícone é uma obra de arte especial, em que a estética permanece secundária em relação ao espiritual.

Há na pintura bizantina uma distinção entre corpo e carne. O artista pintor pode reproduzir o corpo sem chamar a atenção para a carne. O que o iconógrafo reproduz, o que ele apresenta à vista do fiel é esse corpo espiritualizado, do qual fala São Paulo, na sua Primeira Epístola aos Coríntios (1Cor 15,40): "Há corpos celestes e corpos terrestres". O ícone não é uma imagem qualquer, nem mesmo uma simples figura artística, feita para enfeitar os lugares de oração, nem uma simples explicação das Escrituras ou do dogma. O ícone é, nesta terra, "uma realidade divina, sensível,

histórica, iluminada pela graça", que a Igreja abençoa e da qual faz um sacramental que santifica as almas. É um poderoso elemento de devoção que nos ajuda a alcançar nossa vocação cristã, a saber: a realização da santidade e da imagem de Cristo Jesus em nós. É uma parte complementar da divina liturgia e, ao mesmo tempo, uma obra de arte e de piedade.

> A Igreja santifica nossas almas, pela palavra e pelo canto por meio do ouvido; o ícone nos santifica por meio da vista, o mais importante dos cinco sentidos, segundo o ensinamento dos Padres.

Cristo não disse:

> "Os teus olhos são a luz de teu corpo. Se teus olhos são perfeitos, todo o teu corpo será luminoso. Mas se teus olhos forem defeituosos, todo o teu corpo estará em trevas?" (Mt 6,22-23)

A liturgia santifica nossos sentidos pela palavra e pelas imagens.

Virgem Maria na iconografia bizantina

Segundo o padre Laurentin, especialista emérito de Lourdes, Dom Delannoy, bispo de Dax, deu em julho de 1905 o seguinte testemunho:

> Bernadette Soubirous, vidente de Lourdes, não quis nunca reconhecer a fisionomia de Maria na expressão que os fabricantes deram às imagens de Nossa Senhora de Lourdes. Um dia um religioso que possuía um álbum das madonas mais conhecidas do mundo católico, fê-lo ver a Bernadette. Esta folheou o álbum... e... parou, emocionada, diante de um ícone bizantino, de feições regulares... 'Eis, disse ela, o que acho o mais parecido' (Le Lien, 1978, n. 4-5, p. 56).

A Virgem Maria foi sempre o motivo predileto dos pintores bizantinos, por causa de seu papel eminentemente na economia de nossa salvação, e também como réplica às heresias cristológicas cuja consequência era negar a sua maternidade divina.

Uma santa emulação animava os iconógrafos, esforçando-se cada um em dar, da Mãe de Deus, a imagem mais perfeita e mais sugestiva: isso não significa, porém, que procuravam reproduzir a realidade; ao contrário, evitaram sempre representar Maria em atitudes ou sob aspectos que não se coadunam com sua dignidade e respeito que lhe é devido. Por exemplo, nunca a Virgem bizantina é representada como no Renascimento Ocidental, com o peito descoberto e o Menino Jesus desnudo. O princípio da "Arte pela Arte" nunca foi admitido pelos iconógrafos bizantinos. A Virgem é geralmente representada como uma dama nobre, uma rainha poderosa, mas, ao mesmo tempo, majestosa e modesta. Está quase sempre com seu divino Filho, muito raramente aparece sozinha. Ora segura o menino em seus braços ou aperta-o contra o peito e sua face; ora o Menino-Deus parece se firmar por sua própria força, sem recorrer ao apoio materno. O pintor exprime com isso uma ideia teológica muito rica, visto que a iconografia está estreitamente subordinada à liturgia e à teologia. O ícone é o espelho no qual se refletem o pensamento e o dogma da

Igreja. A Virgem é a Mãe de Cristo Salvador: essa maternidade é a fonte de todas as suas prerrogativas; por isso Mãe e Filho são inseparáveis um do outro, pois foi em vista da sua maternidade divina que Maria alcançou um grau incomparável de graça e foi beneficiada com privilégios excepcionais.

Os artistas bizantinos ilustraram essas prerrogativas e virtudes com sinais e símbolos bastante expressivos, como, por exemplo, as três estrelas que figuram sempre na fronte e nos ombros da Theotókos, símbolos da sua virgindade perpétua, antes, durante e após o parto. Essas três estrelas são substituídas por cruzes, em certos ícones antigos, para significar que Maria é o altar de Deus.

Os mais poéticos nomes são dados às representações iconográficas da Virgem: Vasto Céu (Platitéra); Consolação dos aflitos; Dispensadora da vida; Sarça Ardente; Fortaleza inexpugnável, Rosa Odorífera; Fonte de vida; Sabedoria (Sofia); Virgem, nossa guia, (Hodigitria); Virgem Misericordiosa (Eleussa); Virgem Beneficente (Evergétissa); etc.

As mais antigas representações da Virgem conhecidas encontram-se nas catacumbas de Roma; estão infelizmente, deterioradas pelo tempo e pela umidade.

Enquanto a pintura das catacumbas só visavam exprimir o que é humano e natural, baseando-se no sentimento, a arte iconográfica bizantina ilustra uma ideia histórica ou doutrinal. Essa tendência acentuou-se após o Concílio de Éfeso (431) que, ao proclamar o dogma da maternidade divina de Maria, deu origem ao culto mariano no mundo cristão, culto que se exprime, ao mesmo tempo, na arte e na liturgia.

A exemplo do Cristo glorioso, aparece no século V a representação da Virgem gloriosa, inspirada pela nova corrente teológica. O Menino Jesus não é mais uma pequena criatura fraca que sua mãe segura em seus braços, mas o Deus poderoso que abençoa e que todos adoram. A Virgem não é mais somente uma mulher semelhante às outras, mas é Rainha Mãe de Deus.

Essa nova arte oficial, inspirada nas Escrituras e na teologia, não abole, porém, a arte popular, que busca sua inspiração nas fontes da natureza e se baseia no senti-

mento. A arte oficial e a arte popular desenvolvem-se conjuntamente até o século XIX e encontram-se nos conventos obras oriundas dessa dupla fonte.

Ícone da Virgem Orante

Denominação: Esse ícone da Virgem é conhecido sob várias denominações. As principais são: A Virgem Orante, A Virgem de Blaquerne, ou Virgem Blaquernitissa; A Virgem mais Vasta que os Céus (Parthenos Platitéra); A Virgem da Vitória; A Virgem da Aparição (isto é, de quem apareceu o Redentor), etc.

Descrição e simbolismo: A Mãe de Deus é representada, ora em semicorpo, ora de corpo inteiro, em pé, os braços estendidos, as mãos levantadas para a oração. Sobre seu peito, dentro de um medalhão luminoso, aparece o seu Divino Filho, o todo-poderoso, o Pantocrator "que fez de seu seio um trono e suas entranhas mais vastas que os céus" (Hirmos da Liturgia de São Basílio).

Jesus é representado sobre o peito de Maria, para significar que o Verbo eterno tomou carne em seu seio virginal: Filho de Deus sem mãe se fez filho do homem sem pai, fazendo da Virgem a Mãe de Deus, a Theotókos.

A divindade de Jesus é proclamada pelas três letras gregas reproduzidas na sua auréola "O ÔN", tiradas do Êxodo e pelas quais Deus se identificou a Moisés na Sarça Ardente quando lhe disse: "Ego imi O Ôn = eu sou aquele que é". Jesus é, pois, aquele que é, Deus, o "Ser" eterno feito homem. Além disso, segura, na sua esquerda, o evangelho, a boa nova, para a pregação da qual se encarnou, enquanto com a direita dá a bênção à moda bizantina.

O pintor assinala a maternidade divina de Maria pelo fato de colocar Jesus, Filho de Deus, sobre seu peito; e também pelas duas palavras que, abreviadas, escreveu de cada lado de sua cabeça "Mítir Théu = Mãe de Deus".

Maria deu corpo a Cristo permanecendo virgem antes, durante e depois do parto. Essa sua virgindade perpétua é simbolizada pelas três estrelas que lhe enfeitam a fronte e os dois ombros. Suas mãos estendidas e levantadas são um gesto de oração

e de intercessão.

É assim que se rezava antigamente, conforme lê-se na Epístola de São Paulo a Timóteo:

> Quero que os homens rezem, onde quer que estejam, levantando para o céu mãos puras, sem ira e sem contenda (1Tm 2.8).

Maria intercede, pois, junto de seu Filho Deus, pelos que recorrem a ela. Na liturgia, aliás, recorremos a ela, todos os dias, como "A Mediadora dos cristãos nunca repelida, que intercede continuamente junto do Criador".

Histórico: A Virgem Blaquernitissa é, segundo os especialistas, de origem síria, e data, quanto à sua forma definitiva, do século V.

No século IV, sob a influência de tradições sírias, os artistas acrescentaram à imagem da Virgem Orante e de seu divino Filho encostado a seu peito.

A imagem da Blaquernitissa espalhou-se por todo o mundo cristão, principalmente após o Concílio de Nicéia (431). A rainha Santa Pulquéria (450-453), mandou pintar um ícone da Virgem Orante que ofereceu ao santuário de Blaquerne construído por ela ao norte de Constantinopla.

É esse modelo que os artistas reproduzirão em seguida. No século VI, o imperador Justiniano ergueu junto ao santuário de Blaquerne uma grande basílica onde depositou o "Moforio" ou "Omoforio" (manto) da Virgem, trazido de Jerusalém no tempo do imperador Leon I (457-474). O moforio foi objeto de grande veneração contra as calamidades e os inimigos do império. Uma multidão numerosa acorria a essa basílica para venerar o moforio da Theotókos e rezar diante do ícone da Virgem Orante Blaquernitissa.

No tempo da heresia iconoclasta (8º e 9º séculos) houve uma verdadeira hecatombe artística; numeronas obras primas: ícones, mosaicos e afrescos desapareceram. A Basílica de Blaquerne não escapou ao estrago da heresia. Quanto à Virgem Blaquernitissa, um de seus devotos cobriu-a com uma camada de pintura, salvando-a

desse modo, da desaparição. Quando o Imperador Romano Argiros (1028-01034) empreendeu a restauração da basílica, descobriu o célebre ícone da Virgem Orante, mandou tirar a camada que o cobriu e devolveu-o à veneração e ao amor do povo cristão, até o momento em que a igreja de Blaquerne foi queimada e demolida em 1433, pouco antes da tomada de Constantinopla, por Maomé, o Conquistador, em 1453.

Assim desapareceu esse lugar de peregrinação tão célebre. Só ficou desse conjunto de edifícios que foram o Blaquerne uma humilde capela.

A imagem da Virgem Blaquernitissa espalhou-se por todo o mundo cristão, no Ocidente, como no Oriente... Sua efígie encontra-se nos mosaicos, nos afrescos, nos mármore, no marfim, nas miniaturas, nos selos, nos pergaminhos, nas moedas dos séculos IX, X e XI.

Após o triunfo da Igreja sobre a heresia iconoclasta no século IX, é costume representar a Virgem Orante Blaquernitissa atrás do altar-mor, no alto da grande abside, em vez da transfiguração. Na igreja melquita católica Nossa Senhora do Paraíso, em São Paulo, a Virgem Blaquernitissa é pintada atrás do altar-mor e representada em mosaico na fachada da igreja, em cima da porta de entrada.

A Theotókos, de frente para os fiéis, estende seus dois braços para melhor mostrar seu divino Filho encostado contra seu peito ou talvez para abraçar plenamente as almas resgatadas pelo sangue de seu Filho.

Ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

Há diferentes tipos de ícones da Virgem Maria. Um deles é o conhecido como "Virgem Hodigitria", isto é, "Virgem Guia". E nesse mesmo tipo incluem-se vários ícones, com divergências pequenas ou acentuadas, e levando títulos diferentes. Assim, temos o ícone da Virgem propriamente Hodigitria; da "Virgem Misericordiosa", em grego "Eleússa"; da "Virgem Amamentando" (Ghalaktotrophussa); e da "Virgem do Perpétuo Socorro".

O motivo da sua classificação sob o mesmo título genérico é que todos representam a Theotókos à maneira da Hodigitria, isto é, de busto e não de corpo inteiro, de frente ou ligeiramente de perfil, vestida como as imperadoras de Bizâncio. Três estrelas brilham na sua fronte e duas em cada um de seus ombros, para simbolizar a sua virgindade perpétua, antes, durante e depois do parto. O Menino Jesus está sentado no seu braço direito ou esquerdo, vestido de ampla túnica – himation –, amarrada com cinta e coberta com manto. Na auréola de Cristo, as três letras gregas "O ON" lembram a sua divindade. Foi assim que Deus se identificou a Moisés no episódio da sarça ardente (Ex 3,14). As três letras são o artigo com o participio presente do verbo "ser" usado como substantivo e quer dizer "Aquele que é". Raramente essas letras são substituídas por cruzes. Uma cruz forma, às vezes, o fundo da auréola.

Histórico do Ícone – De 40 por 50 cm, o ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é originado da ilha de Creta, onde era venerado desde tempos imemoriais. Segundo antigas tradições, seu autor seria São Lucas, evangelista, médico e pintor. Tê-lo-ia pintado, enquanto a Mãe de Deus estava ainda em vida. O quadro teria agradado à Virgem que prometeu estender sua proteção sobre o ícone e sobre os que o venerassem. São Germano, patriarca de Constantinopla e Santo André de Damasco, bispo de Creta, são dessa opinião. Mas, atualmente, os estudiosos da pintura bizantina explicam essa atribuição ao fato de ter existido no século IV pintor de nome Lucas que as gerações seguintes teriam confundido com o evangelista. Seja como for, esse ícone (e outros semelhantes) não pode ser dele, por causa das vestimentas da Virgem e do Menino Jesus, e também dos símbolos que nele figuram, vestimentas imperiais do tempo dos bizantinos e símbolos desconhecidos na época do evangelista.

Em 1497 o ícone foi levado a Roma e desapareceu um certo tempo, mas foi reencontrado. O papa Pio IX confiou-o aos Padres Redentoristas, em 1866 com esta recomendação: "Fazei que todo o mundo conheça o Perpétuo Socorro". Os padres o guardam na Igreja de Santo Afonso e são, no mundo inteiro, os propagadores da devoção à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Descrição – Sobre um fundo dourado aparece a Mãe de Deus, sustentando no

braço esquerdo o Menino Jesus. Um véu (mophorion) é de cor vermelha com orlas de ouro, símbolo da divindade, da qual seu seio foi depositário durante nove meses e que ela carrega no braço e coração. O ouro, raramente o vermelho, é por excelência o símbolo da essência divina. Uma auréola lhe cerca a fronte, com as três estrelas tradicionais. Às vezes as estrelas são colocadas no véu que lhe cobre a fronte, e uma ou duas delas não aparecem, porque o véu se dobra. Dos dois lados do quadro, à altura da fronte, está escrita a abreviação das duas palavras gregas que significam: "Mãe de Deus = míter Théu".

Seu braço esquerdo sustenta o Menino Jesus, revestido de uma túnica verde, amarrada com cinta vermelha e coberta de um manto cinza-claro.

O artista condensou nesse ícone um grande ensinamento teológico: os mistérios do Filho de Deus pelos quais levantou a humanidade decaída, e o papel de Maria na economia da nossa salvação. Jesus está sentado no braço de sua mãe: é seu Filho que se fez carne em seu seio virginal (mistério da encarnação do Verbo e da maternidade divina de Maria). Dos dois lados da cabeça da Theotókos, dois arcanjos seguram os instrumentos da paixão de Jesus. À esquerda, o arcanjo Gabriel (identificado pela abreviação de seu nome) segura uma cruz; à direita, o arcanjo Miguel (também identificado pela abreviação de seu nome) segura, num recipiente, a lança, a vara com a esponja e o cálice da amargura (mistério da redenção). Além disso, as três estrelas simbolizam a virgindade perpétua de Maria.

Jesus vira o rosto e vê a cruz; assustado e com medo, aperta com as duas mãos a mão direita da sua mãe, como que lhe implorando proteção. A sandália lhe cai do pé esquerdo, ao qual, porém, permanece pendurada.

Do lado esquerdo da auréola de Jesus estão escritas as quatro letras gregas que são a primeira e a última de Jesus Cristo: IS (Iesus), XS (Xristós). Às vezes são escritas as iniciais da inscrição que Pilatos mandou colocar na cruz de Jesus: I (Iesus), N (Nazareno), B, (Basíleus = Rei), I (dos Judeus).

O susto e o medo de Jesus transtornam Maria. Uma profunda tristeza transparece em seu olhar e nas feições de seu rosto. O que assusta seu Filho a impressiona

também. Não é ela a Co-redentora? Jesus, porém, se sente seguro nos braços da sua Mãe, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Em seu poema "Minha mais bela invenção", Michel Quoist faz Jesus cantar a segurança e a alegria que sente nos braços de sua Mãe:

Minha Mãe, o nome dela é Maria, diz Deus.
Sua alma é toda pura e cheia de graça.
Seu corpo é virgem, e mora nele
uma luz tão radiosa que, na terra,
não me cansei jamais de fitá-la
e ouvi-la, admirando-a.
É linda, minha Mãe, tão bela,
que deixando os esplendores do céu,
ao lado dela não senti saudades.
No entanto, diz Deus, eu sei o que é
ser carregado pelos anjos,
e, pois bem, não vale nem de longe,
os braços de u'a Mãe, podem crer.

Virgem Maria no Antimensio

O altar bizantino é coberto com três toalhas, simbolizando o lençol no qual foi envolvido o corpo de Cristo no túmulo; em cima das toalhas coloca-se o Antimensio dentro de um corporal. Em cima do corporal fica o livro do Santos Evangelhos. O Antimensio, chama-se também thronos, porque o sacerdote põe sobre ele o evangelho e depois da consagração as santas espécies como num trono. É um tecido de

linho ou de seda de 40 a 50 cm de lado, consagrado pelo patriarca e que contém, num saquinho, relíquias. Sua finalidade primitiva era converter em altar uma simples mesa. Atualmente usa-se com qualquer altar, consagrado ou não. Os vários desenhos são impressos no tecido. Os principais figuram sempre a descida da cruz ou a deposição no túmulo. Os outros representam a Santíssima Trindade, os profetas, os evangelistas, os santos doutores, a última ceia, os instrumentos da paixão, etc. Nas duas cenas principais, Maria está sempre lá, recebendo Jesus morto sobre seus joelhos ou assistindo ao sepultamento.

Observa-se uma contradição aparente entre dois temas da iconografia bizantina: Maria ao pé da cruz e Maria no momento da descida de Jesus da cruz, ou da deposição no túmulo. No primeiro, a pintura bizantina, antes de sofrer a influência da sensibilidade eslava ou do realismo italiano representava a Theotókos segundo três tipos iconográficos diferentes. No primeiro tipo sírio, Maria suplica, levantando os braços debaixo do manto; no segundo, a dor da Virgem exprime-se pelo gesto discreto de uma mão dobrada debaixo do manto ou contra a face; no terceiro, enfim, Maria leva uma mão até a face; esse tipo foi conservado pelos coptas, na Geórgia, na Rússia e no Ocidente até o Renascimento. Mas nos três tipos, apesar da pungente emoção que se lê no seu rosto, a Theotókos não demonstra nenhum desfalecimento. Ela conhece o mistério e implora "seu Filho e seu Deus" pela humanidade pecadora.

Quanto à descida da cruz, "os iconógrafos bizantinos fixaram na tradição, desde o século X, o gesto comovente que lhe sugeria Jorge de Nicomédia: "Maria beijava os membros que desprendiam": Maria beijava a mão direita de seu Filho. Mais tarde, a Virgem aperta nas duas mãos os braços de Jesus: sua face toca neles, perto do ombro, e sua fronte roça de leve o rosto de seu Filho. Levantando a cabeça, sua boca encontra a boca dele. Mais tarde, seu amor materno manifesta-se de modo mais sensível ainda.

No momento da deposição no túmulo, Maria mostra-se mais materna ainda; às vezes segura a cabeça de Jesus contra seu peito, sob seus lábios, às vezes cerca seu peito com suas mãos, inclinada sobre o rosto de seu Filho ou se arranca os cabelos; ou, desfalecida, duas mulheres ocupam-se dela; ou, sentada sobre um rochedo, entrega-se

às suas tristes meditações, curvada e cansada, a cabeça apoiada na sua mão.

A iconografia encontra-se assim, em seus temas, com a poesia e lirismo dos melódios. Os encômios de sábado santo põem na boca de Maria:

> A toda pura, vendo-vos, ó Verbo, caído de costas, lamentou-se como Mãe: ó minha doce primavera, é o meu dulcíssimo Filho, onde sumiu a tua beleza?

E em outro trecho:

> A Virgem Mãe, esposa de Deus, exclamou: Ó Deus e verbo, ó minha alegria, como suportarei vosso sepultamento durante três dias? Meu coração de mãe já está dilacerado! Quem me dará fontes de água para chorar meu doce Jesus? Ó montes e vales, ó multidão dos homens, chorai e lamentai-vos todos comigo, que sou a mãe de vosso Deus.

Como explicar essa contradição na concepção e na realização de um mesmo estado de alma? Vê-se nisso uma concepção teológica diferente. Maria ao pé da cruz amparada por uma força de alma superior, assistiu, sem desfalecimento, ao drama sangrento, mas, uma vez o sacrifício consumado, o gênero humano resgatado, volta a ser mãe e muito amorosa, tanto mais amorosa que seus sentimentos foram um momento reprimidos. Ao pé da cruz, Maria tem consciência de sua missão de co-redentora: une seu sofrimento aos de seu divino Filho, oferece-se com ele. Durante a descida da cruz e a deposição do túmulo, a natureza retoma nela seus direitos; manifesta sua dor como sabe fazê-lo uma Virgem-Mãe.

Como o antimensio deve servir para o sacrifício, os artistas preferem apresentar Maria na sua missão de co-redentora e esquecer de certo modo sua maternidade. A Theotókos ocupa o centro da cena, ora sentada e recebendo o corpo de seu Filho sobre seus joelhos, ora em pé atrás de Jesus, estendido sobre a pedra da unção ou dentro do caixão. Ela comprime sua dor e oferece o sacrifício de seu Filho e o seu próprio à Santíssima Trindade que ocupa o alto do quadro.

Ao desdobrar o antimensio, no início da missa dos fiéis, o sacerdote bizantino contempla com amor a cruz, instrumento de seu resgate e fonte das graças de seu sacerdócio, erguendo-se atrás de Maria, que intercede com ele pela salvação do mundo. Une sua intenção à intenção muito mais meritória da Virgem Santa. Assim, o antimensio une para ele os dois altares sobre os quais se iniciou e completou-se a redenção: Maria, altar do Verbo encarnado; a cruz, altar do Calvário.

Capítulo 4

Terceira Parte

Sacramentos

Nesta parte, iniciaremos a explanação sobre os sacramentos.

Batismo, admissão dos catecúmenos

O batismo não tem como único fim resgatar e renovar individualmente os pecadores que somos; mas também dar à luz um povo novo, o povo de Deus e, como as águas do dilúvio, gerar, a partir do único justo (Cristo, novo Noé), uma humanidade nova.

A imagem do Bom Pastor aparecia muitas vezes figurada nos batistérios, sem dúvida porque Jesus chamava a atenção para o fato de o bom pastor dar a vida pelas suas ovelhas. Mas, comparando-se ao bom pastor, Jesus referia-se igualmente ao salmo 22, no qual é a ovelha quem fala:

> O Senhor é meu pastor, nada me pode faltar... para as águas tranquilas
> me conduz e reconforta a minha alma.

Essas águas tranquilas são as águas do batismo, no qual o bom pastor reúne todas as suas ovelhas dispersas para lhes dar uma vida nova.

O batismo é, com efeito, imersão na água, mas para dela sair: é uma passagem, é uma travessia. Entra-se nela submetido e escravo, e sai-se livre e puro. Entra-se nela submetido à morte e ao demônio e sai-se filho de Deus.

Introdução à Casa de Deus e inscrição no livro da vida

A cerimônia do batismo deve iniciar-se, se possível, senão fora da igreja, ao menos junto da porta, pois aquele que se recebe não faz ainda parte da Igreja, vem do mundo exterior; e trata-se precisamente de introduzi-lo na Igreja. O batismo é o sacramento da entrada, da iniciação, da passagem. Para a entrada na Igreja material há uma

cerimônia especial. O sacerdote recebe aquele que pede o batismo, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, fazendo sobre ele o sinal-da-cruz; depois impõe-lhe a mão direita sobre a cabeça e pede por ele:

> Senhor, Deus da verdade, em vosso nome e em nome de vosso filho unigênito, e de vosso Espírito Santo, ponho a minha mão sobre o vosso servo... Afastai dele o antigo pecado e enchei-o de fé, esperança e caridade... Inscrevei-o em vosso livro da vida e uni-o ao rebanho de vossa herança...

Renúncia a satanás e adesão a Cristo

Não se entra na casa de Deus como num lugar vazio e inerte: essa casa de Deus é a alegria feita de pedras vivas, que a fé, a esperança e a caridade cimentam à pedra fundamental que é o Cristo. Entrar na casa de Deus é, pois, "ter parte com Cristo", é "rebanho da sua herança", entrar em comunhão com ele, tornar-se membro do seu corpo místico que é a Igreja. E, tudo isso, "para a vida eterna". A Igreja daqui de baixo é o vestíbulo e o anúncio da Igreja do Alto, da Jerusalém celeste.

Essa introdução do batizado é apenas uma primeira etapa: a inscrição no livro da vida. Segue-a um interrogatório sobre a renúncia ao passado pecaminoso, a fé e a adesão a Cristo.

O batismo, como dizíamos há pouco, é uma passagem. Essa passagem não é um simples passeio, há nela qualquer coisa de dramático. É uma luta. O batizado que é introduzido na Igreja não vem do nada (e, nesse ponto, o batismo é muito diferente do nascimento ordinário), é recebido no reino de Deus, mas vem do reino de satanás, a cujo poder é preciso arrancá-lo. No batismo é um ato importante a renúncia a satanás, ou melhor, o "arrancá-lo" do demônio. Por isso se faz ao candidato a pergunta: "Renuncias a satanás, a todas as suas obras, a todos os seus anjos, a todo o seu culto e a todas as suas vaidades?" Por obras de satanás entendem-se os pecados cometidos sob sua influência, ao seu serviço e em seu proveito. À renúncia a satanás

vai corresponder a adesão a Cristo, pela fé!

Exorcismo

A renúncia a satanás e a adesão a Cristo, passagem de um senhor a outro, não é operação fácil: preparam-na múltiplos exorcismos, hoje reduzidos.

A presença desses exorcismos no batismo de hoje pode parecer algo de estranho, porque esses exorcismos se explicam facilmente quando realizados sobre um adulto convertido do paganismo, o qual, durante talvez longos anos, repetira práticas idolátricas, tivera um estilo de vida oposto ao espírito do evangelho. Mas numa criança que acaba de nascer!...

Contudo, a Igreja mantém os exorcismos, ainda que reduzidos, mesmo para o batismo de uma criancinha; e esse fato está cheio de preciosos ensinamentos. Aprendemos assim que o mal não consiste apenas, como o julgavam alguns filósofos e moralistas pagãos, numa simples ausência de ser, numa simples falha, mas que ele tem um autor pessoal, satanás, cujo poder é considerável, e que, numa discussão com os judeus, disse Jesus: "Ele (o demônio) foi homicida desde o princípio. Não permaneceu na verdade, porque nele não há verdade. Quando profere a mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira" (Jo 8,44). Como não acolher, em época como a nossa, essa explicação das tragédias e absurdos sangrentos em que nos debatemos? A crença num autor pessoal do mal parece muito menos ingênua do que a confiança otimista na bondade natural do homem e do mundo.

Os exorcismos ensinam-nos ainda que, para o cristianismo, o mal é mais do que realidade moral: é realidade cósmica, mundial, quer dizer, que atinge todos os elementos deste mundo, porque o demônio é o príncipe deste mundo e, segundo o texto de São João: "O mundo inteiro está sob o poder do maligno" (1Jo 5,19). E o apóstolo Paulo recomenda aos efésios:

> Fortalecei-vos no Senhor e na sua grande força. Revesti-vos da armadura de Deus, para que possais resistir às ciladas do demônio. Porque

> a nossa luta não é contra a carne e o sangue, mas contra os principados e potestades, contra os espíritos malignos espalhados nos ares (Ef 6,10-12).

É por isso que a Igreja, antes de benzer criaturas bem inocentes com a água, o óleo, começa por exorcizá-los e por arrancá-los do poder do demônio. Por que não agir de igual modo para com uma criança que, além do mais, se encontra desde o nascimento, e por efeito do pecado original, sob o império de satanás?

Os exorcismos batismais consistem em orações feitas a Deus, em ameaças dirigidas ao Demônio, e ainda em certos gestos. Destes, o principal é o sinal-da-cruz que o sacerdote traça na fronte, na boca e no peito da criança, dizendo: "Senhor, afastai dele todo espírito mau e impuro escondido e emboscado em seu coração". Foi pela cruz que Cristo venceu o pecado, a morte e o demônio. O sinal-da-cruz é, pois, o sinal da vitória e, dentre as cerimônias preparatórias do batismo, a impressão do sinal da cruz é das mais significativas.

Sinal-da-cruz, imposição das mãos, bênção do óleo

Foi pela cruz que Cristo venceu o pecado, a morte e o demônio. "Estendendo vossos braços na cruz, derrubastes o poder do inimigo" (Encômio II,1). O sinal-da-cruz é, pois, o sinal da vitória, e dentre as cerimônias preparatórias do batismo, a impressão do sinal da cruz na fronte do batizado é das mais significativas: outrora, os escravos eram, muitas vezes, marcados na fronte, por uma incisão ou tatuagem, com o sinal de pertença ao seu senhor (como hoje se marcam os animais); o cristão marcado com a cruz, considerava-se abertamente como propriedade de Cristo, como fazendo parte da casa de Deus.

> Já não sois hóspedes, nem estranhos, mas sois concidadãos dos santos e membros da família de Deus

dizia São Paulo aos efésios (Ef 2,18-19).

> A imposição da mão que é, tal como o sinal-da-cruz, várias vezes repetida, significa também tomada de posse por Cristo e transmissão do Espírito Santo.

Por isso, devemos rever uma concepção muito corrente que deforma, desfigura o nosso cristianismo e o torna insípido. Muitas pessoas vêem a paixão de Cristo sob um aspecto dolente, passivo, que inspira mais dó e piedade, do que admiração e glorificação: como se consistisse apenas na acumulação de sofrimentos padecidos por um profeta inocente e inofensivo, vítima de odiosa maquinação, o doce nazareno que fracassou na sua missão e foi vencido por seus inimigos. A fé e a tradição cristã mais autêntica, pelo contrário, apresenta-nos Cristo como campeão corajoso e combatente heróico; a sua paixão como duelo de morte com o Demônio; a cruz como instrumento de triunfo e troféu de vitória. A própria sepultura de Cristo não é um repouso: é o começo da descida aos infernos, pela qual Cristo vai perseguir satanás até seu reduto, para vencê-lo definitivamente, conforme canta a Igreja:

> Alegre-se o céu e rejubile-se a terra, porque o Senhor mostrou a força de seu braço: esmagou a morte pela morte, tornou-se o primogênito dentre os mortos, arrancou-nos do seio dos infernos e deu ao mundo a grande misericórdia" (Apolitiquia da ressurreição, 3º tom).
>
> Viestes sobre a terra, para salvar Adão; e o não encontrando nela, ó Senhor, descestes até aos infernos a procurá-los" (Encômios, I, 13).

Ora, o batismo torna-nos participantes da paixão de Cristo e de sua cruz; a imersão, a sepultura na água, torna-nos participantes da descida aos infernos, para de lá voltarmos triunfantes com Cristo ressuscitado. Assim, não apenas os preparativos do batismo, mas o seu próprio ato central é um combate.

Aqui está a explicação de um dos ritos mais eloquentes do batismo: a unção do candidato com o óleo dos catecúmenos, que precede imediatamente a entrada no batistério. O candidato despojava-se, outrora, de todas as suas vestes, ajudado pelo

padrinho (se se tratava de um homem), ou pela madrinha (se era mulher). Despia-se, não somente porque o batismo era um verdadeiro banho, mas também porque as suas roupas significavam a velha mortalha do pecado que importava abandonar inteiramente. E despia-se, enfim, porque o batismo é um combate, uma luta corpo a corpo com o demônio; e os atletas desnudavam-se antes de lutar para ter movimentos mais livres e menos por onde pegá-los. O atleta, antes do combate, era friccionado com o óleo para que o corpo se tornasse mais flexível, mais forte e mais escorregadio às tentativas do inimigo, para o prender. É esse exatamente o significado da unção com o óleo dos catecúmenos, claramente expresso na fórmula da sua consagração:

> Senhor, abençoai este óleo, pela virtude, ação e vinda de vosso Espírito Santo, a fim de que seja para os que com ele forem ungidos ou dele tomarem com fé, unção de incorruptibilidade, arma de justiça, renovação da alma e do corpo, defesa contra toda ação diabólica e proteção contra todos os males...

A cruz de Cristo, a sua paixão e ressurreição foram para o demônio, para a morte e para o pecado derrota definitiva.

Poderemos, porventura, dizer que se passa o mesmo naqueles que, pelo batismo, participam dessa morte e ressurreição? Vemo-nos obrigados a reconhecer o contrário: todos os batizados estão sujeitos à morte, todos os batizados podem recair no pecado e sob o Império do demônio. Verificamo-lo, em cada dia, à nossa volta e primeiramente em nós próprios.

Dever-se-á, então, dizer que todos esses efeitos do batismo são ilusórios? De maneira nenhuma. A graça de Deus ajudar-nos-á, durante toda a vida, nesse combate, já que em verdade não é só o momento do batismo que é combate, mas a vida inteira do batizado. Durante toda a nossa vida, lutamos amparados pela graça do nosso batismo. Essa luta é dura e longa e o cristão anseia pelo momento em que Cristo há de reaparecer para estabelecer a justiça suprema, a ordem definitiva e para aniquilar de vez a morte pela ressurreição universal. Essa perspectiva do retorno de Cristo, que marcará o fim de nossa travessia e do nosso combate, não está ausente do batismo:

> Tornai-o um cordeiro espiritual no rebanho santo de vosso Cristo, um membro prezado de vossa Igreja, filho da luz e herdeiro de vosso reino, a fim de que, após ter andado segundo vossos mandamentos e ter conservado o selo intato e a veste sem mancha, obtenha a felicidade de vossos santos em vosso reino...

O batismo é um combate; abre uma vida terrena de lutas, mas dá-nos a garantia de que, com o retorno de Cristo, possuiremos a vitória total e a alegria sem sombra.

Administração do batismo

O batismo administra-se em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, conforme determinação do próprio Cristo a seus apóstolos (cf. Mt 28,19).

Pode-se batizar por imersão, aspersão ou infusão. O modo mais usado é uma combinação de imersão e infusão: coloca-se a criança na pia batismal cheia d'água e o sacerdote derrama com a mão três vezes água sobre sua cabeça, pronunciando a forma passiva: "O servo de Deus... é batizado em nome..."

Saindo da pia batismal o recém-batizado já é templo do Espírito Santo e morada da Santíssima Trindade, pois, pelo batismo, foi purificado de todos os seus pecados e ornado pela graça santificante, tornando-se assim agradável a Deus e seu amigo: "Se alguém me ama, disse Jesus, meu Pai o amará, nós viremos a ele e nele faremos nossa morada" (Jo 14,23). A Santíssima Trindade não sairá dele a não ser expulsa pelo pecado grave. É digna de admiração a fé daquela mãe que só beijou seu filho depois de batizado.

A veste branca

Logo após sair da pia batismal, o recém-batizado é revestido pelo sacerdote da veste branca, "da veste da justiça", enquanto os presentes cantam:

> Ó Cristo, nosso Deus, todo misericordioso, dai-me uma veste luminosa, vós que estáis envolvido de luz como de um manto.

A brancura não evoca apenas a pureza da alma lavada da mancha original. Essa veste branca recorda a veste brilhante com que Cristo apareceu na sua transfiguração e mostrou, com antecipação, a glória da sua ressurreição.

> Suas vestes tornaram-se resplandecentes e limpidamente brancas, de alvura tão nítida, que nenhum lavadeiro sobre a terra seria capaz de fazê-las tão brancas (Mc 9,3).

Ao mesmo tempo se ouvia o Pai dizer a seu re-petito: "Este é meu filho muito amado, em que pus as minhas complacências: ouvi-o". Frase essa absolutamente semelhante à que o Pai fizera ouvir no momento do batismo de Jesus, no Jordão. O batizado é assim identificado ao Filho muito amado, ao Filho batizado, ao Filho transfigurado e ressuscitado. Ao cobrir-se dessa veste branca, o batizado afirma a sua semelhança com Cristo, conforme a palavra de São Paulo:

> Todos vós sois filhos de Deus, pela fé no Cristo Jesus. Porque todos os que fostes batizados em Cristo, vos revestistes de Cristo (Gl 3,26-27).

O batismo é assim o sacramento que nos faz passar da condição de homem pecador, envolto na sua velhice, à condição de homem novo:

> Se alguém está em Cristo, é uma nova criatura. As coisas velhas passaram, e tudo se tornou novo (2Cor 5,17).
>
> Aprendestes a despojar-vos, quanto à vossa vida passada, do homem velho, que se corrompe nos desejos errados. Renovai-vos, pois, em espírito e em vossos pensamentos, e revesti-vos do homem novo, que foi criado segundo Deus em justiça e santidade verdadeiras (Ef 4,22-24).

O batismo não é simples purificação externa, de um homem que, no fundo, continua a ser o que era; não é uma simples união moral com Cristo, baseada na vontade de obedecer aos seus mandamentos e de seguir os seus passos. É transformação interior, é identificação com Cristo, é tornar-se outro Cristo, é vestir-se de Cristo. É o primeiro passo e o mais importante do itinerário do cristão, itinerário cujo ponto final está no céu, onde compartilhará da felicidade dos eleitos, que o apóstolo João, na sua apocalipse (relação da visão que teve na ilha de Patmos), viu vestidos de branco ao redor do Cordeiro:

> ... Vi uma grande multidão, que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, que estavam em pé diante do trono (de Deus) e em presença do Cordeiro, vestidos de vestes brancas e com palmas em suas mãos. E clamavam em voz alta, dizendo: "A salvação é obra de nosso Deus que está sentado no trono e do Cordeiro" (Ap 7,9-10). E ao redor do trono havia anciãos, vestidos de branco e nas suas cabeças coroas de ouro... os vinte e quatro anciãos se prostravam diante do que estava sentado no trono, e adoravam o que vive pelos séculos dos séculos, e depositavam as suas coroas diante do trono, dizendo: "Tu és digno, ó Senhor nosso Deus, de receber glória, honra e poder; porque tu criaste todas as coisas, e por tua vontade é que elas existiram e foram criadas" (Ap 4,4.10-11).

Velas - Iluminação

Em seguida à imposição da veste branca, o sacerdote, o padrinho segurando a criança e os presentes com velas acesas nas mãos fazem uma procissão em volta da pia batismal e dirigem-se para o altar cantando: "Vós todos que fostes batizados no Cristo, vos revestistes do Cristo. Aleluia." Diante do altar, como na missa, lêem-se a Epístola de São Paulo aos Romanos, onde o apóstolo se refere ao batismo, dizendo:

> Pelo batismo fomos sepultados com ele na morte, para que, como

> Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos uma vida nova.

E também o Evangelho de São Mateus: "Ide, ensinai a todas as nações, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo."

Para compreender a beleza e a eloquência dessa cerimônia é preciso recordar a vigília pascal, durante a qual se celebravam solenemente os batismos, e nessa vigília a bênção do fogo novo. De noite, antes da celebração eucarística, havia (como há ainda) o ofício da bênção do fogo, do lume novo. Na igreja às escuras, enquanto os fiéis seguram nas mãos velas apagadas, o celebrante benze, atrás do altar, o fogo novo e dele acende a sua vela; depois, de frente para o povo, faz com a vela uma forma de cruz, dizendo:

> ... A luz de Cristo ilumina a todos. Bendito seja o Pai, o Filho e o Espírito Santo, que ilumina e santifica nossas almas, a todo o momento...

Os fiéis vêm e acendem suas velas da vela do sacerdote e logo se faz a procissão dentro da igreja já iluminada.

No decurso dessa noite, em que se realizou a passagem das trevas para a luz que foi a ressurreição de Cristo, celebravam-se solenemente os batismos que fazem dos cristãos outros tantos ressuscitados. A vela que se entregava a cada batizado era acesa também no círio pascal.

Quando se assiste a essa cerimônia, compreende-se por que é que o nome antigo do batismo era "iluminação". Concebe-se, melhor, aquilo que São João tantas vezes repete: que Cristo, o Verbo, era a luz que veio a este mundo para iluminar todos os homens. Compreendem-se melhor os inúmeros trechos em que São Paulo lembra aos cristãos, aos batizados, que eles são luz, que são filhos da luz, eles que outrora eram filhos das trevas!

Tentaremos precisar essas expressões poéticas. Que luz é essa na alma do batizado?

Filhos da Luz

> Antigamente éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor. Andai como filhos da luz... e não tomeis parte nas obras infrutuosas das trevas (Ef 5,8-11).
>
> Todos vós sois filhos da luz e filhos do dia. Não somos da noite, nem das trevas (1Ts 5,5).

Estes são uns dos passos nos quais São Paulo lembra aos cristãos, aos batizados, que eles são luz, filhos da luz. Que luz é essa na alma do batizado? Podemos dizer que é, em geral, a vida divina, com que somos dotados pelo batismo, pois ele nos torna filhos de Deus, e participantes da sua natureza. A luz pode identificar-se com tudo o que é bom, reto, honesto, justo e santo. Mas pode dizer-se ainda, com mais precisão, que essa luz é a fé. A fé é luz porque nos permite ver nas trevas, porque nos permite conduzir-nos em todas as circunstâncias em que, sem ela, correríamos o risco de cair ou de nos perder. O batismo é iluminação, porque é sacramento da fé.

Essa fé não é uma luz imóvel, é luz viva e crescente. Antigamente o adulto convertido do paganismo recebia o batismo após um período longo de preparação: em cerimônias comoventes, ouvia leituras bíblicas e pregações que projetavam no seu entendimento luzes sobre o plano divino da salvação; recebia instruções e esclarecimentos sobre as verdades da nova fé que desejava abraçar. Mas a fé, a virtude teologal da fé, dom gratuito de Deus, que o homem não pode alcançar pelas suas próprias forças, só lhe era dada pelo batismo: quando descia na pia batismal, era mergulhado simultaneamente na água e na fé. Uma vez batizado, seu crescimento na fé não ficava por aqui, sua iluminação continuava: durante a semana pascal o bispo lhe explicava o sentido profundo desses mistérios, em que participou com admiração e que podem agora lhe ser explicados, não de uma maneira geral, como antes, mas com mais profundidade, pois já é um iniciado, um iluminado.

Hoje em dia, os batismos são ordinariamente de crianças, incapazes de fé, porque incapazes de qualquer ato consciente. Nesses casos, como será o batismo ainda

sacramento da fé, sacramento da iluminação?

Se é certo que uma criança não pode ter pessoalmente a fé, o que acontece no entanto é que ela é batizada na fé da Igreja e de seus pais ou padrinhos. Assim, como outros, diz Santo Agostinho, lhe emprestaram os braços e os pés para a levarem ao batistério, assim como outros lhe emprestaram a boca para responder às perguntas do sacerdote, também outros lhe emprestaram sua fé para que ela seja, apesar de tudo, batizada, na água sem dúvida, mas também na fé. E porque a fé, no batismo, é um dom de Deus "que nos amou a nós primeiro", a esta criança será dada a fé, não como iluminação total, mas como claridade nascente, virtude escondida, e que se desenvolverá pouco a pouco, à medida que a sua inteligência for desabrochando.

De fato, a instrução que era dada aos adultos antes do batismo continua sempre a ser indispensável: a única diferença está em que vai ser dada depois do batismo. É por isso que, mesmo no caso de uma criancinha, o batismo continua ainda a ser o sacramento da fé e da iluminação.

O que acabamos de dizer é o ideal, a teoria. A realidade, infelizmente, nem sempre lhe está conforme. Quantos pais, batizados também, mas que deixaram morrer ou adormecer a sua fé, não pedem o batismo para os filhos sem intenção alguma de fé verdadeira! Levam a criança a batizar porque é costume, porque daí não vem mal nenhum, porque pode até trazer-lhe sorte; porque, se não for batizado, poderá haver complicações quando se quiser casar; porque se dá prazer à avó, ou à tia; porque se pode fazer uma interessante festa de família... Tais pessoas vêm com indiferença ou até com sorriso irônico nos lábios o sacerdote recitar as fórmulas e realizar os gestos rituais. Isso não traz consigo compromisso algum...

Como a Igreja exige que as crianças batizadas sejam instruídas, há ainda algumas probabilidades de que esse filho de Deus frequente a catequese, como quase todas as crianças da sua idade. Mas também isso não obriga a nada... além de que é necessário para a Primeira Comunhão outra cerimônia tradicional, no fundo sem importância, mas que, também ela, irá dar gosto à avó e será motivo de bonitas fotografias, e de um grande almoço. Uma vez feita, porém, a primeira comunhão, ou, como se diz

às vezes, a "comunhão", tudo acaba. Assim, como os exames são uma espécie de certificado que dá direito a esquecer, também a "comunhão" marca o fim de toda a prática religiosa. Resta a esperança de que esse batizado queira ainda passar pela Igreja para fazer abençoar o seu casamento e de que não recusará o sacerdote no leito de morte.

O batismo, em tais casos, que nada têm de imaginário nem são raros, já não é o sacramento da fé e da iluminação. Não é o grande início do itinerário cristão. É simplesmente um ato social, sem consequências profundas, sem futuro vital.

Poder-se-ia perguntar, como o fazem hoje muitos sacerdotes com verdadeira angústia, se se devem celebrar semelhantes batismos. Se não será caso de fazer mais mal que bem, pois sobrecarregam a Igreja com uma multidão de cristãos, que o são apenas de nome, que prejudicam a Igreja por confirmarem a opinião dos não-crentes de que a Igreja, longe de ser sociedade viva, fermento para levedar a massa do mundo, é uma instituição envelhecida, sem eficácia, sem realidade e que continua a existir apenas por hábito.

O cristianismo é vida e não uma série de gestos protocolares. O batismo não pode contentar-se com ser um desses gestos, não pode justificar-se unicamente por si mesmo. O batismo define-se, já o vimos, como iniciação, entrada na vida cristã e na fé. Mais vale não administrar o batismo, se há segura certeza de que o batizado não virá a receber instrução alguma nem terá vida cristã. Contemos, então, com a graça de Deus que poderá talvez encontrar melhor acolhimento num não-batizado inquieto do que num pseudocristão. Os pais que levam ao batismo uma criança, sem nenhuma intenção religiosa, profanam, sem o saber, é certo, uma instituição divina a que tiram todo o significado.

Mas, na prática, os casos não se apresentam, assim, tão nítidos. Numa atitude que parece inspirada pelo mais vulgar conformismo, esconde-se muitas vezes uma ínfima partícula de fé. Quando a família não tem fé, o pequeno catecúmeno é recebido na fé da comunidade; se não há comunidade cristã local, há sempre, invisível mas real, a comunidade santa e universal da Igreja, encarnada ao menos na pessoa do

sacerdote que todos os dias celebra a missa numa igreja vazia. É possível que o germe do batismo, que ele sêmea num alma obscura, sem nenhuma esperança humana de o ver produzir os frutos normais de fé e de caridade, é possível que, um dia, esse germe invisível, mas também indestrutível, se venha a desenvolver para além do que seria de prever.

> Ó abismo de riqueza, de sabedoria e de ciência em Deus! exclamava o apóstolo São Paulo, como são impenetráveis os seus juízos e inexploráveis os seus caminhos! (Rm 11,33).

O batismo, seja qual for a incredulidade dos homens, será sempre o dom de Deus, a incorporação em Cristo, que é a luz do mundo "que as trevas não podem deter." Por isso, o batismo será sempre, por mais sombria que for a noite que nos rodear, o sacramento da entrada na luz.

Crisma ou Confirmação

Logo após o batismo, o sacerdote confere ao recém-batizado o sacramento da crisma, (ou confirmação) ou como se diz em grego o "Santo Myron". O crisma é consagrado com grande solenidade, na quinta-feira santa, e possui, além do azeite de oliva, grande número de ingredientes aromáticos. Era privilégio do patriarca consagrá-lo e distribuí-lo em todas as eparquias de seu patriarcado. Agora, porém, todos os bispos têm essa faculdade.

Antes da encarnação do Verbo somente alguns eleitos eram ungidos: os reis, os sacerdotes e os profetas. Depois de Pentecostes e da descida do Espírito Santo, todo cristão é ungido; todo cristão é rei, profeta e sacerdote. Por causa disso, o povo cristão é um povo eleito, um povo de reis e um povo de sacerdotes: "Sois, diz o apóstolo Pedro, uma raça escolhida, um sacerdócio régio" (1Pd 2,9). O próprio nome, aliás, o indica: cristão significa seguidor de Cristo, "O Messias", isto é, o Ungido.

Para receber a comunhão, isto é, para comer o corpo e beber o sangue de Cristo,

é preciso ser cristão, é preciso ser ungido, é preciso ter recebido, antes, o selo do Espírito Santo, "o Sphraguis", como o chamam os Santos Padres, com o qual o sacerdote marca o neocristão após o batismo d'água.

Esse Sphraguis nos transmite o Espírito Santo que, não só nos une uns aos outros e todos a Deus, mas santifica cada membro de nosso corpo como santifica cada membro da comunidade eclesial. O batismo administra-se por imersão na água (três vezes) ou pela água derramada, também três vezes, sobre a cabeça, para simbolizar as três pessoas da Santíssima Trindade, em nome de quem se batiza e para figurar os três dias passados por Cristo no túmulo, pois pelo batismo morremos com Cristo, somos com ele sepultados e com ele ressuscitados, conforme diz o apóstolo Paulo:

> Todos nós que fomos batizados em Cristo fomos batizados na sua morte. Pois, pelo batismo fomos sepultados com ele na morte, para que, como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos de vida nova (Rm 6,3-4).

Após o batismo recebemos pela mão do sacerdote o selo do Espírito Santo sobre cada um dos membros de nosso corpo, isto é, o sacramento da crisma. Com efeito, os Santos Padres designam como efeito desse sacramento o Espírito Santo e consideram esse efeito como complemento do batismo. Assim também se conclui do que fez São Paulo com os doze homens de Éfeso, que haviam sido batizados somente no batismo de João e não tinham ouvido falar que existe Espírito Santo; Paulo batizou-os "em nome do Senhor Jesus"; em seguida "lhes impôs as mãos e veio sobre eles o Espírito Santo" (Atos 19,1-7).

"A unção visível unge o corpo, mas a alma é santificada pelo Espírito vivo e vivificante", diz São Cirilo de Jerusalém, que prossegue, explicando, mais ou menos assim, as unções feitas sobre as diferentes partes do corpo. A primeira unção faz-se na fronte, enquanto o sacerdote pronuncia a fórmula seguinte:

> "Selo do dom do Espírito Santo. Amém", "a fim de que sejamos liber-

> tados da vergonha que o primeiro homem, culpado por ter violado a ordem de Deus, levava consigo, por toda parte";

e para que nossa inteligência e nossos pensamentos sejam purificados e santificados. A segunda unção faz-se nos olhos para que, às claras, possamos contemplar, como em um espelho, a glória do Senhor, na esperança de contemplá-la um dia, face a face. Depois são ungidos os ouvidos, a fim de que possamos receber o anúncio dos divinos mistérios, segundo o que está escrito em Isaías: "O Senhor deu-me ouvidos para escutar", e como diz o Senhor Jesus no evangelho: "Quem tem ouvidos para ouvir, ouça". São ungidas também as narinas para que possamos dizer: nós somos o bom odor de Cristo diante de Deus, para aqueles que se salvam. Ungem-se os lábios para que nossas bocas sejam cheias dos louvores do Senhor, cantem sua glória e proclamem sua justiça. Faz-se depois uma unção no peito e nas costas, a fim de que, revestidos da justiça, possamos firmemente resistir ao demônio. De fato, como Cristo, depois de seu batismo e da descida do Espírito Santo, venceu o adversário, assim também nós, depois do santo batismo e da mística unção, revestidos da armadura do Espírito Santo, nos oponhamos à potência do inimigo e o derrotemos, dizendo: "posso tudo naquele que me fortalece". Enfim, recebemos o selo do Espírito Santo sobre as mãos e os pés para que as obras de nossas mãos e os passos dados por nossos pés sejam retos e seguros no caminho da justiça e da santidade.

Somos, pelo batismo e pela crisma, lavados de todo pecado. Somos inteiramente santificados e fortalecidos de corpo e de alma. Somos inscritos pelo sacerdote como membros vivos da Igreja militante de Cristo e, pelos anjos, no livro de vida no céu, como filhos de Deus e herdeiros do Reino. Somos realmente cristãos. Resta-nos tomar consciência de nossa dignidade e corresponder à responsabilidade que o Sacerdote eterno, nosso Senhor Jesus Cristo, colocou sobre nossos ombros.

Eucaristia

Na vigília pascal, os catecúmenos participavam da morte e da ressurreição de Cristo ou, para usar a expressão de São Paulo, "revestiam-se de Cristo" morto e ressuscitado, recebendo sucessivamente o batismo, a confirmação e a eucaristia. Pelo batismo eram incorporados na Igreja e em Cristo; pela confirmação, eram consagrados para dar público testemunho de Cristo pela sua fé professada com intrepidez. Pela eucaristia, comiam o corpo e bebiam o sangue de Cristo. para se lhe unirem de maneira mais íntima e realista. Esses três sacramentos, conferidos sucessivamente na mesma noite, formavam o que se chama de iniciação cristã, isto é, depois de os haver recebido, mas só então, é que se era plenamente cristão.

O mesmo sucede ainda hoje e assim se explica a importância que damos à "primeira comunhão" ou "primeira eucaristia" das crianças.

Mas no itinerário do cristão, a eucaristia ocupa duplo lugar. Como primeira comunhão, ocupa um lugar inicial, é sacramento de certa maneira único, sacramento para as crianças ou para os adultos convertidos, que inauguram a sua vida cristã. Terminada, porém, essa iniciação, a eucaristia torna-se sacramento cotidiano, que não é privilégio de nenhuma idade, que deve renovar-se indefinidamente e tornar-se o "pão nosso de cada dia", o "pão nosso do caminho".

A eucaristia foi o sacramento da iniciação na vida cristã e será o sacramento que há de marcar a saída desta vida, com o nome de viático. Mas entre essas duas comunhões particularmente importantes, por que deve a eucaristia renovar-se tantas vezes, como é que ela é o sacramento da nossa marcha em frente? A sua natureza particular o demonstra.

O que ajuda a conhecer a natureza de um sacramento é o gesto humano que lhe fornece a matéria. Assim, o batismo é um banho inaugural, um novo nascimento, uma regeneração. A confirmação é uma consagração e uma admissão pública nos quadros das testemunhas da fé. A penitência é o julgamento de um pecador que se acusa culpado e um tratamento terapêutico desse mesmo pecador que procura a cura de suas falhas. A unção dos enfermos, um remédio. O matrimônio, um

contrato de associação. A ordem, uma transmissão de poderes.

Quanto à eucaristia é uma refeição. Não só foi instituída durante uma ceia, mas ela mesma é refeição. É constituída pelo pão e vinho consagrados sobre uma mesa coberta de toalhas. E o sacerdote, antes das palavras da consagração propriamente ditas, repete o convite de Cristo: "Tomai e comei... Tomai e bebei", e antes de comungar pede: "Recebei-me, hoje, participante da vossa ceia mística". Ora, poder-se-á, sem cair em absurdo, falar de uma refeição que se realizasse uma só vez? O nosso organismo desgasta-se continuamente, fatiga-se, enfraquece-se, mesmo sem nada fazer. É, pois, necessário, periodicamente e a intervalos bem pequenos, restaurá-lo, dar-lhe força e alegria por meio de um alimento rico e substancial, de uma bebida refrescante e tônica.

A eucaristia é esse alimento e essa bebida que restaura e fortalece, pois Cristo disse: "Minha carne é verdadeira comida e meu sangue verdadeira bebida". "Eu sou o pão da vida... Quem come minha carne e bebe meu sangue tem a vida eterna" (Jo 6).

Na oração de ação de graças depois da comunhão, a Igreja nos faz pedir:

> "Senhor, endireitai nosso caminho, firmai-nos todos em vosso temor, velai sobre a nossa vida e dai segurança a nossos passos".

A eucaristia é "fonte de perdão"

> O sangue de Cristo que pelo Espírito Santo se ofereceu a si mesmo sem mácula a Deus purificará nossa consciência das obras da morte, para servir a Deus vivo (Hb 9,14).

Enquanto os demais sacramentos nos trazem a virtude da cruz, por canais sensíveis, na eucaristia entramos em contato imediato com o próprio crucificado, que vem, corporalmente, a nós, para aplicar-nos a sua redenção.

Sem dúvida, a eucaristia não purifica diretamente a alma do pecador como o fazem o batismo e a penitência; mas quem a recebe piedosamente pode, em virtude dos méritos de Cristo, obter o dom da contrição e assim o perdão das faltas. É isso que a Igreja espera quando várias vezes repete que o corpo e o sangue de Cristo são dados e recebidos para "a remissão dos pecados".

Na epiclese, o celebrante pede o envio do Espírito Santo sobre as oferendas para que "sejam para os comungantes, purificação da alma, remissão dos pecados..."

Na secreta do pai-nosso, o sacerdote pede:

> Senhor, amigo do homens... tornai-nos dignos de receber... vossos mistérios... para a remissão dos pecados, o perdão das culpas...

Nas orações preparatórias para a comunhão: "Tornai-me digno de receber sem condenação os vossos mistérios puros para a remissão dos pecados".

A fórmula da administração da comunhão é a seguinte:

> O servo (ou serva) de Deus N... recebe o santo e precioso corpo e sangue de Nosso Senhor Deus e Salvador Jesus Cristo, para a remissão de seus pecados e para a vida eterna.

Poderiam ser citados outros textos da liturgia que dizem que um dos efeitos da eucaristia é a "remissão dos pecados".

A eucaristia é chamada pelos Santos Padres, de modo claro e unânime, "remédio de imortalidade", no sentido mais forte, pois o fiel participa do Senhor substancialmente e recebe o germe da vida eterna. A oração antes da comunhão realça o essencial:

> Que a recepção dos vossos santos mistérios, Senhor, não seja para meu julgamento ou minha condenação, mas para a cura de minha alma e de meu corpo.

E ao administrar a comunhão o sacerdote diz: "... para a remissão dos pecados e para a vida eterna".

Essa virtude da eucaristia é lembrada várias vezes na liturgia. Assim, nas orações de ação de graças:

> Fazei, Senhor, que vossos santos mistérios operem a cura de minha alma e de meu corpo... ajudando-me a alcançar o vosso reino.

A eucaristia não é a recompensa dos que estão bem de saúde, é o "alimento verdadeiro" para aquele que tem fome e sede e que sabe que sem esse alimento morre espiritualmente; é o remédio mais poderoso de imortalidade, antídoto para não mais morrer.

> Fazei com que, Senhor, conservado por vossos santos mistérios, na vossa santidade, me recorde sempre de vossa graça e não viva mais para mim, mas para vós, meu Deus e Benfeitor.

Eucaristia, sacramento e sacrifício

Em sua encíclica Mirae Caritas, Leão XIII diz:

> No testemunho dos Santos Padres, a eucaristia deve ser considerada como uma continuação e uma extensão da encarnação. Por ela, a substância do Verbo encarnado é unida a cada um dos homens e o supremo sacrifício do Calvário é renovado de maneira admirável.

Real, embora misticamente presente à sua Igreja, Jesus nela prossegue a sua função de Mediador. Reúne em torno de si os seus membros todos e, com eles, faz subir, ao trono do Altíssimo, a única oblação verdadeiramente digna de Deus: o sacrifício eucarístico. E, no fim desse sacrifício, traz a esses seus membros, a fonte de

todas as graças, fazendo-os comungar à vítima oferecida que é ele mesmo. Eucaristia, sacrifício e sacramento: dois aspectos indissolubilmente ligados entre si.

O sacrifício da missa pertence à ordem sacramental, pois se realiza por meio de símbolos: o pão e o vinho que contêm a vítima oferecida. O sacramento, por sua vez, depende do sacrifício, pois somente na missa realiza-se a presença sacramental; só na missa consagram-se as hóstias que servirão para a comunhão.

Sob seu aspecto de sacrifício, a eucaristia foi mais bem estudada em nosso livro: A Divina liturgia, explicada e meditada.

Penitência: segunda tábua de salvação

Uma mulher pecadora, que havia na cidade, ao saber que ele (Jesus) estava à mesa em casa do fariseu, trouxer um vaso de alabastro cheio de bálsamo e, chorando, colocou-se por detrás dele, junto a seus pés. Começou a banhar-lhe os pés com lágrimas e enxugá-los com os cabelos de sua cabeça. Beijava-lhe os pés e ungia-os com o bálsamo... E Jesus disse àquela mulher: "Teus pecados te são perdoados... tua fé te salvou; vai em paz" (Lc 7,37-38.48.50).

O filho pródigo:

> entrou em si mesmo e disse: quantos mercenários, em casa de meu Pai, têm pão em abundância, e eu aqui morro de fome! Levantar-me-ei, irei a meu pai e lhe direi: meu pai, eu pequei contra o céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho, trata-me como um de teus mercenários. Levantou-se e foi ter com seu pai. Quando estava ainda longe, seu pai o viu e, movido de compaixão, correu ao seu encontro, atirou-se-lhe ao pescoço e o cobriu de beijos (Lc 15,17-20).

Essas duas narrativas de São Lucas, o episódio da pecadora e a parábola do filho pródigo, há dois mil anos, arrancam de olhos cristãos lágrimas de arrependimento e amor, porque traduzem tão bem, na sua sublime singeleza, o drama do homem

afastado de Deus e a misericórdia daquele que veio livrar-nos do pecado e, por isso, quis chamar-se Jesus:

> porque salvará o seu povo de seus pecados (Mt 1,21).
>
> O Filho do homem veio procurar e salvar o que estava perdido (Lc 19,10).
>
> As pessoas sãs não precisam de médico, mas sim os doentes. Não vim chamar os justos, mas os pecadores (Mc 2,17).

Disse Jesus, respondendo aos fariseus que o censuravam por estar tomando refeição com os publicanos e os pecadores, na casa de Levi, o futuro São Mateus.

> Jesus Cristo veio a este mundo para salvar os pecadores, dos quais, eu sou o primeiro (eu, que antes fui blasfemo, perseguidor e injuriador). Mas por isso mesmo alcancei misericórdia, para que Jesus Cristo manifestasse em mim a sua magnanimidade, para eu servir de exemplo aos que hão de crer nele para a vida eterna (1Tm 1,15-16).

Mas até onde se estende a magnanimidade divina? Depois de regenerados pelo batismo, de aperfeiçoados pelo crisma, de alimentados pelo corpo e o sangue de Cristo, depois de tantas indústrias e paciências da graça, haverá ainda perdão para quem desdenhou o amor?

Pecando mostramos que, na prática, a vontade amorosa de Deus, longe de ser o motivo predominante de nosso viver, é sacrificada à vontade própria.

Raros, raríssimos, os que pretendem ofender a Deus explicita e diretamente. Pretendemos apenas satisfazer a nós mesmos, embora saibamos que desobedecemos a Deus. Entendo que perderei a amizade divina, lastimo-o, talvez, mas o fruto proibido é atraente demais. Assim optamos, indireta porém realmente, contra Deus, rejeitamos o seu amor e nos separamos dele.

Judas não queria a morte de Jesus, tanto que, tocado de desespero, ao sabê-lo condenado, se enforcou, após ter devolvido aos príncipes dos sacerdotes as trinta moedas de prata, dizendo: "Pequei, entregando o sangue inocente". Mas, queria as trinta moedas de prata. E desprezou aquele vigilante amor que avisava: "Um de vós me trairá. A esse homem melhor seria que não tivesse nascido". Desprezou aquele doloroso amor que se queixava: "Amigo, a que vieste? Judas, com um beijo entregas o Filho do Homem?" Mas Judas queria as trinta moedas de prata.

Haverá ainda perdão para quem prevaricou após o batismo? Não há, respondiam certos rigoristas antigos (Tertuliano, Hipólito e Novaciano). Desejosos de ter uma Igreja só de santos, de impecáveis, afirmavam que certas faltas mais graves (a apostasia, o homicídio, o adultério) são irremissíveis. Tais pecados escapam ao poder da Igreja. Ela não pode reconciliar esses relapsos. Que se arranjam a sós com Deus!

Suspeitamos, sem esforço, as trevas espirituais em que deveriam viver esses infelizes. Com o seu pecado sempre diante de si, na terrível incerteza de serem jamais perdoados, como não se atirariam a outros pecados, por desespero? "Fruto do pecado, o desespero, por sua vez, incita a multiplicar os pecados", dizia um dos mais antigos escritores cristãos, o misterioso Hermas.

Desespero pior que todos os outros pecados juntos, porque dúvida do amor, descreve do valor do sangue de Jesus, desconfia da sua bondade. Mas os rigoristas antigos pareciam não conhecer a misericórdia de nosso Salvador. Aquele que mandara Pedro perdoar setenta vezes sete não deixaria seus irmãos e filhos sem perdão; Aquele que se denominava o Bom Pastor não abandonaria a ovelha perdida; Jesus propõe em São Lucas sucessivamente três parábolas sobre o perdão: a dracma perdida, a ovelha desgarrada e o filho pródigo.

Tudo nos leva a crer que, havendo fundado uma sociedade de salvação – a Igreja – Jesus não a deixaria assistir, impotente, à ruína de seus filhos, mas continuaria a exercer, na Igreja e por ela, a sua mesma missão de misericórdia para com as almas perdidas. A sua influência – atual porém secreta – continua a salvar as almas pecadoras, servindo-se de seus sacerdotes. Na pessoa deles, Jesus frequenta ainda os

publicanos e os pecadores.

Quando pensamos na soma enorme de faltas cometidas cada dia, em nossas grandes cidades, por homens batizados; quando sondamos os recantos lodosos de nosso coração, compreendemos a conveniência de um novo sacramento que, aos pecados cometidos após o batismo, aplica o sangue da redenção. Sacramento que, por esse motivo, foi denominado "segunda tábua de salvação após o naufrágio", sendo a primeira o próprio batismo.

Visto esse aspecto da penitência,

> o Oriente permaneceu alheio a todo princípio jurídico penitencial; sua concepção do pecado e sua atitude em relação ao pecador é essencialmente terapêutica, depende não de um tribunal, mas de uma clínica. Sem nada "prejulgar", a Igreja entrega-se à filantropia de Deus e redobra sua oração pelos vivos e pelos mortos... (Evdokimov).

Penitência e misericórdia de Deus

O batismo, a confirmação e a eucaristia são sacramentos de vida, de progresso, de promoção. Com eles, avançamos e crescemos. Podemos dizer o mesmo do sacramento da penitência?

Para muitos cristãos de nosso tempo, não. Querem um cristianismo otimista, positivo, e o sacramento da penitência parece pertencer ao domínio de uma religião pessimista e negativa. Assistimos, nos dias de hoje, à nova descoberta dos valores comunitários e sociais e o sacramento da penitência afigura-se como um sacramento estritamente individual. Enfim, não é verdade que esse sacramento pareça não ter outro efeito, senão lavar manchas, pagar dívidas, reedificar ruínas? Não será ele muito mais sacramento de parada ou de retorno ao passado do que sacramento de progresso?

A penitência é o sacramento que, juntamente com a eucaristia, melhor nos revela o amor misericordioso de Nosso Senhor e Deus. A palavra "penitência", antes

de designar um sacramento cristão, designa a atitude de alma e até a virtude, pela qual detestamos o pecado e dele nos arrependemos porque ofende a Deus, e dele nos separa. Não nos admiremos de que a mesma palavra se aplique a uma disposição interior da alma e a um sacramento.

Entre as duas acepções dessa palavra não há equívoco, mas analogia e até relação de causa e efeito. A essência do sacramento da penitência, a matéria-prima tão indispensável como a água no batismo ou o pão e o vinho na eucaristia, é a dor dos pecados. Faltando essa atitude interior, não há sacramento.

É, pois, absolutamente falso que basta a um cristão confessar os pecados e receber a fórmula da absolvição, pronunciada por um sacerdote, para se tornar branco como a neve. Onde não houver, primeiro, a dor dos pecados, o arrependimento e o firme propósito de não mais pecar, toda absolvição é ineficaz; por outro lado, se a dor dos pecados atingir um certo grau de pureza e de intensidade, pode ela purificar a alma antes mesmo de ser dada a absolvição.

A penitência, como atitude de alma e virtude, não é uma criação do cristianismo. Foi já o grande tema de pregação dos profetas do Antigo Testamento como foi também o tema favorito de São João Batista, chamado com razão o último profeta, porque estabelece, de certa maneira, a ligação entre o Antigo e o Novo Testamento. São Mateus nos diz:

> Naqueles dias, apareceu João Batista, pregando no deserto da Judéia.
> Dizia: fazei penitência, porque está próximo o reino dos céus.

Jesus Cristo, profeta por excelência, visto ser não só o mensageiro de Deus, mas a própria palavra de Deus, o próprio Verbo de Deus encarnado, inaugurou a sua mensagem, a sua boa nova, o seu evangelho, pregando igualmente a penitência: "O reino de Deus está próximo. Fazei penitência e crede no evangelho", tal é a sua primeira palavra em público, no Evangelho de São Marcos. E, segundo São Mateus, "Jesus começou a pregar dizendo: fazei penitência, porque está próximo o reino dos céus".

Esses grandes profetas pregaram tanto a penitência, porque ela, longe de ser sentimento negativo, ou deleitação no mal e na tristeza, é um sentimento profundamente religioso, proveniente de uma evidência, que trespassa o próprio profeta: a evidência da absoluta santidade de Deus. Eis como foi a visão do profeta Isaías:

> Vi o Senhor sentado num alto e elevado trono... havia serafins de pé, junto dele... e clamavam entre si e diziam: Santo, Santo, Santo, é o Senhor dos exércitos. A terra inteira está cheia da sua glória.

E esta visão, apesar de tão bela, encheu-o de temor:

> Ai de mim!... estou perdido, porque sou um homem de lábios impuros e vi com os meus olhos o Rei, o Senhor dos exércitos! (Is 6,1-5)

O profeta, o homem religioso, ao entrar em contato com Deus, adverte que Deus é santo, é a própria santidade, sem mancha alguma, separado de tudo o que é mal. O sentimento da plenitude, da grandeza e do esplendor de Deus enche-o de enorme temor, porque, por contraste, toma consciência de sua própria sordidez e fragilidade. O sentimento do pecado e da penitência não nascem, pois, de uma espécie de complacência nas nossas impurezas, mas, pelo contrário, da consciência intensa de que Deus é absolutamente santo.

E precisamente porque Deus é a santidade absoluta, ele se debruça sobre o pecador. Desprezar o pecador é próprio do fariseu, daquele cuja santidade, meramente exterior, não passa de frágil capa. Num ser limitado, exposto também ao pecado, a integridade moral facilmente se faz acompanhar de certa inflexibilidade; mas em Deus, em quem não pode haver pecado algum, a justiça pode, por isso, aliar-se à mais terna misericórdia. Todos os profetas notaram essa característica de Deus: o seu amor para com os fracos e pecadores, que é o aspecto mais tocante da sua santidade.

Não é por causa do pecado que Deus olha assim com bondade para os pecadores. Deus aborrece necessariamente o pecado, que não é outra coisa senão afastamento

dele; mas ama o pecador, porque, longe de querer que ele se afunde no pecado, quer antes retirá-lo dele. A misericórdia de Deus não é simples olhar de compaixão, é eficaz e, de certo modo, criadora: há nela essa potência de fazer voltar o pecador, de o arrancar do pecado, de fazer dele um ser novo. "Se os vossos pecados forem como o escarlate, tornar-se-ão brancos como a neve", diz ele em Isaías.

O perdão não é um pacto pelo qual Deus se decidiu a não mais ver os nossos pecados; é uma transformação, uma nova criação do homem.

> Derramarei sobre vós uma água pura e sereis purificados de todas as vossas imundícies... Dar-vos-ei um novo coração, e porei em vosso peito um espírito novo. Tirarei de vosso corpo o coração de pedra e vos darei um coração de carne (Ez 36,25-26).

Essa mudança, essa reviravolta no interior do homem, constitui exatamente a penitência, que é uma conversão, ou seja, uma mudança total. Assim como só Deus pode criar o mundo, também só Deus é que pode realizar essa obra inaudita que consiste em recriar o coração do homem. E é coisa tão bela, que não há nada que dê mais alegria a Deus e aos anjos. Eis como Jesus conclui a parábola da ovelha perdida:

> Eu vos digo que haverá no céu maior alegria por um pecador que faz penitência, do que por noventa e nove justos que não têm necessidade de arrependimento (Lc 15,7).

Ver sob essa luz o sacramento da penitência é evidentemente destruir todas as objeções que se possam levantar a esse sacramento, quando o reduzimos a um apagar automático e periódico dos pecados.

A "remissão dos pecados" em que dizemos acreditar sempre que recitamos o credo é, em primeiro lugar, obra do batismo, que nos lava, uma vez por todas, no sangue de Cristo. Mas como Deus conhece a nossa fraqueza e é infinitamente paciente, instituiu outro sacramento que põe ao nosso alcance a sua misericórdia

inesgotável, para podermos repetir, com a certeza de sermos atendidos, a oração que Davi pronunciou após o seu grande pecado:

> Lavai-me completamente da minha culpa... pequei só contra vós... Lavai-me e tornar-me-ei mais branco do que a neve... Não desprezeis, Senhor, o meu coração contrito e humilhado.

Deus tem tanta misericórdia e bondade para o pecador, que foi chamado "Mendigo de amor". O cristão é um homem miserável, mas sabe que há alguém mais miserável ainda, esse Mendigo de amor à porta do coração:

> Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e tomarei refeição com ele, e ele comigo (Ap 3,20).

O Filho vem sobre a terra para sentar-se à "mesa dos pecadores".

Penitência, ato comunitário

Sendo a penitência um prodígio do poder divino e de sua misericórdia, capaz de recriar o coração do homem contrito, por que não basta confessar os pecados a Deus, sem ter de ir declará-los a um sacerdote, isto é, a um homem como nós, que também é pecador?

A dor dos pecados, o reconhecimento da santidade de Deus e a confiança em sua misericórdia constituem aquilo que chamamos de virtude da penitência. No entanto, a penitência é também um sacramento. Ora, o que faz um sacramento é a onipotência santificante de Deus aparecendo, manifestando-se, chegando até nós envolta num sinal sensível, um gesto social, porque todos os sacramentos são sinais sagrados e atos da Igreja. Não há sacramento sem Igreja, como não há Igreja sem sacramentos. Mas poder-se-á falar de um ato da Igreja, de um sacramento comunitário, quando se trata do sacramento da penitência? Não é ele administrado

numa conversa a sós? Não tem o sacerdote de guardar sigilo da confissão, de tal maneira que não pode dizer, seja a quem for, e por nenhum pretexto o que nela ouviu?

A virtude da penitência apresenta já um caráter comunitário. Está fora de dúvida que a ofensa do pecado atinge a Deus e que os pecados, em si mesmos, são pessoais. É certo que os profetas pregaram a autonomia da consciência individual: "A pessoa que pecou é que morrerá" (Ez 18,4). "Cada um morrerá pelo próprio crime" (Jr 31,30). E, no entanto, pregaram, também, a penitência coletiva. O profeta Jonas, cuja história contém, sobre a penitência, doutrina tão profunda, pregou a penitência a toda a cidade de Ninive e todos "homens e animais, bois e ovelhas, fizeram jejum de penitência" (Jn 3,7).

Também Jesus, que tão alto elevou o sentido da responsabilidade pessoal, seguiu essa mesma linha de pensamento: o bom pastor procura a ovelha perdida, não para a pôr à parte, mas para a reintegrar no rebanho. É que, de fato,

> Jesus havia de morrer pelo povo. E não só pelo povo, mas para reunir, em um só, todos os filhos de Deus, que estavam dispersos (Jo 11,51-52).

Não é outro o fim da redenção: "conduzir para o aprisco as ovelhas que estão fora, para ter um só rebanho e um só pastor" (Jo 10,16).

A Igreja começou também por praticar a penitência pública.

> O sacramento era conferido sob a forma de exclusão da Igreja e de reintegração na comunidade: quem queria fazer penitência pelos seus pecados dirigia-se ao bispo, que só o admitia depois de séria prova. Imposta a penitência proporcional à falta, o pecador era expulso da Igreja até cumprir a pena... Cumprida essa pena, o bispo concedia-lhe a readmissão, que significava, ao mesmo tempo, a remissão dos pecados.

Com o decorrer do tempo, devido a vários motivos e circunstâncias, essa penitência pública tornou-se impraticável e até prejudicial; e o sacramento passou do

estágio coletivo ao individual (ainda que a confissão dos pecados tenha sido sempre individual). Mas nem por isso deixou de ter um caráter comunitário, caráter esse que, em nossos dias, após o Concílio Vaticano II, a Igreja está empenhada em destacar.

Acompanhemos alguém que se queira confessar: normalmente, o penitente dirige-se a uma Igreja. O sacerdote que o acolhe deve estar revestido da estola, insígnia do poder sacerdotal: é como representante da Igreja que ele vai receber a confissão dos pecados e, se achar bem, conceder a absolvição. Há ainda outro ponto, desconhecido de muitos fiéis, a provar que o sacerdote, no sacramento da penitência, atua como delegado da Igreja: é que, salvo evidentemente o caso de perigo de morte, nem todos os sacerdotes podem ouvir confissão e absolver qualquer fiel. Um sacerdote não pode ser ministro da penitência, numa diocese, sem que o chefe dessa diocese, o bispo, lhe dê jurisdição.

Outro pormenor importante: o sacerdote dá habitualmente duas absolvições. A primeira é assim concebida:

> Nosso Senhor e Deus Jesus Cristo que deu a seus divinos e santos apóstolos e discípulos o mandamento de ligar e desligar os pecados dos homens, ele próprio, do alto, te perdoa todos os teus pecados e faltas. E eu, seu servo indigno, tendo recebido deles o poder de fazer o mesmo, te absolvo de toda excomunhão, na medida de meus poderes e de acordo com tua necessidade.

Só depois vem a absolvição propriamente dita dos pecados confessados:

> Eu te absolvo também de todos os teus pecados, que confessaste diante de Deus e de minha indignidade, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Por que se dá a primeira absolvição? Porque o sacerdote não pode absolver um pecador que esteja excluído da Igreja, no foro externo, por qualquer medida

disciplinar, com a excomunhão ou o interdito. Quer dizer: para se poder reconciliar um homem com Deus, no segredo da sua consciência, é preciso começar por reconciliá-lo com a Igreja, se dela estiver separado.

O pecado, portanto, nos afasta não só de Deus, mas também dos nossos irmãos. Todo pecado é separação, desagregação. É o reverso da comunhão dos santos: assim como, pela caridade, formamos todos um só corpo, cuja cabeça é Cristo; uma só videira, que é Cristo; assim como uma alma que se eleva, eleva o mundo; também, mas de maneira inversa, o pecado mutila o corpo, separa os sarmentos do tronco, abala o edifício da Igreja. Quando pecamos, não é Deus apenas que ofendemos; não é só a nós que prejudicamos, separando-nos de Deus; prejudicamos também os nossos irmãos. Por isso é que o poder de perdoar os homens, o sacramento da penitência, foi instituído por Jesus, no momento em que instituía a Igreja e a sua hierarquia:

> Eu te digo, disse Jesus a Simão Pedro, que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. E eu te darei as chaves do reino dos céus. Tudo o que ligares sobre a terra será ligado no céu e tudo o que desligares sobre a terra será desligado no céu (Mt 16,18-19).

Eis exatamente o motivo por que a penitência é sacramento: é um gesto visível, realizado na terra, que tem poder invisível e sobrenatural que atua no céu; é um gesto que se realiza na comunidade da Igreja; é um gesto que foi dado aos chefes dessa Igreja, por Cristo.

Matrimônio

O vínculo matrimonial, entre o homem e a mulher, tem sua origem na própria criação divina. É o princípio e fundamento da sociedade humana e tornou-se, pela graça, o grande sacramento do amor. Da discussão acerca do divórcio, relatada por

São Mateus, a doutrina de Jesus é evidente: o matrimônio não é apenas um contrato facultativo entre homem e mulher, mas uma instituição divina comprometendo a vontade de Deus inscrita na complementação dos sexos. Respondeu-lhes Jesus

> Não lestes que o Criador no princípio criou um só homem e uma só mulher e lhes disse: Por isso o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher e os dois formarão uma só carne... Portanto, não separe o homem aquilo que Deus uniu (Mt 19,4-6).

Do matrimônio nasce a família que "recebeu de Deus a missão de constituir a célula primária e vital da sociedade" (Apostolicam actuositatem, n. 11). "Crescei e multiplicai-vos", disse Deus a Adão e Eva. Essa instituição divina foi elevada por Cristo à dignidade de sacramento.

O matrimônio cristão é, portanto, um sacramento santo e santificante que dois batizados, homem e mulher, se administram pelo mútuo consentimento e com a bênção de Deus a eles transmitida por seu ministro. Assim, amparados pelo proteção divina tomam conscientemente um rumo definido na vida.

Canal de graças especiais, esse sacramento ajudará os nubentes a levar uma vida plenamente humana e cristã, cheia de compreensão mútua e amor recíproco; vai sustentá-los também na sublime missão de colaborar com Deus todo-poderoso, criador de todos os seres, na obra dignificante, ainda que, às vezes, penosa, de aumentar o número dos comensais na mesa do Senhor, neste mundo transitório e no outro sem fim.

Não é bom que o homem esteja só

Com essa expressão do Gênesis, o autor inspirado quer dizer algo sobre a misteriosa tendência da nossa natureza: a atração dos sexos, o complemento sexual e a vocação do homem para o "eterno feminino". Paralelamente, há outros ensinamentos. Entre eles, temos a origem divina do matrimônio e a igualdade substancial da mulher e

do homem. Apesar de habitar em uma mansão paradisíaca, Adão não se sente feliz, precisa de uma ajuda que o complete e com a qual possa comunicar-se: uma ajuda, semelhante a ele, da mesma natureza que ele, "ossos de seus ossos e carne de sua carne", conforme exclamou Adão ao ver Eva.

O amor, fundamento do matrimônio perfeito

Sem amor não se pode falar de autêntico matrimônio. Forças alheias ao amor poderão unir duas pessoas, mas não na profundidade e constância requeridas para que haja matrimônio. Só o amor é energia unificadora; ele une intimamente os seres que se amam. Os filhos virão reforçar essa união. Infelizmente sempre foram comuns os assim chamados "casamentos de interesse"; ele ou ela tem posses, uma posição social de valor. Mas o fundamento só pode ser o amor. Na constituição pastoral do Concílio Vaticano II, afirma-se:

> o amor conjugal é eminentemente humano, porque parte de uma pessoa e se dirige a outra pessoa, mediante o afeto; portanto é capaz de enobrecer as expressões do corpo e da alma, como elementos e sinais específicos da amizade conjugal e de enriquecê-la com uma especial dignidade

e semelhante amor, que associa o divino ao humano, leva os esposos à mútua doação de si mesmos, provada com terno afeto e com obras, e lhes impregna toda a vida. Por isso não se deve confundir amor com simples atração sexual.

Os jovens precisam ser instruídos, convenientemente a tempo, sobre a dignidade, a função, a finalidade e o exercício do amor conjugal. O tempo de namoro e de noivado só se compreende se tiver esse fim, isto é, o moço e a moça se conhecerem profundamente, intelectual, moral e espiritualmente, antes de darem o passo decisivo. Na dramática história do fracasso de muitos casamentos, a causa principal está nessa falta de preparação. Amor à primeira vista não passa de uma utopia. Se os dois jovens

que pretendem se casar não se conhecerem devidamente do ponto de vista humano, a simples atração sexual, provocada pela beleza física ou qualquer outro atrativo corporal, fará logo desmoronar seu casamento. Como eles são colocados e formados para o trabalho e para a vocação que lhes valha um lugar no convívio social, precisam ser formados e educados para a vida matrimonial.

Características do amor matrimonial

Unidade e indissolubilidade. A unidade é uma consequência da doação total do outro, pois o amor, na sua totalidade, é exclusivo, não admite divisões. A indissolubilidade quer dizer que um amor conjugal autêntico não pode ser sujeito ao condicionamento do tempo e do espaço. Não se reduz o matrimônio só a um "sim" inicial, mas se requer um "sim constante", porque se trata de uma comunhão de toda a existência. Gaudium et Spes anota:

> O autêntico amor conjugal é assumido no amor divino, rege-se e enriquece-se pela virtude redentora de Cristo e pela ação salvífica da Igreja. Cristo foi taxativamente contrário ao divórcio. Citou o Gênesis, para confirmar a unidade e indissolubilidade primitiva do matrimônio. O seu ensinamento supera as concepções pagãs e judaicas e dá ao matrimônio a mais alta dignidade. Para São Paulo, o matrimônio deve ser contraído no Senhor (1Cor 7,39), é indissolúvel até a morte (Rm 7,2-3), e imagem da união de Cristo com a Igreja (Ef 5,21-23).

Matrimônio sacramento

Foi Cristo mesmo quem acrescentou à instituição humana do matrimônio a ordem sacramental. Através do sinal sacramental, torna-se eficaz a presença de Cristo nessa comunidade de amor em todas as suas manifestações.

Ritual do matrimônio

A administração desse sacramento, no rito bizantino-melquita, realiza-se no decorrer de um ato litúrgico elaborado por homens santos, impregnados de beleza, poesia, piedade e simbolismo e dominado pela presença invisível da Santíssima Trindade. Todos os gestos e palavras ressaltam a origem divina do matrimônio e sua finalidade, assim como a união indissolúvel que deverá reinar entre os futuros marido e mulher.

Quatro atos principais destacam-se no ritual: a colocação das alianças nos dedos dos noivos, a junção das mãos, a coroação e o cálice comum.

As alianças – garantia da palavra dada e penhor de seu cumprimento, trocam-se três vezes nos dedos dos noivos, para significar que tomam a Trindade Santa como testemunha do grave compromisso assumido. As alianças simbolizam o vínculo do noivado, que se fazia várias semanas ou meses antes do casamento numa cerimônia solene. Atualmente, realiza-se imediatamente antes.

O símbolo do anel – familiar à Sagrada Escritura: no Antigo Testamento, um rei dava a um particular seu selo para honrá-lo e também para delegar-lhe seu poder (assim fez Faraó com José). O homem, investido de uma vice-realeza sobre a criação, torna-se a base, a pedra angular, o memorial da graça de Deus, a coluna viva em que se inscreve a Nova Aliança. No Novo Testamento, o pai, mandando colocar o anel no dedo do filho pródigo, restitui-lhe os seus antigos direitos perdidos pelo pecado.

> Pelo anel, diz uma antiga oração de noivado, nosso Pai Celeste compadeceu-se de seu Filho, dizendo: colocai um anel na sua mão.

A junção das mãos – os nubentes se dão as mãos para mostrar que, de hoje em diante, caminharão unidos, de mãos dadas, na estrada misteriosa da vida, por entre percalços e vicissitudes de toda espécie, olhando com otimismo e confiança em Deus, para a mesma direção, almejando o mesmo fim e ajudando-se mutuamente para não tropeçar.

A coroação – "Sê fiel até a morte e eu te darei a coroa da vida", diz no livro do

Apocalipse, "aquele que é o primeiro e o último, que estava morto e voltou, vitorioso à vida". A coroa é o símbolo da vitória. Os vencedores eram coroados após suas vitórias. Os noivos o são também, "como jovens esposos cingidos de diadema" (Is 61,10). A coroa colocada sobre suas cabeças lembrar-lhes-á sua condição de senhores, de homens livres, condição alcançada graças à vitória de Cristo, nosso Deus e nosso Rei, sobre a escravidão do pecado e do príncipe das trevas. É uma antecipação da coroa da glória, prêmio daquele que se mantiver fiel ao Senhor, que vencer a carne e suas inclinações perversas, pelo amor sadio e casto; daquele que, vencendo o egoísmo escravizador, amar o companheiro por si mesmo e não somente a si próprio no companheiro. Esse amor é um grande mistério porque, ainda que imperfeito, reproduz o amor de Cristo e de sua Igreja. "Aquele que vencer, eu o farei assentar-se comigo no meu trono", diz o Senhor.

A oração que se canta após a coroação nos transporta ao começo e ao fim do destino humano, unindo-os. Com efeito, descrevendo a grandeza do homem inocente, ao sair das mãos de Deus, na aurora da sua vida, a Epístola aos Hebreus diz, citando o salmista: "De glória e de honra o coroaste". Por sua vez, o Apocalipse descreve a outra extremidade, o fim da história e termina com a apoteótica visão "da noiva, da esposa do Cordeiro", para a qual "as nações levam a sua glória e a sua honra". Não é de mãos vazias que os homens chegam às margens do Reino; levam consigo os dons do Espírito: a glória e a honra. A mesma fórmula que exprime a promessa inicial e seu apogeu final, o paraíso e o reino, usa-se para cantar o sacramento do matrimônio: os esposos são coroados de glória e de honra. O matrimônio aparece como o ponto em que se encontram o alfa e o ômega, o começo e o fim, o Paraíso e o Reino do destino humano.

Por isso, a cerimônia da coroação é o ponto culminante do matrimônio no rito bizantino-melquita, e lhe dá o nome de "ritual da coroação".

O cálice comum, do qual bebem "os que se unem pela comunhão do matrimônio", lembra-lhes a união íntima e indissolúvel de suas vidas, dia a dia, nas horas de alegria e tristeza, de prazer e dor, de labuta e lazer, em união íntima com o cálice do Senhor, às vezes amargo, mas sempre suave e fonte de energia.

"O matrimônio é o sacramento do amor", assim o definiu São João Crisóstomo. Um sacramento é sempre um acontecimento na Igreja, pela Igreja e para a Igreja. Por isso, todos os sacramentos levam à eucaristia, que, pela sua plenitude, sela o testemunho da Igreja. Para iniciar uma nova vida conjugal, os noivos precisam, acima de tudo, aceder à sinaxe eucarística e receber o "pão da vida, descido do céu", prova máxima do amor de Cristo aos homens. Alimentar-se-ão dele frequentemente, para que seu amor mútuo não esmoreça e à pergunta: "Que fazeis na vida?" possam responder: "Amamos Cristo, amando-nos um ao outro". Porque o amor a Deus e o amor ao próximo não são dois amores, mas duas manifestações de um só e mesmo amor total.

Unção dos enfermos, sacramento do conforto

A unção dos enfermos não é exclusivamente, nem principalmente, o sacramento dos moribundos. Por isso deve-se pôr de lado a expressão infeliz de extrema-unção, conforme fez o Concílio Vaticano II na Constituição sobre a liturgia, para o rito romano e conforme foi sempre chamado na tradição oriental.

Atitude de Cristo para com a doença e os doentes

Cristo nunca esteve doente: sendo a doença, uma consequência do pecado original, Cristo que se revestia de todas as nossas misérias, exceto o pecado, não podia estar sujeito a ela. Mas esse fato não o impediu de ser, para os enfermos, modelo perfeito da paciência e coragem no sofrimento, durante sua paixão voluntária, aceita por obediência ao Pai e por amor para conosco.

Além de não conhecer a doença, Cristo tratou-a como inimiga; e essa atitude está perfeitamente de acordo com o seu amor pelos enfermos: afluíam por onde ele passava, assaltavam-no, a ponto de o impedirem de comer; tudo isso porque Jesus curava-os em grande número.

Nunca Jesus beatificou a doença e jamais declarou que, para este ou aquele, ela

era castigo do pecado. Pelo contrário, a respeito do cego de nascimento, disse a seus discípulos: "nem este pecou, nem os seus pais". Simplesmente tinha compaixão dos doentes e curava-os com uma única condição: desejar ser curados e acreditar em seu poder. Por vezes, acrescentava o perdão dos pecados e o convite a não pecar mais. É que, embora não haja ligação necessária entre tal doença e tal pecado, existe certamente ligação entre a doença e o pecado: ambos são obra do demônio.

Entre os vários poderes e funções que Jesus encarregou os apóstolos de exercer após a sua partida, figura em lugar de relevo a cura dos enfermos. Lê-se até em São Marcos que, já na altura da primeira missão, os discípulos "expulsavam muitos demônios, ungiam com óleo numerosos doentes e curavam-nos" (Mc 6,13).

Promulgação do sacramento da unção dos enfermos

Como os outros sacramentos, também este foi instituído por Jesus Cristo. Sua promulgação, conhecemo-la pela Epístola de São Tiago, que é um resumo dos principais deveres da vida cristã. Nela há um trecho, no qual se viu a promulgação da unção dos enfermos. Ei-lo:

> Algum de vós está enfermo? Chame os presbíteros da Igreja e que orem sobre ele, ungindo-o com óleo, em nome do Senhor. E a oração da fé salvará o enfermo e o Senhor o aliviará. Se ele cometeu pecados, serão-lhe perdoados (Tg 5,14-15).

Nesse texto, encontramos todos os elementos essenciais da doutrina cristã sobre a unção do enfermos.

Em primeiro lugar, quem dela se beneficia: os doentes e não os moribundos. "Algum de vós está enfermo? Chame os presbíteros da Igreja". É o doente que deve chamar os sacerdotes, porque esse sacramento exige um pedido espontâneo; não se trata de um remédio mágico, que o sacerdote venha ministrar a um doente que está nos últimos momentos.

Os ministros do sacramento são os "sacerdotes da Igreja". A matéria é a unção com o óleo, que, na Antiguidade, era o remédio por excelência. A tradição juntou ao óleo a sua bênção, feita pelo sacerdote nos seguintes termos:

> Senhor, que em vossa bondade e misericórdia sanais as feridas de nossas almas e de nossos corpos, santificai este azeite, dando-lhe a virtude de curar, nos que com ele forem ungidos, todas as dores e enfermidades corporais, de purificá-los de todas as impurezas do corpo e da alma e de livrá-los de todos os males...

São Tiago aponta também a forma do sacramento: "E que orem sobre ele, ungindo-o com óleo em nome do Senhor". De fato, a unção com o óleo é acompanhada da seguinte prece:

> Pai santo, médico das almas e dos corpos..., pela graça de vosso Cristo, livrai este vosso servo da enfermidade corporal e espiritual que o atormenta e vivificai-o pela graça de vosso Cristo, segundo o vosso beneplácito...

Há ainda outras orações que precedem e seguem as unções constitutivas da essência do sacramento, mas essas orações não pedem senão uma coisa: a cura do enfermo e o seu retorno à vida normal. Nem uma palavra sobre a agonia, a morte ou o juízo. Que dolorosa ironia recitar essas orações impregnadas de esperança sobre um doente chegado aos últimos momentos!

São Tiago indica também os efeitos do sacramento: "A oração da fé salvará o enfermo e o Senhor o aliviará; e se cometeu pecados, ser-lhe-ão perdoados". O efeito primário do sacramento é, pois, a cura corporal do enfermo; o segundo efeito é a remissão dos pecados.

O costume imemorial e universal da Igreja opõe-se, aliás, a que a união dos enfermos tenha por fim essencial a purificação dos pecados e seja, por consequência,

o sacramento dos moribundos. Esse sacramento deve ser administrado àqueles que estão seriamente enfermos a ponto de haver perigo não imediato, mas provável, de morte. Nunca, porém, se administrou esse sacramento a condenados à morte, a náufragos, a soldados que partem para a frente de batalha: vão, talvez, morrer, mas não estão doentes. O sacramento não é para esses. Por outro lado, pode renovar-se esse sacramento, tantas vezes quantas se caia em nova doença mortal.

Finalidade da unção dos enfermos

O sacramento da união dos enfermos tem, pois, por fim, se acreditarmos no texto fundamental de São Tiago, salvar, aliviar, restabelecer o enfermo.

Estando a doença profundamente ligada ao pecado e a alma e o corpo intimamente unidos, a união produz, ao mesmo tempo, efeitos sobre a alma e completa os efeitos espirituais do sacramento da penitência. Se nem sempre dá a saúde ao corpo – o que acontece mais vezes do que se acredita, conforme podem testemunhar médicos e enfermeiras –, dá-lhe calma e purifica-o interiormente. Santifica o estado do enfermo e permite que a doença se torne mais meritória. É preciso, pois, administrá-la o mais cedo possível a qualquer enfermo, cujo estado implique perigo provável, ainda que longínquo, de morte. Procedendo de outro modo e administrando-se o sacramento no último instante, priva-se o doente daquele conforto que a misericórdia de Cristo para ele preparou.

É para desejar que a união dos enfermos encontre, cada vez mais, a sua verdadeira função, que é a de curar ou, em qualquer caso, santificar a doença, enquanto que o sagrado viático (a eucaristia) continua a ser o remédio destinado aos moribundos.

Ritual da unção dos enfermos

Liturgicamente a união dos enfermos constitui-se em verdadeira liturgia da palavra.

Iniciada, como todos os ofícios, pelas orações preparatórias que incluem uma

invocação à Santíssima Trindade, compreende uma "sinapte" na qual se pede para que o azeite seja "bento pela virtude, ação e descida do Espírito Santo", e que o enfermo "receba a visita de Deus e sobre ele desça a graça do Espírito Santo".

Depois lêem-se o trecho da epístola de São Tiago que se refere à união dos enfermos e o evangelho do bom samaritano que "ligou as feridas do homem, vítima dos ladrões, derramando nelas azeite e vinho".

Após a ectenia o sacerdote benze o utensílio que contém o azeite, pedindo a Deus que envie seu Espírito Santo e santifique o azeite, fazendo dele "um meio para a plena libertação de seu servo enfermo dos seus pecados e para a herança do reino dos céus".

Procede-se, então, à unção que o sacerdote administra rezando a oração

> Pai santo, médico das almas e dos corpos..., livrai este vosso servo da enfermidade corporal e espiritual que o atormenta e vivificai-o pela graça de vosso Cristo...

Portanto a cerimônia com a imposição do Santo Evangelho sobre a cabeça do doente, enquanto o sacerdote reza:

> Rei Santo... não é minha mão pecadora que estou pondo sobre a cabeça daquele que se apresenta a vós, ... mas vossa mão poderosa manifestada por este Santo Evangelho...

O encerramento se faz pela bênção de despedida.

Sacerdócio

"Só no céu compreenderemos bem o padre", dizia o Santo Cura d'Ars. Aqui na terra, até cristãos praticantes não o compreendem, vendo nele apenas um funcionário

público da Igreja, um burocrata que dá certidão de batismo ou casamento, reza missas de sétimo dia e de formatura; há pais cristãos que se sentem diminuídos porque o filho quer "estudar para padre" e fazem o possível para demovê-lo dessa ideia absurda e convencê-lo a seguir uma carreira que dá mais futuro.

No entanto que seria de nós sem o sacerdócio? Não podemos recordar um só dos benefícios de Deus, sem encontrar, ao lado dessa lembrança, a figura do padre. Sem padre não há Igreja e sem Igreja não há salvação.

Falando da eucaristia, São João disse que Jesus amou os seus até ao extremo. Ora, quem transforma o pão e o vinho em corpo e sangue de Cristo e no-los dá em alimento, senão o padre. Sem padre não há eucaristia, não há Cristo presente entre nós.

Instituição do sacramento

> Tudo pontífice é tirado dentre os homens e constituído em favor dos homens em suas relações com Deus, para oferecer dons e sacrifícios pelos pecados... E ninguém se arroga essa dignidade, mas deve ser chamado por Deus (Hb 5,1-4).

O homem, como criatura racional, deve render a Deus um culto no qual reconheça a sua dependência para com o Criador, agradeça-lhe os benefícios, peça-lhe perdão pelas faltas e implorar auxílio. Culto íntimo antes de tudo; mas também culto externo, litúrgico, pois que o homem não é puro espírito: é uma mistura de corpo e alma. Ademais não vive por si só, isolado de todos e de tudo; é um ser social, e nessa qualidade deve render um culto como membro de um grupo. E visto que em toda sociedade há um chefe, o culto social forçosamente será presidido por aquele que representa todos os membros diante de Deus: o sacerdote. "Constituído em favor dos homens, em suas relações com Deus", ele será sobretudo o sacrificador: oferecerá sacrifícios de adoração, ação de graças, desagravo e impetração.

Em todos os tempos os homens sentiram a necessidade de um mediador entre

eles e o divino. Os povos pagãos e o povo hebreu tiveram esse mediador na pessoa do sacerdote. E isso até que Deus Pai enviou o seu Filho Unigênito para ser o pontífice do novo e definitivo culto que o aplacará e reconciliará com a humanidade prevaricadora: "Tu és sacerdote para sempre, disse-lhe, segundo a Ordem de Melquisedeqe" (Hb 5,6).

> Quis o Divino Redentor que a vida sacerdotal, iniciada por ele no seu corpo mortal com as suas orações e com o seu sacrifício, se não interrompesse, no decorrer dos séculos, no seu Corpo Místico, que é a Igreja; e, portanto, instituiu um sacerdócio visível, para oferecer em todo lugar a oblação pura, para que, do Oriente ao Ocidente, os homens libertos do pecado servissem a Deus por dever de consciência, espontaneamente e de boa vontade (Pio XII, Mediator Dei, n. 2).

Escolheu, pois, o Sumo Sacerdote da Nova Aliança alguns dentre os homens que lhe emprestariam a inteligência, a vontade, as mãos e a língua, para que ele continuasse o seu ofício sacerdotal. Na última ceia instituiu simultaneamente a eucaristia e o sacerdócio: a fim de perpetuar o calvário, instituiu um sacrifício visível e sacramental a ser indefinidamente repetido; pelo fato mesmo devia criar um sacerdócio visível e permanente: o sacrifício chama o sacrificador.

> O Senhor Jesus, na noite em que foi entregue tomou o pão e, dando graças, o partiu e disse: isto é o meu corpo que é para vós; fazei isto em memória de mim. Depois da ceia, tomou igualmente o cálice, dizendo: este cálice é a nova aliança em meu sangue; todas as vezes que o beberdes, fazei-o em memória de mim.

Poder sobre o corpo sacramentado de Cristo, para oferecê-lo em sacrifício a Deus; poder sobre o Corpo Místico de Cristo, para santificá-lo pelo culto, eis todo o sacerdócio cristão. Como tal poder espiritual – juntamente com a graça para bem

desempenhá-lo – é conferido por um rito instituído por Cristo, podemos falar no sacramento do sacerdócio ou, como dizemos vulgarmente, no sacramento da ordem.

No cenáculo, Jesus fez de seus apóstolos os sacrificadores da Nova Aliança; ressuscitado, deu-lhes o divino poder de perdoar os pecados (cf. Jo 20,21-23).

O sacramento da ordem tem cunho eminentemente social: o padre não exerce o sacerdócio para si, mas para os fiéis. Ministro do culto ele faz subir até Deus as preces da comunidade, oferece o sacrifício perfeito. Instrumento de santificação, ele faz dos homens membros de Cristo pelo batismo; fortifica, alimenta, restaura a vida sobrenatural, pela confirmação, eucaristia, penitência e unção do enfermos.

O sacerdote é o orante oficial que rende a Deus culto condigno e recolhe na sua prece as homenagens e necessidades de todos os homens. Ele é, antes de tudo, o homem do altar. As obras vêm depois.

Graus na ordem sacerdotal

Cristo fez seus apóstolos presbíteros (bispos e sacerdotes) e os apóstolos ordenaram diáconos para ajudá-los. Por isso episcopado, sacerdócio e diaconato constituem o sacramento da ordem e são chamados de ordens maiores; as ordens menores não o são, por serem instituições eclesiásticas.

Oriente e Ocidente sempre reconheceram os três graus maiores, mas divergiam sobre os menores: para os latinos esses eram cinco até que Paulo VI os reduziu a dois; para os bizantinos sempre foram dois: o leitorado e o subdiaconato.

A administração litúrgica dos cinco graus se faz do modo seguinte:

1. O leitorado e o subdiaconato conferem-se antes da divina liturgia, fora do santuário por uma imposição das mãos, impropriamente dita e chamada "Cheirotésia", que não requer contato físico.

2. O diaconato, o sacerdócio, e o episcopado conferem-se no santuário, durante a celebração da divina liturgia, por uma imposição das mãos chamada Cheiro-

tonia, que requer contato físico; o diaconato, após a consagração; o sacerdócio e o episcopado, antes.

3. Nem para as ordens maiores nem para as menores, a entrega dos instrumentos característicos constitui um elemento essencial da ordenação, ao contrário do rito latino: enquanto, no rito latino, os instrumentos são dados no início da cerimônia, e para as ordens menores essa entrega constitui a ordenação; no rito bizantino a entrega se faz no fim e significa uma manifestação e um exercício da ordenação recebida.

Do ponto de vista canônico a obrigação ao celibato começa com o diaconato.

Vamos registrar aqui o ritual da ordenação sacerdotal, que não constou no Pequeno eucologion ou Sacramentário bizantino-melquita.

O Leitorado

Objetos a preparar:

- Tesoura e bandeja
- Felônio
- Epistolário

Rito

1. A ordenação do leitorado se faz antes da liturgia, isto é, antes do diálogo entre o diácono e o celebrante, que marca o início da missa. Distinguem-se quatro cerimônias:

2. Tonsura: Ao bispo, sentado no pequeno trono, preparado no coro, o diácono apresenta o ordinando, que se ajoelha. O pontífice faz um tríplice sinal-da-cruz na sua cabeça; corta em seguida uma mecha de cabelos, primeiro no alto da cabeça, dizendo: "em nome do Pai", depois, perto da frente, dizendo: "e do Filho", enfim à direita e à esquerda, dizendo: "e do Espírito Santo". A assembleia responde, cada vez, "Amém".

3. Imposição do felônio: O pontífice benze o felônio e coloca-o no pescoço do futuro leitor, sem nada dizer.

4. Colação do leitorado: O pontífice faz um tríplice sinal-da-cruz sobre o ordinando ajoelhado, impõe-lhe a mão direita e reza a oração seguinte:

> Senhor todo-poderoso, que escolhestes vosso servo N... aqui presente, santifica-o, concedei-lhe a graça de meditar e ler vossas santas palavras com perfeita sabedoria e inteligência; e conservai-o irrepreensível em sua vida, pela misericórdia e o amor que teve para com os homens vosso Filho Unigênito, com o qual sois bendito assim como vosso Espírito Santo e vivificante, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

O pontífice faz um tríplice sinal-da-cruz sobre o ordinando que se levanta:

5. Entrega dos instrumentos: O pontífice entrega ao leitor o epistolário sem nada dizer; o ordinando lê um trecho, recebe a bênção do pontífice, faz uma metania diante da porta santa e vai depor o felônio.

Subdiaconato

Objetos a preparar:

- Esticário com cinta

- Jarrinho com água
- Bacia
- Toalha

Rito

Três cerimônias

1. Imposição das vestes: o futuro subdiácono, tendo o felônio no pescoço apresenta-se ao pontífice, que manda tirar-lhe o felônio e revesti-lo do esticário e da cinta. O ordinando faz três metanias diante da porta santa e veste esses paramentos.

2. Colação do subdiaconato: O pontífice faz um tríplice sinal-da-cruz sobre o ordinando ajoelhado diante dele. O diácono diz: "Oremos ao Senhor". O coro: "Senhor, tende piedade". O pontífice impõe a mão sobre a cabeça do ordinando e reza a oração seguinte:

> Senhor, nosso Deus, que por um só e mesmo espírito, distribuis vossos dons a todos os que escolhestes; que instituistes diversas ordens em vossa Igreja e estabelecestes diversos graus de ministério, para o serviço de vossos altares; que, em vossa presciência inefável, tornastes vosso servo N..., aqui presente, digno de ser ministro de vossa Igreja santa, conservai-o, Senhor, puro de toda mancha; dai-lhe o dom de amar a beleza de vossa casa, de se colocar às portas de vosso santo templo, de acender a lâmpada de vosso augusto tabernáculo. Seja ele, em vossa Igreja, como uma oliveira fértil, produzindo frutos de justiça; encontre-se perfeito no dia de vossa vindá, de modo que possais dar-lhe a recompensa com a qual gratificais os que vos agradaram; porque a vós pertencem a realeza,

a força e a glória, Pai, Filho e Espírito Santo, agora e sempre e pelos séculos dos séculos.

Os presentes: Amém.

3. Entrega dos instrumentos: O pontífice põe a toalha sobre o ombro esquerdo do subdiácono, dá-lhe o jarrinho e a bacia. O ordinando beija a mão do pontífice e derrama um pouco d'água sobre suas mãos dizendo três vezes: "ossi pisti = Vós, fiéis". O bispo diz: "Si opsi".

   Após ter enxugado as mãos com a toalha, o pontífice abençoa o subdiácono, que vai colocar a bacia na mesa e reza, diante da porta santa, as orações seguintes: "Santo Deus... até o Pai Nosso"; quarenta "Senhor, tende piedade", o credo e outras...

Diaconato

Objetos a preparar:

- Orário (estola diaconal)
- Mangas
- Ripídios

Rito

A ordenação diaconal se faz depois da consagração, quando, terminadas as comemorações, o pontífice clama: Que a misericórdia de nosso Grande Deus...

O bispo, à esquerda ou à direita do altar, de pé ou sentado, com ou sem a coroa, está de frente para a assembleia. A ordenação compreende quatro partes:

1. Proclamação da ordenação: O subdiácono, com a toalha no ombro esquerdo, está diante da porta santa. Dois diáconos ladeiam-no, pondo uma mão na sua nuca; com a outra seguram-lhe a mão e conduzem-no pelo lado norte até a grande porta da igreja. Lá o primeiro diácono lê a proclamação seguinte:

   > Eis aqui o servo, eleito por Deus, o subdiácono N... que vai ser ordenado diácono, para o serviço da Igreja de N..., pelas mãos de nosso senhor e pastor, o arcebispo N..., de (nome da eparquia). Deus conserve Sua Excelência e que suas preces nos sejam úteis. Digamos pelo ordenando três "Senhor, tende piedade".

   O coro: Senhor, tende piedade (3 vezes)

   O 1º diácono: "Kelevson, ordena".

   O ordenando faz uma metania profunda. Na entrada do coro, o segundo diácono: "Ordenai Kelevsate". Segunda metania do ordenando. Na porta santa, o primeiro diácono: "Kelevson, despota aghie, Ordena, Senhor, santo". Terceira metania do ordenando, que, acompanhado pelos diáconos, passa pela porta santa e vai receber a bênção do pontífice.

2. Procissão em volta do altar – O ordenando, sempre acompanhado pelos diáconos, faz da direita à esquerda três vezes a volta do altar, beijando-lhe os quatro cantos. Ao passar diante do bispo beija-lhe a mão. Durante esse tempo os diáconos cantam os tropários seguintes:

   > Exulta de alegria, ó Isaías, porque a Virgem concebeu e deu à luz um filho, Deus e homem, cujo nome também é Oriente. Eis por que o glorificamos, proclamando a Virgem bem-aventurada.
   >
   > Santos mártires, que combatestes o bom combate e fostes coroados, intercedei ao Senhor que tenha piedade de nossas almas.
   >
   > Glória a vós, ó Cristo Deus, honra dos apóstolos e alegria dos mártires que pregaram a Trindade consubstancial.

3. Colação do diaconato: Terminada a procissão, o ordenando inclina-se diante do bispo, que faz um tríplice sinal-da-cruz na cabeça do eleito e manda tirar-lhe a cintura e a toalha. O ordenando dobra só o joelho direito, põe as mãos em cima do altar em forma de cruz e a fronte em cima das mãos. Colocam sobre sua cabeça a extremidade do homoforio. O arquidiácono diz: "Fiquemos atentos". O bispo impõe a mão direita na cabeça do ordenando e reza em voz alta a oração seguinte:

> A graça divina que sempre cura os enfermos e aperfeiçoa os imperfeitos eleva o piedosíssimo subdiácono N... ao diaconato. Rezemos, pois, para que sobre ele desça a graça do Espírito Santo.

No santuário canta-se três vezes: "Senhor, tende piedade" que o coro repete. O pontífice faz de novo um tríplice sinal-da-cruz sobre a cabeça do ordenando. O diácono diz: Oremos ao Senhor – Senhor, tende piedade. O Bispo, sempre impondo a mão direita, reza:

> Senhor, nosso Deus, que, em vossa presciência, enviais a abundância de Vosso Espírito sobre aqueles, que vosso poder inacessível escolheu para ser vossos ministros e servir vossos santos mistérios, conservai em toda santidade aquele que vos dignastes elevar, por meu intermédio, ao diaconato. Guarde ele o mistério da fé numa consciência pura. Dai-lhe a graça concedida a vosso protomártir Estêvão que chamastes primeiro ao diaconato, do qual vossa bondade o incumbiu, porque os que desempenham bem o ofício de diácono alcançam uma dignidade honrosa, porque a vós pertencem a realeza, o poder e a glória, Pai, Filho e Espírito Santo, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

O arquidiácono lê, então, os pedidos seguintes, de modo que seja ouvido somente pelos outros diáconos que respondem: Senhor, tende piedade.

– Em paz, oremos ao Senhor.

– Pela paz que vem do alto e pela salvação de nossas almas, oremos ao Senhor.

– Pela paz que vem do alto e pela salvação de nossas almas, oremos ao Senhor.

– Pela paz do mundo inteiro, pela estabilidade das santas Igrejas de Deus e pela união de todos, oremos ao Senhor.

– Pelo nosso bispo N..., seu sacerdócio, sua proteção, sua estabilidade, sua paz, sua saúde, sua salvação e as obras de suas mãos, oremos ao Senhor.

– Pelo servo de Deus N..., que está sendo ordenado agora diácono, e pela sua salvação, oremos ao Senhor.

– Para que Deus lhe conceda um ministério irrepreensível, oremos ao Senhor.

– Por esta cidade, por toda cidade e aldeia, e pelos fiéis que nelas residem, oremos ao Senhor.

– Para que sejamos livres de toda aflição, ira, perigo e necessidade, oremos ao Senhor.

– Socorrei-nos, salvai-nos, tende piedade de nós e conservai-nos ó Deus, pela vossa graça.

– Comemorando nossa Santíssima, puríssima, bendita e gloriosa senhora, Mãe de Deus e sempre Virgem Maria, e todos os santos recomendemo-nos, nós mesmos, uns e outros, e toda nossa vida a Cristo, nosso Deus – A vós, Senhor.

O Bispo, impondo sempre a mão direita, reza a oração seguinte:

> Ó Deus, nosso Salvador, que, por vossa palavra incorruptível, impusestes aos apóstolos a lei do serviço, que mostrastes essa lei cumprida pelo protomártir Estêvão, ao qual ordenastes que desempenhasse primeiro a ação de servir, conforme está escrito em vosso santo evangelho: "Quem quiser, entre vós, ser o primeiro,

> seja vosso servidor", vós Senhor de todas as coisas, enchei vosso servo N..., que julgastes digno do ministério diaconal, de fé, caridade, força e santidade, pela vinda de vosso Espírito Santo e vivificante. Porque não é pela imposição de minhas mãos, mas pela abundância de vossa misericórdia, que a graça é dada aos que são dignos de vós. Que ele, isento de todo pecado, compareça diante de vós irrepreensível no dia do juízo e receba a recompensa prometida, porque sois nosso Deus e nós vos rendemos glória, Pai Filho e Espírito Santo, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

4. Imposição das vestes e entrega dos instrumentos: O novo diácono levanta-se e tira o cinto. O bispo coloca-lhe no ombro esquerdo o orário, cantando "Axiós" é digno. No santuário e depois o coro cantam igualmente três vezes "Axiós". O bispo coloca-lhe em seguida as mangas com as mesmas cerimônias.

Sempre com os mesmos ritos o bispo entrega, ao diácono, o ripídio. O ordenando beija a mão do bispo, agita o ripídio sobre o cálice e coloca-o no altar. Beija o altar, a mão do bispo; este pode dar-lhe o ósculo da paz, assim como os outros diáconos.

Ordenação sacerdotal

O momento da ordenação sacerdotal fica antes da consagração, após a bênção do bispo, concluindo o Cheruvicon. As cerimônias são as seguintes:

1. Proclamação da Ordenação

O bispo com a coroa na cabeça senta-se à esquerda do altar (isto é, do lado do ícone da Virgem) de costas para este último.

Dois diáconos, segurando o candidato, saem do santuário e conduzem-no até a porta principal da igreja. Lá o primeiro diácono faz a proclamação seguinte:

> Eis aqui o servo, eleito por Deus, o diácono N..., que vai ser ordenado sacerdote para o serviço da Igreja, de (nome da diocese), pela mão de nosso Senhor e Pastor, o arcebispo N... de (nome da diocese). Deus conserve Sua Excelência e que suas preces nos sejam úteis.

Coro: Senhor, tende piedade (3 vezes)

O primeiro diácono: "Ordena"

O ordinando faz uma metania profunda.

Na entrada do coro, o segundo diácono: "Ordenai"; segunda metania do ordinando.

Nas portas santas, o primeiro diácono: "Ordena, Senhor santo". Terceira metania do ordinando.

2. Procissão em volta do altar

Depois do terceiro "Ordena" e respectiva metania, o ordinando sobe sozinho pela porta santa; dois sacerdotes acolhem-no e o levam para se apresentar ao bispo que o

abençoa. Em seguida, cercado pelos sacerdotes faz três vezes a procissão em volta do altar, da direita para a esquerda, beijando os quatro cantos do mesmo, a mão e o joelho do bispo por cima do omoforion. Durante esse tempo cantam-se os seguintes hinos:

> Exulta de alegria, ó Isaías, porque a Virgem concebeu e deu à luz um filho, Deus e Homem, cujo nome também é Oriente. Eis por que o glorificamos, proclamando a Virgem bem-aventurada.
>
> Santos mártires que combatestes o bom combate e fostes coroados, intercedeí ao Senhor que tenha piedade de nossas almas.
>
> Glória a vós, ó Cristo Deus, honra dos apóstolos e alegria dos mártires que pregaram a Trindade consubstancial.

3. Colação do sacerdócio

Terminada a procissão, o bispo levanta-se, tira a coroa e fica de pé no meio do altar; abençoa três vezes o ordinando, que se ajoelhou com os dois joelhos, apoiando as mãos cruzadas sobre o altar e a cabeça em cima das mãos. Colocam-lhe sobre esta última a extremidade do omoforion.

O diácono: Fiquemos atentos!

O bispo impõe a mão direita sobre a cabeça do ordinando ajoelhado e reza em voz alta:

> A graça divina que sempre cura os enfermos e aperfeiçoa os imperfeitos eleva o piedosíssimo diácono N... ao sacerdócio. Rezemos, pois, para que sobre ele desça a graça do Espírito de toda santidade.

No santuário canta-se três vezes: "Senhor tende piedade" que o coro repete.

O bispo faz três vezes o sinal-da-cruz sobre a cabeça do ordinando, impondo-lhe a mão direita. O diácono diz: "Oremos ao Senhor". Responde-se: "Senhor, tende piedade". E o pontífice reza secretamente a seguinte oração:

> Ó Deus, que sois sem começo nem fim e mais ancião (presbitatos) que toda criatura, que honrastes com o nome de ancião (presbíteros) os que foram julgados dignos de administrar vossa palavra de verdade, neste grau da hierarquia; ó soberano de todas as coisas, apraza-vos que este vosso servo que, conforme a vossa vontade vai ser ordenado por mim, receba essa grande graça de vosso Espírito Santo; tornai-o perfeito e em tudo agradável a vossos olhos; seja ele digno por seu procedimento dessa grande honra do sacerdócio que lhe transmitistes pelo vosso poder e presciência; porque a vós pertencem o reino, o poder e a glória, Pai, Filho e Espírito Santo, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

Em seguida o primeiro sacerdote lê os pedidos diaconais, de modo que não seja ouvido, a não ser pelos que estão no santuário:

– Em paz, oremos ao Senhor – Senhor, tende piedade.

– Pela paz que vem do alto e pela salvação de nossas almas, oremos ao Senhor – Senhor, tende piedade.

– Pela paz do mundo inteiro, pela estabilidade das santas Igrejas de Deus e pela união de todos, oremos ao Senhor – Senhor, tende piedade.

– Pelo nosso bispo, seu sacerdócio, sua proteção, sua estabilidade, sua paz, sua saúde, sua salvação e as obras de suas mãos, oremos ao Senhor – Senhor, tende piedade.

– Pelo servo de Deus N... que está sendo ordenado agora sacerdote e pela sua salvação, oremos ao Senhor – Senhor, tende piedade.

– Para que Deus lhe conceda um ministério irrepreensível, oremos ao Senhor –

Senhor, tende piedade.

– Por esta cidade, por toda cidade e aldeia e pelos fiéis que nelas residem, oremos ao Senhor. Senhor, tende piedade.

– Para que sejamos livres de toda aflição, ira, perigo e necessidade, oremos ao Senhor – Senhor, tende piedade.

– Socorrei-nos, salvai-nos, tende piedade de nós e conservai-nos, ó Deus, pela vossa graça – Senhor, tende piedade.

– Comemorando nossa Santíssima, puríssima, bendita e gloriosa Senhora, Mãe de Deus e sempre Virgem Maria, e todos os santos, recomendemo-nos, nós mesmos, uns e outros, e toda nossa vida, a Cristo Deus. A vós, Senhor.

O bispo, continuando a impor a mão, reza em voz alta:

> Ó Deus, poderoso, incompreensível e admirável em vossos desígnios sobre os filhos dos homens, enchei, Senhor, este vosso servo N..., que vos dignastes conduzir para o sacerdócio, do dom de vosso Espírito Santo, para que se torne digno de se manter irrepreensível diante de vosso altar, pregar o evangelho de vosso reino, administrar vossa palavra de verdade, oferecer-vos dons e sacrifícios espirituais, renovar vosso povo nas águas da regeneração. Possa ele se apresentar, quando da segunda vinda de vosso Filho Unigênito, nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo, para receber o salário que, na plenitude de vossa bondade, reservais àqueles que desempenharem suas funções como devem, porque é bendito e glorificado vosso nome glorioso e admirável, Pai, Filho e Espírito Santo, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

4. Imposição dos paramentos

O bispo levanta o ordenando, manda tirar o orarion diaconal, benze o epitrachilion (estola), apresenta-lho para beijar e coloca-o no seu pescoço, dizendo: "Axios = é

digno". Os que estão no santuário e depois o coro repetem essa aclamação.

Colação da cintura e do phelonion com as mesmas cerimônias.

O novo sacerdote beija o altar, a mão do pontífice, que lhe dá também o ósculo da paz que recebe, também, dos outros sacerdotes juntos dos quais permanece, rezando as orações da divina liturgia, porque passa a concelebrar. Na hora do ósculo da paz, é o primeiro a recebê-lo do pontífice.

5. Entrega do depósito

Imediatamente após a epiclese ou mais exatamente antes de: "de modo que sejam para os comungantes...", o neo-sacerdote aproxima-se do bispo, do lado esquerdo, com a mão direita em cima da esquerda. O bispo entrega-lhe uma hóstia preparada nessa intenção, dizendo: "Recebe este depósito e guarda-o até a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, porque te pedirá conta dele".

Beijando a mão do bispo, volta a seu lugar, põe as mãos em cima do altar e reza 40 vezes: "Senhor, tende piedade" e o salmo 50. Antes de "as coisas santas aos santos", devolve a hóstia ao pontífice que a coloca na patena. É o primeiro a comungar entre os sacerdotes e é ele que reza:

> Senhor, que abençoais os que vos bendizem...
>
> Esta cerimônia deve encher de temor e de tremor; mostra que o sacerdote tornou-se o administrador dos mistérios divinos e que a vítima que lhe é dada para o sacrifício é Nosso Senhor em pessoa, o pão vivo. Seu sacerdócio e a vítima que imolará cada dia lhe são confiados como um depósito, do qual lhe será pedido conta (Simeão de Tessalônica).

Capítulo 5

Conclusão

Amor louco de Deus

Os Santos Padres da Igreja chamam a Deus de "Filanthropos", amigo dos homens". Esse amor manifestou-se por incompreensíveis e até inacreditáveis atos de Deus: criação, encarnação, redenção e descida do Espírito Santo. Chegou aos limites da loucura "amou até o extremo".

Os sacramentos instituídos pelo Filho feito Homem, para acompanhar o homem desde o nascimento até a morte, permitindo-lhe viver em união com Deus pela graça, fortalecer essa mesma graça e recuperá-la, quando perdida, não passam de meios ditados pelo amor.

Portanto estes ensaios com uns trechos do livro do Pe. Evdokimov, intitulado: Amor louco de Deus.

> Diante do sofrimento dos inocentes, das crianças anormais, dos acidentes absurdos, pode-se aplicar a Deus a mais paradoxal noção de fraqueza invencível. A única resposta adequada é dizer que "Deus é fraco", que ele só pode sofrer conosco, que o sofrimento é o pão que Deus reparte com o homem. Fraco, certo, não em sua onipotência formal, mas em seu amor que renuncia livremente a seu poder. É sob esse aspecto de fraqueza que aparece a N. Cabasilas como "amor louco de Deus ao homem".

O deus temível e impassível de alguns teólogos, perdidos nas concepções do Antigo Testamento, manifesta-se como o Pai Sofredor: "O Pai é o amor que crucifica, o Filho é amor crucificado, o Espírito é o poder invencível da Cruz". Mistério do amor crucificando irradiando luz na manhã da Páscoa, "fraqueza triunfando da morte e do inferno."

Esse mistério estava já pressentido pela corrente mística do pensamento judeu. Rabbi Baruc procurava o meio de explicar que Deus é um companheiro de exílio, um solitário abandonado, um estrangeiro desconhecido entre os homens. Um dia,

seu neto brincava de esconde-esconde com outra criança. Ele se escondeu, mas o companheiro desistiu de procurá-lo e foi-se embora. O neto queixou-se, chorando, ao avô. Os olhos cheios de lágrimas, também, Rabbi Baruc exclamou: "Deus diz a mesma coisa: eu me escondo, mas ninguém vem me procurar".

Um santo dizia a uma criança:

> Se pudesses brincar com Deus, seria a coisa mais grandiosa que jamais teria sido feita. Todo mundo o toma tão a sério, que o tornam mortalmente enjoativo... brinca com Deus, meu filho, ele é o supremo companheiro de brincadeira...

Porque o homem pode dizer "não", seu "sim" toma plena ressonância e coloca-se no mesmo plano que o "sim" de Deus. Por isso também Deus aceita ser recusado, desconhecido, rejeitado, eliminado por sua própria criatura. Na cruz, Deus contra Deus, tomou o partido do homem.

N. Cabasilas, disse-o admiravelmente:

> Deus apresenta-se e declara seu amor... Rejeitado, espera à porta. Em troca de todo o bem que nos faz, só pede o nosso amor. O cristão é um homem miserável, mas sabe que há alguém mais miserável ainda, aquele mendigo de amor à porta do coração: "Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e tomarei refeição com ele, e ele comigo" (Ap 3,20).

O Filho vem sobre a terra para sentar-se à "mesa dos pecadores". O amor só pode ser oblação até a morte. Deus morre para que o homem viva nele...

A fé é a reciprocidade de dois "fiat", de dois "sim", o encontro do amor descendente de Deus e do amor ascendente do homem. A voz de Deus é silenciosa, exerce uma pressão infinitamente leve, jamais irresistível. Deus não dá ordens, faz apelos: "Escuta, Israel" ou "Se queres ser perfeito..."

Os desejos divino e humano culminam no Cristo histórico, no qual Deus e o homem olham-se como num espelho e se reconhecem, porque, conforme diz São Máximo, "o amor de Deus e o amor dos homens são os dois aspectos de um só amor total".

Adverte-se aos curiosos que esta obra foi composta em tipologia EB Garamond, em GNU/Linux (CRUX), com os softwares livres LaTeX, Vim, Zathura, GIMP e Surya.